



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

VALDEMIRA PEREIRA CANÊJO DE ANDRADE

**A RELAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA NO CURSO DE LICENCIATURA EM
GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)**

Recife
2021

VALDEMIRA PEREIRA CANÊJO DE ANDRADE

**A RELAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA NO CURSO DE LICENCIATURA EM
GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Geografia. Área de concentração: Regionalização e Análise Regional.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Kennedy Silva dos Santos

Recife
2021

VALDEMIRA PEREIRA CANÊJO DE ANDRADE

**A RELAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA NO CURSO DE LICENCIATURA EM
GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Regionalização e Análise Regional.

Aprovada em: 28/01/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Francisco Kennedy Silva dos Santos (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Priscylla Karoline de Menezes (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Juliana Nóbrega de Almeida (Examinadora Externa)
Universidade Estadual da Paraíba

Ao meu senhor Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, em quem deposito toda a minha confiança, a minha fé e a minha esperança. À minha guerreira mãe Josefa Alexandre de Oliveira, que sempre batalhou para proporcionar as melhores condições de vida para a nossa família. Uma homenagem especial (*in memoriam*) ao meu amado pai José Pereira Canêjo Primo. À minha amiga e minha irmã Valquíria Pereira Canêjo. Ao meu precioso sobrinho Hércules Canêjo dos Santos. Ao meu querido e amado esposo de todos os momentos Romero Manoel de Andrade. A todos que, na esperança e na perseverança, conquistam grandes vitórias através da Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por aumentar minha fé, pelo dom da vida, pela esperança e pela perseverança, por seres meu amparo e apoio nas horas de aflição, dando-me serenidade e forças para enfrentar todos os obstáculos que colocastes em meu caminho, ciente de que tudo tem seu tempo determinado e que há um tempo certo para cada propósito criado.

Agradeço à minha família, em especial à minha maravilhosa mãe Josefa Alexandre de Oliveira, uma mulher guerreira, minha maior motivação, o motivo dos meus sorrisos mais sinceros. Eu só tenho a te agradecer por ficar sempre ao meu lado, com teu apoio, cuidando de mim, mostrando-me o que é certo e o que é errado, colocando-me em suas orações. Desde o início, incentivou-me para nunca desistir dos meus objetivos, apoiando-me nos momentos de dificuldades. Foi no teu colo de mãe que compartilhei minhas tristezas, felicidades e conquistas.

Presto uma homenagem especial (*in memoriam*) ao meu querido e amado pai José Pereira Canêjo Primo, que partiu para morada eterna, esteve ao meu lado, permaneceu comigo em todos os momentos, dando-me forças para enfrentar todos os desafios na minha vida acadêmica.

Minha imensa gratidão à minha irmã Valquiria Pereira Canêjo Santos, que me ajudou a superar as dificuldades, que orou por mim, sempre dizendo que tudo iria ficar bem, diminuindo os contratempos perante os desafios, aconselhando-me nas decisões tomadas.

Também sou grata ao meu sobrinho Hércules Canêjo dos Santos, uma criança que nos últimos anos me mostrou o valor de um sorriso sincero, de uma magia tão intensa que é capaz de transformar um simples gesto num momento espetacular.

Minha sincera gratidão ao meu amado esposo Romero Manoel de Andrade, que sempre esteve presente desde o início até hoje, apoiando-me nas decisões, aconselhando-me com palavras de confiança e força, mostrando que sou capaz de conquistar meus objetivos e superar todos os obstáculos. Agradeço por ser essa voz que me faz continuar, a ajuda que não me deixa cair e a luz que me permite acreditar.

Minha imensa gratidão ao meu orientador Prof. Dr. Francisco Kennedy Silva dos Santos, um ser que mudou minha vida acadêmica com seu jeito fiel e exemplo de professor pesquisador, que contribuiu para tantas vitórias e que confiou em meu potencial, dando-me a oportunidade de trilhar no Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEP), no Grupo de Pesquisa Educação Geográfica, Cultura Escolar e Inovação (GPECI) e no Programa de Iniciação à Docência - PIBID, onde tudo começou, ainda na graduação.

Aos colaboradores do Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEP), no Grupo de Pesquisa Educação Geográfica, Cultura Escolar e Inovação (GPECI) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Meus sinceros agradecimentos às professoras da banca avaliadora Juliana Nóbrega de Almeida e Priscylla Karoline de Menezes, pela disposição em participarem da banca de qualificação e da defesa final desta dissertação.

Agradeço aos docentes das disciplinas cursadas durante o Mestrado, pelos seus ensinamentos que foram essenciais para a minha formação no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEU/UFPE. Também agradeço aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU/UFPE, em especial à Profa. Dra. Maria Eliete Santiago, um ser humano de luz.

Minha gratidão às amigas da Casa do Estudante Universitário Feminina – CEU/F, pela vivência e pela amizade construída durante a graduação, sobretudo a Ana Janyelle, Aline Neves, Kézia Mikaelly e Robervânia Soares.

Aos amigos da UFPE licenciados em Geografia, Ciências Biológicas, Letras Espanhol, Letras Libras, Pedagogia, Química e Sociologia, minha gratidão pelo carinho e apoio.

Aos amigos que fiz durante a caminhada na graduação e que, hoje, estão no curso de Mestrado e Doutorado, agradeço pela motivação e por todo o apoio.

Agradeço à Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, pela oportunidade de realizar meu Mestrado, e ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT) que, através das políticas de inclusão de jovens pobres e negros no ensino superior, realizou sonhos de tantos sujeitos que desejavam ingressar na Universidade Pública para cursar a graduação e, posteriormente, a pós-graduação *stricto sensu*.

Agradeço, por fim, ao Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela concessão da bolsa de Mestrado que financiou esta pesquisa e contribuiu para a minha dedicação à pós-graduação.

GRATIDÃO!

“Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”.
(ECLESIASTES, 1991, p. 818).

RESUMO

A presente dissertação é resultado de uma pesquisa que tem como objetivo central compreender a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), bem como identificar quais impactos pedagógicos são construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa. Ainda pensando em tal objeto, a forma de abordagem é qualitativa, utilizando-se, na tipologia de pesquisa, o Estudo de Caso. Para análise e tratamento dos dados coletados, empregou-se a técnica de Análise de Conteúdo. Participaram desta pesquisa 10 (dez) egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, do curso de Licenciatura em Geografia da UFPE, durante o ano de 2019, os quais responderam a um questionário aberto e fechado constituído por 18 (dezoito) perguntas. Os resultados obtidos apresentam que a pesquisa exerce papel fundamental e contribui significativamente na formação inicial de professores de Geografia, permitindo aproximá-los da realidade escolar, desenvolvendo habilidades e metodologias para o ensino da Geografia em sala de aula. Em relação à articulação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), esta se traduz em alguns componentes curriculares, a exemplo da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, porém tal articulação ainda se mostra um grande desafio. Sobre a vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, constatou-se que teve impacto pedagógico em outras formas de realizar pesquisa a partir de outros componentes curricular, a ampliar a visão sobre a pesquisa, a compreender sobre a inserção da pesquisa no campo de atuação profissional, a aprender a fazer pesquisa. Observou-se na análise que a prática do professor da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia contribuiu/impactou no processo de construção da pesquisa para a formação inicial do futuro professor de Geografia, a elaborar projetos de pesquisa com foco no ensino de Geografia, a estimular a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com proposta para a área de formação de professor e o ensino de Geografia. O outro importante elemento sobre a vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, no tocante aos impactos pedagógicos construídos para a formação inicial do professor de Geografia, é aprender que o professor também pode ser um pesquisador no próprio ambiente escolar, o que conduziu a compreender que ensino e pesquisa estão articulados num movimento intrínseco de desenvolver um pensamento que ser professor não se resume apenas ao trabalho em sala de aula, a ter um novo olhar sobre a pesquisa. Diante dos dados, pode-se compreender que a articulação entre ensino e pesquisa

como proposta fundamental na formação inicial de professores de Geografia tem como ideia principal não a de formar pesquisadores e estar restrito a uma temática específica da Geografia, mas se constitui enquanto processo de autonomia, emancipação e problematização da realidade, capaz de promover uma formação de sujeitos críticos e propositivos.

Palavras-chave: Ensino. Pesquisa. Geografia. Formação Inicial de Professores.

ABSTRACT

The present dissertation is the result of a research that has as central objective to understand the relationship between teaching and research in the Degree in Geography of the Federal University of Pernambuco (UFPE), as well as to identify which pedagogical impacts are built for the initial formation from the experience of the research. Still thinking about this object, the approach is qualitative, using, in the research typology, the Case Study. For analysis and treatment of the collected data, the Content Analysis technique was used. Ten (10) egresses of the subject of Applied Research to the Teaching of Geography, of the course of Degree in Geography of UFPE, during the year 2019, participated in this research, which answered to an open and closed questionnaire constituted by 18 (eighteen) questions. The results obtained show that research plays a fundamental role and contributes significantly to the initial training of Geography teachers, allowing them to approach the school reality, developing skills and methodologies for the teaching of Geography in the classroom. As for the articulation between teaching and research in the Degree in Geography at the Federal University of Pernambuco (UFPE), this translates into some curricular components, such as the subject of Applied Research to the Teaching of Geography, but such articulation still shows itself to be a great challenge. About the experience of research in the subject of Applied Research to the Teaching of Geography, it was verified that it had pedagogical impacts in other ways of carrying out research from in other curricular components, to expand the vision about the research, to understand about the insertion of research in the professional field, to learn how to do research. It was observed in the analysis that the practice of the professor of Applied Research to the Teaching of Geography contributed/impacted in the process of construction of the research for the initial formation of the future professor of Geography, to elaborate research projects with focus on the teaching of Geography, to stimulate the construction of the Work of Conclusion of Course (TCC) with a proposal for the area of formation of professor and the teaching of Geography. The other important element about the experience of research in the subject of Applied Research to the Teaching of Geography, regarding the pedagogical impacts built for the initial formation of the Geography teacher, is to learn that the teacher can also be a researcher in his own school environment, which led to the understanding that teaching and research are articulated in an intrinsic movement of developing a thought that being a teacher is not only about working in the classroom, to have a new look on research. In view of the data, it can be understood that the articulation between teaching and research as a

fundamental proposal in the initial formation of Geography teachers has as its main idea not to form researchers and be restricted to a specific theme of Geography, but to constitute a process of autonomy, emancipation and problematization of reality, capable of promoting the formation of critical and propositional subjects.

Keywords: Teaching. Research. Geography. Initial Teacher Training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Mapeamento Realizado na BDTD sobre Pesquisa na graduação (2000-2012).....	49
Gráfico 1 – Sujeitos participantes por sexo de um total de 10 pesquisados.....	129
Gráfico 2 – Faixa Etária dos sujeitos participantes da pesquisa.....	130
Gráfico 3 – Sujeitos participantes por mesorregiões do estado de Pernambuco.....	131
Gráfico 4 – Quantitativo de disciplinas que os sujeitos participantes da pesquisa faltam para concluir o curso de Licenciatura em Geografia.....	132
Gráfico 5 – Tipo de atividade que os sujeitos participantes da pesquisa exercem.....	133
Gráfico 6 – Sujeitos participantes da pesquisa que realizou algum tipo de estágio como professor(a) de Geografia durante a formação inicial na escola.....	134
Gráfico 7 – Sujeitos da pesquisa que participa/participou de atividades relacionada ao ensino e/ou atividades no tocante à pesquisa na UFPE durante a formação inicial.....	135

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAV	Centro Acadêmico de Vitória
DCG	Departamento de Ciências Geográficas
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EDPAEGs	Egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEXT	Encontro de Extensão
GEPAR	Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação
GPECI	Grupo de Pesquisa Educação Geográfica, Cultura Escolar e Inovação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEGEP	Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PIBIC	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPI	Projeto Pedagógico Institucional
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROACAD	Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais

PPGEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	A PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: O Estado da Questão.....	44
2.1	Tecendo caminhos à construção do Estado da Questão.....	44
2.2	Análise dos estudos que compõem o Estado da Questão.....	51
3	FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA.....	60
3.1	Contexto inicial dos cursos de formação de professores.....	60
3.2	O curso de Licenciatura e as diretrizes para a formação de professores de Geografia.....	67
4	A PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO PARA O PROFESSOR DE GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO INICIAL.....	73
4.1	Pesquisar na graduação: Desvendar e Explorar.....	73
4.2	Ensino, Pesquisa: Desafios e proposituras para a formação inicial do professor de Geografia.....	85
4.3	Contribuições da pesquisa na formação inicial do professor.....	105
5	O PAPEL DA PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA: Diálogo com os discentes.....	120
5.1	O lugar da pesquisa na formação inicial do professor de Geografia da UFPE.....	120
5.2	Relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na formação inicial do professor.....	124
5.3	Entretecendo diálogos entre ensino e pesquisa com os sujeitos participantes: vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia do curso de Licenciatura em Geografia da UFPE.....	126
5.3.1	Perfil dos egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia.....	128
5.3.2	Os impactos pedagógicos construídos a partir da vivência da pesquisa na formação inicial do professor de Geografia: o que revelam os dados da pesquisa.....	139
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161

REFERÊNCIAS.....	170
APÊNDICE A – Carta-convite e apresentação da pesquisa elaborada para os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia do ano 2019.....	178
APÊNDICE B – Questionário confeccionado para os egressos da Disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia do ano de 2019.....	180

1 INTRODUÇÃO

Das motivações para a escolha do objeto de estudo às ações metodológicas na construção da pesquisa.

Ao dar início à formulação desta dissertação, apresento inicialmente os caminhos que me levaram na (re)construção do meu percurso profissional e as motivações para a escolha do objeto de estudo. Enquanto sujeito inconcluso capaz de questionar, criticar e investigar, a pesquisa se revela na curiosidade sobre determinado objeto de estudo. Esta curiosidade é instigada muitas vezes pela percepção acerca das vivências e experiências profissionais. A dúvida e o questionamento são o ponto de partida para a busca de respostas que não encontro nas leituras e algumas vezes se apresentam como conhecimento pronto e acabado.

Após concluir o ensino fundamental - II, no ano de 2006, na escola Intermediária Joaquim Coutinho C. de Oliveira - Distrito de Apoti, no Município de Glória do Goitá - PE, estava decidida que queria ingressar na modalidade de Ensino Normal Médio (Antigo Magistério). Durante o processo formativo no Normal Médio, na escola Estadual Professor Barros Guimarães, não me restava dúvidas que minha profissão seria professora. Cada dia construía um aprendizado com as aulas teóricas, produção de projetos pedagógicos que se aproximavam da realidade escolar, os estágios supervisionados em escolas do município de Glória do Goitá, possibilitando momentos de (re)construção, interação e questionamento do campo de atuação profissional.

Durante esta formação no ano de 2010, iniciei minha carreira profissional e tive a oportunidade de atuar como professora na modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos - EJA. Esta modalidade de ensino é destinada a jovens, adultos e idosos que não concluíram os estudos por algum motivo e que não tiveram acesso à educação na escola na idade apropriada. Ao atuar como professora na Educação de Jovens e Adultos - EJA, foi possível enxergar que a educação não é simplesmente ensinar os jovens e adultos escrever o seu nome, assumindo outro papel na sociedade, como trocas de saberes e aprendizagens, experiências, sentimentos e valores. Foi um desafio para uma jovem professora em formação alfabetizar os jovens e adultos e mostrar a importância da educação para a vida e o papel que cada um exerce na sociedade. No final do ano letivo, foi gratificante olhar para cada aluno e ver os avanços conquistados. Alunos alfabetizados, críticos e esperançosos.

Concluindo o ensino Normal Médio em 2010, este foi também o ano de decisão da escolha da Licenciatura para realizar a inscrição no vestibular. Optei por Ciências Biológicas

no campus do Centro Acadêmico de Vitória (CAV), na cidade de Vitória de Santo Antão - PE. A localização foi um dos critérios para a escolha desta Licenciatura. Escolher o curso de Licenciatura apenas por se localizar próximo da minha cidade e não se identificar com a área foi o que me fez (re)pensar a escolha novamente. Em 2012, mais uma vez prestei vestibular e decidi que a área de formação para a carreira profissional seria Licenciatura em Geografia, com o apoio familiar sendo muito importante para a decisão tomada.

Ingressei na graduação em 2013, no referido curso. Foi um momento de busca, de ampliar meus conhecimentos acerca do que é ser professor de Geografia nos dias atuais e os caminhos que eram necessários percorrer durante a formação inicial. O curso de Licenciatura em Geografia me possibilitou novos horizontes, experiências, aprendizagens e muitos desafios. Minha vida na Geografia foi o início de tudo.

A primeira experiência de pesquisa que tive durante a formação inicial foi como bolsista de extensão do Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação - GEPAR, no Centro de Educação da UFPE, em 2014. Este grupo de pesquisa me oportunizou participar como colaboradora no projeto de extensão e pela primeira vez participar como autora com inscrição de trabalho no XIV Encontro de Extensão - ENEXT. O objetivo do grupo de pesquisa visava a investigar nos seguintes temas: Africanidades e Afrodescendências, Equidade étnicorracial na Educação, Educação antirracista. Os encontros proporcionaram discussões importantes para a formação e também a busca de novas experiências, a percorrer outros caminhos.

Também tive oportunidade no final do ano de 2014 e início de 2015 de ser bolsista na Cátedra Paulo Freire, no Centro de Educação - UFPE, onde se desenvolvem objetivos por meio de diversas atividades, dentre elas: o Grupo de Leitura Conhecendo Paulo Freire, Cursos de Extensão, Minicursos, Pesquisa e o Seminário anual que homenageia Paulo Freire. Tive oportunidade de desenvolver trabalhos e enriquecer ainda mais minha formação inicial. Reconheci que podia avançar na área de formação, a Geografia.

Foi quando o edital para seleção de bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, na área de Geografia foi lançado e eu tentei a seleção. O resultado final da seleção foi positivo. Sentimento de gratidão e escolha certa. As vivências nos grupos de pesquisa mencionados acima foram importantes para decidir a área que pretendia investigar na Geografia.

A interação com o objeto de estudo iniciou-se como bolsista no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Geografia da UFPE (2015-2017), que me possibilitou um olhar crítico sobre a Educação, o ensino de Geografia e

a própria formação inicial do professor de Geografia. Ao tornar-me colaboradora do Grupo de Pesquisa Educação Geográfica, Cultura Escolar e Inovação-GPECI/UFPE e no Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEP), desde 2015, foi possível um despertar de postura investigativa frente a um conhecimento, mobilizado pela provocação da dúvida. Algumas vivências foram realizadas durante o período; dentre elas, posso citar participações em eventos científicos, em grupo de pesquisa (LEGEP/GPECI), na escrita de artigos para revistas científicas etc.

Além disso, também durante a formação inicial, tive a experiência de ser monitora bolsista da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia - no 7º período da graduação do curso Licenciatura em Geografia (2017.1), permitindo-me mergulhar ainda mais sobre as dimensões da ação pedagógica, na metodologia e nas técnicas de pesquisa aplicada com foco no ensino de Geografia, compreendendo a importância da pesquisa para um bom desempenho da prática de ensino de Geografia em sala de aula. Ademais, pude entender a formação dos futuros professores de Geografia e alguns princípios que direcionam para a investigação, também compreender e aprender a instrumentalizar o saber dos campos específicos da Geografia, como biogeografia, climatologia, geomorfologia entre outros componentes curriculares do curso com os saberes pedagógicos da área de formação, proporcionando a elaboração de projeto de pesquisa com foco no ensino de Geografia. Isso foi riquíssimo para minha formação, pois possibilitou a articulação entre esses dois saberes, entre ensino e pesquisa.

Foi possível perceber, durante a experiência como monitora na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, momentos de aflições, dúvidas, questionamentos, relatos de angústias de alguns professores de Geografia em formação inicial acerca de noções sobre pesquisa, do papel da pesquisa na formação inicial do professor de Geografia, dos métodos e das técnicas de pesquisa com foco no ensino de Geografia, dentre outras questões.

Além disso, as dificuldades apresentadas de alguns professores de Geografia em formação inicial estavam no tocante à elaboração de projetos de pesquisa com foco no ensino de Geografia. No momento da construção do projeto de pesquisa, alguns professores de Geografia em formação inicial diziam: “não sei transformar meu objeto de estudo que venho realizando no grupo de pesquisa com foco no ensino de Geografia...”. É necessário ressaltar que também tinham professores de Geografia em formação inicial com um histórico sobre a vivência de pesquisa para o ensino de Geografia, sobretudo com foco na área de formação (a Licenciatura) e com facilidades na elaboração de projetos de pesquisa. Assim também, é importante destacar que isso não ocorre com todas as turmas do curso de Licenciatura em

Geografia que cursam esta disciplina, sendo um caso específico que foi percebido durante a experiência como monitora.

Desse modo, é importante ressaltar também que cursei a referida disciplina durante o ano de 2016 e a vivência foi valiosa; o impacto pedagógico construído enquanto futura professora de Geografia foi de aperfeiçoar e enriquecer ainda mais o histórico de pesquisa. A prática do professor da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia contribuiu bastante para impactar no processo de construção de pesquisa, além de reforçar e aprender sobre noções básicas, conceitos e tipos de pesquisa, metodologia e técnicas de pesquisa em Geografia, o papel da pesquisa na formação inicial e continuada do professor de Geografia dentre outros elementos, desenvolve pesquisas voltadas para o ensino de Geografia.

Esse momento foi crucial, pois os professores de Geografia em formação inicial que desenvolviam pesquisas nos Laboratórios/Grupos de Pesquisa tanto na área da Geografia Física como da Geografia Humana, a exemplo de geomorfologia, climatologia, pedologia, hidrogeografia, biogeografia, geografia da população, geografia cultural, geografia política, geografia agrária, geografia urbana, geografia econômica, entre tantas outras, realizaram um diálogo entre as pesquisas que faziam e o ensino de Geografia, mostrando que foi um desafio para alguns.

Nessa dimensão, a participação no Grupo de Pesquisa Educação Geográfica, Cultura Escolar e Inovação-GPECI/UFPE e no Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEP), bem como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID tem influenciado para uma ação positiva na consolidação desta pesquisa. A motivação para escolha deste objeto de estudo se deu a partir da monitoria na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia.

Concluindo a graduação em 2017 e aprovada no Mestrado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no mesmo ano, não me restou dúvidas sobre o objeto de estudo da área de Geografia. Em razão disso, é a partir da/do vivência/histórico adquirida durante a formação inicial, na curiosidade e no movimento de busca, assim como na inquietação que mergulho no objeto de estudo com o caráter propositivo de entender como se dá a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e que impactos pedagógicos são construídos para a formação inicial, o ensino de Geografia e a realidade a partir da vivência da pesquisa.

No entanto, a partir das experiências, da produção de trabalhos acadêmicos na área e da vivência na monitoria durante a formação inicial, surge a necessidade de investigar sobre

este objeto de estudo. Portanto, com todo este histórico adquirido durante a formação inicial apresento como proposta investigativa a pesquisa enquanto eixo norteador na formação inicial de professores, sobretudo junto à UFPE. Nesse sentido, para entender melhor este cenário de formação, é preciso realizar um passeio na Universidade, onde a formação inicial de professores de Geografia acontece.

A busca do saber, de produção, de problematização, de leitura do mundo e da realidade e em especial do conhecimento é o caminho para a formação do cidadão, sendo que um dos desafios na Geografia é o conhecimento do mundo. Neste sentido, as autoras Silva e Spinelli (2007, p. 169) destacam que “O exercício do conhecimento é o caminho para a formação do cidadão. Na Geografia, o desafio é o conhecimento do mundo, da realidade e de suas contradições, o que exige um esforço para explicá-las, bem como para explicar as próprias relações com o mundo”. A formação inicial de professores de Geografia tem como desafio o exercício do conhecimento, formar estes professores para explicar as próprias relações com o mundo e com a realidade.

Durante a graduação, os professores de Geografia em formação inicial têm a oportunidade de se qualificar, ou seja, de ter contato com um leque de conhecimentos necessários para seu crescimento profissional e humano, um sujeito capaz de pensar a realidade. Assim sendo, é na graduação que estes professores passam a buscar outros meios para enriquecer a formação inicial, bem como explorar o campo da Geografia (ASSIS; BONIFÁCIO, 2011).

Dessa forma, a Universidade, enquanto formadora dos cursos de graduação, deve possibilitar aos professores em formação inicial contemplar uma visão crítica do meio que está inserido. Além disso, os cursos de graduação devem contribuir na formação de seus estudantes para o exercício da profissão. Esta formação deve proporcionar em sua prática profissional, uma visão crítica do meio em que está atuando, assim como, quando se trata de formação de professores, entende-se não só a formação para o campo de atuação profissional do professor, mas também para a vida, para o crescimento como cidadão, capaz de intervir na realidade em que vive (ASSIS; BONIFÁCIO, 2011). Portanto, é importante destacar que a Universidade não está inserida fora da realidade da sociedade, mas em uma comunidade, pois, de acordo com Assis e Bonifácio (2011, p. 38) “[...] deve intervir na realidade, contribuindo na formação de profissionais de diversas áreas para atuarem no mundo do trabalho”.

Nessa perspectiva, diante das exigências da sociedade, seja política, econômica, social e cultural, bem como dos desafios com que se depara no contexto no qual está inserido, é importante uma formação diferenciada, um professor de Geografia questionador,

investigador, crítico e que consiga procurar novas metodologias, ferramentas para aperfeiçoar a prática do professor em sala de aula por meio da pesquisa. Diante disso, Luz et al. (2018, p. 2) ressaltam que:

A docência é uma tarefa complexa e desafiadora, que exige do professor disposição para aprender, inovar, questionar e investigar sobre como e por que ensinar. A pesquisa pode tornar o sujeito-professor capaz de refletir sobre sua prática profissional e de buscar formas (conhecimentos, habilidades, atitudes, relações) que o ajudem a aperfeiçoar cada vez mais seu trabalho docente, de modo que possa participar efetivamente do processo de emancipação das pessoas. Ao utilizar as ferramentas que lhe possibilitem uma leitura crítica da prática docente e a identificação de caminhos para a superação de suas dificuldades, o professor se sentirá menos dependente do poder sociopolítico e econômico e mais livre para tomar suas próprias decisões.

Dessa forma, a docência é uma tarefa complexa e desafiadora, pois exige do professor de Geografia já em formação inicial, questionar e investigar sobre como e por que ensinar. Então, é a partir da pesquisa que o professor de Geografia em formação inicial será capaz de refletir sobre sua atuação na sala de aula e de buscar outras maneiras que o ajude a aperfeiçoar ainda mais para o processo de emancipação. Além disso, realizar uma leitura sobre os desafios a enfrentar e tomar suas próprias decisões para ser menos dependente das ordens que vêm de cima para baixo.

A relevância da pesquisa é grande, porque vislumbra a pesquisa enquanto princípio educativo como postura de questionamento criativo, desafio para (re)inventar suas próprias soluções, sobretudo motivação emancipatória de um sujeito que não aceita ser tratado como objeto, que reage as situações, que interpreta e problematiza a realidade.

Neste pressuposto, o professor de Geografia em formação inicial é o construtor de pontes do seu próprio conhecimento, é um sujeito ativo, sendo capaz de mudar o cenário de toda a produção, que pode transformar, ensinar, envolver e motivar outros pares. Para Donatoni e Coelho (2007, p. 84-85) “[...] o profissional da educação é o produtor do seu próprio conhecimento, sendo sujeito ativo dessa produção, entendida como um processo de construção/reconstrução teórico e prático permanente e provisório”. Desse modo, o próprio conhecimento construído pelo professor, não é um conhecimento fechado, pronto e acabado, mas um processo que pode ser reconstruído e questionado a todo o momento.

Nesse sentido, pensar o professor de Geografia em formação inicial com esses propósitos é também refletir sobre sua formação na Universidade, pois a educação é dinâmica, é um processo contínuo, tudo mudou, tudo se informatizou, então nos dias atuais o desafio é formar diferentemente os futuros professores de Geografia. No entanto, formar

diferentemente os professores de Geografia porque o mundo mudou, a educação precisa de professores (não só o professor de Geografia, mas de outras áreas de formação), acompanhem essas mudanças e a Geografia pode ajudar nessa leitura crítica do mundo.

Isso é muito importante, pois a cada minuto o professor enquanto sujeito ativo está inserido nesse mundo em transformação. Por isso é imprescindível destacar que os antigos paradigmas foram superados, mesmo percebendo alguns traços existentes ainda na educação, então o futuro professor de Geografia é capaz e pode corresponder às exigências desse novo mundo, e essa transformação pode iniciar durante a formação inicial (ALMEIDA, 2007).

A formação inicial de professores de Geografia deve ser fundamentada em bases sólidas, contemplada com princípios teóricos para com a realidade da prática e bases culturais, assim como oportunizar o futuro professor de Geografia ter mais recursos para questionar as barreiras encontradas no ambiente escolar. Caso contrário, o trabalho docente não acontecerá com qualidade, como destaca Castellar (2010, p. 41):

O trabalho docente não acontecerá com qualidade se não houver uma formação docente com sólidas bases teórico-metodológicas e culturais. Uma formação precária prejudicará a ação docente na escola e faltará aos professores a capacidade para argumentar e interpretar; explicar o mundo e a realidade e as consequências que resultam dela, comprometerá o processo de ensino e aprendizagem.

Com isso, quando os professores de Geografia em formação inicial têm oportunidade de ter uma formação fundamentada em princípios e bases teórico-metodológicas e culturais, o cenário é outro, ou seja, de caminhos construtivos, emancipatórios e propositivos para o futuro professor de Geografia. O retorno que essa formação propõe é de argumentar, interpretar e explicar a realidade do mundo, quando isso acontece estes professores em formação inicial começam a trilhar sobre os desafios e problematizar o contexto de sua profissão, e isso faz toda a diferença para os dias de hoje.

Todavia, é durante a formação inicial de professores que é preciso compreender que para ser professor de Geografia não basta ter apenas o domínio da disciplina e dos conteúdos serão trabalhados em sala de aula, mas é necessário ressignificar os conteúdos que serão ensinados por eles, além disso, realizar uma leitura das várias fontes de informação, buscando, assim, ampliar a sua leitura de mundo, todavia apropriar-se do conhecimento social e historicamente produzido (SALES, 2004).

Desse modo, ao dirigir o olhar para a formação inicial de professores de Geografia, pretende-se entender os impactos pedagógicos que foram construídos a partir da vivência da

pesquisa na Disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia e em outros componentes curriculares, com o caráter propositivo de compreender a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia. A pesquisa é indispensável na formação inicial de professores de Geografia, pois proporciona mobilizar as diversas maneiras e criar possibilidades para a atuação em sala de aula e se reconhecer enquanto professor pesquisador no próprio ambiente escolar.

Nessa perspectiva, é preciso explicar aos leitores o que se entende por impactos pedagógicos, é fundamental destacar que os professores de Geografia em formação inicial em algum momento da Licenciatura vivenciam/vivenciaram a pesquisa, têm um histórico desta a partir do momento que cursaram os diversos componentes curriculares, a exemplo da geomorfologia, climatologia, pedologia, hidrogeografia, cartografia entre outro componente independente da forma com que foi abordada a pesquisa. Então, será através desse histórico e a partir da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia que vai identificar os impactos pedagógicos que os sujeitos vão ter com esta vivência de pesquisa.

Desse modo, no primeiro momento, há o histórico dos professores de Geografia em formação inicial com a vivência de pesquisa em outros componentes curriculares. No segundo momento, mostra-se como a prática do professor da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia tem influenciado e impactado no processo de construção na pesquisa que os mesmos já carregam. E no terceiro momento, há os impactos pedagógicos que foram construídos, a partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, tendo a pesquisa como princípio educativo.

Todavia, quando se fala em pesquisa, logo vem a ideia de produção de artigos científicos, nos conceitos e tipos de pesquisa dentre outras noções básicas de pesquisa, que não deixa de ser errado, mas a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia apresenta outras características além destas pensadas a princípio. Defende-se a pesquisa como uma possibilidade de mudar a educação, que o professor de Geografia em formação inicial perceba que é possível retroalimentar o ensino-aprendizagem dos alunos, transformar e mudar a realidade. No momento da graduação, a pesquisa não deve se restringir a um método de investigação, mas numa perspectiva de aprimorar um diálogo e um olhar sobre a realidade. Os autores Abu-El-Haj, Leitinho e Cardoso (2012, p. 23) partem do entendimento de que:

[...] a formação na pesquisa no momento da graduação não pode se restringir a uma abordagem técnico-científica do método investigativo, envolvendo a reflexão epistemológica sobre o modo como apreendemos e construímos o conhecimento da realidade à nossa frente, em particular, envolve a consciência de que nossas vivências e experiências com as representações

dadas, elaboradas, consistindo a pesquisa numa possibilidade de aprimorar esse diálogo em prol de um olhar mais atento sobre a realidade. Essa é a premissa que justifica a primazia da pesquisa no ensino ou o ensino com pesquisa.

Desse modo, defende-se a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia enquanto possibilidade de aperfeiçoar um diálogo e um olhar crítico perante a realidade, ultrapassar a ideia de pesquisa como abordagem técnico-científica do método investigativo que também é importante, mas a partir desse entendimento conhecer e aprender outros elementos sobre a pesquisa. Nesse sentido, justifica-se a relevância entre pesquisa e ensino ou o ensino com pesquisa na formação inicial.

Assim, para uma investigação aprofundada e intensiva do recorte da realidade, o cenário da pesquisa será o Curso de Licenciatura em Geografia da UFPE do Campus Recife pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Neste sentido, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Campus Recife foi escolhida porque representa o cenário mais antigo de educação superior. Diante de um processo histórico contínuo de mudanças e transformações, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), de acordo com o marco temporal de criação, 11 de agosto de 1946, data de fundação da Universidade do Recife (UR), criada por meio do Decreto-Lei da Presidência da República nº 9.388, de 20 de junho de 1946 (UFPE, 2019).

Além disso, pelo fato do próprio marco da criação do curso de graduação em Geografia, em 4 de dezembro de 1950, pela Lei Federal nº. 1.254, cinco anos após a criação da própria Universidade. A concepção do curso é guiada pela necessidade de especificidade da experiência acumulada na UFPE, que garante na formação do profissional educador – geógrafo, um componente vinculado à investigação científica. No entanto, é essencial destacar que o curso de Bacharelado e de Licenciatura permaneceram num único perfil durante alguns anos (até 2001), quando houve a mudança de perfil do licenciado na UFPE (UFPE, 2019).

No intuito de adequar a formação de professores de Geografia ao contexto econômico-social atual, além das mudanças ocorridas nas reformas curriculares da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96, foi necessário a separação do curso de graduação em Geografia, ocorrido em 31 de janeiro de 2001. Assim, ficaram duas modalidades: Licenciatura e Bacharelado em Geografia, abrangendo um total de 180 vagas em três turnos (manhã, tarde e noite) (UFPE, 2019).

A pesquisa é realizada no contexto universitário do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE - Campus Recife, no curso de graduação em Geografia – Licenciatura, no Departamento de Ciências Geográficas, que se encontra localizado no 6º andar, que é um dos departamentos que forma o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH).

Atualmente, o Departamento de Ciências Geográficas - DCG conta com o curso de graduação em Geografia em três modalidades: Bacharelado, ofertado no período da tarde, e Licenciatura, ofertada nos períodos manhã e noite. Quanto à forma de acesso dos discentes, dar-se-á através pelo Sistema de Seleção Unificado- SiSU. Também cabe mencionar o curso de Geografia (Licenciatura – EaD). Os pólos de oferta do curso de Licenciatura em Geografia EaD: Pesqueira, Salgueiro, Surubim e Tabira, todos em Pernambuco (UFPE, 2019).

Desta maneira, o objetivo dessa dissertação é compreender como se dá a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), assim como os impactos pedagógicos que são construídos para a Educação e para o ensino de Geografia a partir da vivência da pesquisa e como esta contribuiu na formação inicial do professor de Geografia, tendo a pesquisa como princípio educativo. Para isso, tem-se como recorte a disciplina obrigatória Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, do curso de Licenciatura em Geografia.

A escolha por este componente curricular deu-se pelo fato de apresentar como uma possibilidade de contribuir e aproximar da relação entre ensino e pesquisa na formação inicial dos professores de Geografia. Tendo a pesquisa como princípio educativo, proporcionando a emancipação do sujeito no diálogo com a realidade e na formação da cidadania, esse entendimento leva a pesquisa como princípio educativo. Do mesmo modo, porque institucionaliza como uma das formas de vivência da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia no Ensino Superior. A disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia é ofertada no 7º período do curso de Licenciatura em Geografia (manhã/noite) com carga horária teórica (30) e prática (30) com o número de créditos (3) e é ofertada no primeiro semestre do período letivo.

No primeiro momento, foi definido que os sujeitos da pesquisa seriam egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que cursaram a referida disciplina durante o ano de 2019, bem como professores de Geografia em formação inicial que estão matriculados na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia no ano/semestre 2020.1. Todavia, em razão da pandemia mundial causada pelo novo coronavírus, a UFPE decidiu suspender as aulas, sendo necessário replanejar os critérios de escolha dos sujeitos.

Então, pode-se, assim, caracterizar os sujeitos da pesquisa com os seguintes critérios: egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que cursaram a referida disciplina durante o ano de 2019 e continuam com vínculo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Desse modo, não se trata, unicamente, de formar o professor pesquisador de Geografia para o ensino, mas contribuir para que os professores de Geografia em formação inicial consigam, por meio da pesquisa, criar possibilidades e (re)leituras para aperfeiçoar sua atuação em sala de aula e, portanto, atribuir significado e sentido para seu uso na escola. Além disso, entender que a pesquisa enquanto princípio educativo capacita tanto o aluno como o professor e produz conhecimento junto à realidade cotidiana. De acordo com Soares (2005, p. 93), “Formar o professor não é apenas qualificá-lo em uma “área específica”, é capacitá-lo teórica e metodologicamente para ensinar determinado conteúdo, mas é também formá-lo para enfrentar e construir a ação educativa escolar em sua totalidade”.

A formação inicial de professores de Geografia deve contemplar questões que possibilitem refletir os desafios perante a realidade escolar em sua totalidade e ser capaz de (re)construir toda a ação educativa, pois formar o professor de Geografia não é apenas qualificá-lo e apresentar instruções de como ensinar o conteúdo, mas mostrar o verdadeiro sentido entre a formação inicial e o contexto em que vão se inserir. Este estudo visa, sobretudo, a compreender, assim, a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, bem como entender a importância da pesquisa para a educação, o ensino de Geografia, a emancipação e autonomia.

Há a necessidade de se articular o ensino com pesquisa na formação inicial de professores de Geografia para a emancipação, para o diálogo, para a atitude de indagação. A emancipação não é uma atitude isolada, mas deve ser motivada. Para Demo (2006), emancipação precisa ser motivada, e não pode ser conduzida, pois o sujeito não se emancipa sozinho, mas precisa de outros que assumam uma postura instrumental de motivação para essa emancipação acontecer, sobretudo na formação desses futuros professores.

Assim, partindo do princípio de que a vivência com a pesquisa deve acontecer já na graduação, por meio da relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, principalmente na UFPE. Logo, é necessário partir de uma questão norteadora e, com isso, elencam-se algumas inquietações pertinentes.

Com efeito, a questão central da dissertação está pautada na investigação que buscará conhecer os processos formativos e a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial do

professor de Geografia destacando como elementos pertinentes. O problema da pesquisa neste processo investigativo é de suma importância para o encaminhamento e entendimento do objeto de estudo. Com isso, Silva e Menezes (2005, p. 83) destacam que “A pesquisa é fundamentada e metodologicamente construída objetivando a resolução ou o esclarecimento de um problema. O problema é o ponto de partida da pesquisa. Da sua formulação dependerá o desenvolvimento da sua pesquisa”. Isso quer dizer que sem o problema da pesquisa não tem como o pesquisador avançar no objeto de estudo, a pesquisa começa justamente com a formulação de um problema.

De acordo com Lakatos e Marconi (1991, p. 126), “O problema, assim, consiste em um enunciado explicitado de forma clara, compreensível e operacional, cujo melhor modo de solução ou é uma pesquisa ou pode ser resolvido por meio de processos científicos”. Desse modo, busca-se investigar, a partir da seguinte questão central: Como se dá a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e quais impactos pedagógicos são construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa?

Tendo presente esta pergunta de partida, desdobram-se as questões específicas: Como a pesquisa enquanto eixo norteador de uma prática de ensino vem sendo vivenciada pelos professores de Geografia durante sua formação inicial? Quais os impactos pedagógicos são construídos na formação inicial de professores de Geografia, a partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia e em outros componentes curriculares, tendo a pesquisa como princípio educativo?

Dessa maneira, procura-se, assim, compreender como se dá a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores de Geografia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nesse sentido, as questões trazidas em nossa investigação buscarão contribuir na tentativa de compreender os impactos pedagógicos que são construídos para a formação de professor/geógrafo a partir da vivência da pesquisa enquanto princípio educativo e para o ensino da Geografia em sala de aula e na formação inicial de professores de Geografia.

Nessa direção, a partir das inquietações mencionadas nessa investigação, busca-se contribuir e compreender os caminhos possíveis na formação inicial de professores de Geografia junto à pesquisa, haja vista que a pesquisa enquanto eixo orientador possibilita ao futuro professor de Geografia a produção de conhecimento adequado à compreensão de determinada realidade cotidiana.

Para tanto, esta pesquisa buscará entender a vivência da pesquisa enquanto eixo norteador na formação inicial de professores de Geografia, assim como compreender os impactos pedagógicos que são construídos para a formação inicial a partir da relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Além de conhecer a proposta pedagógica da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia na formação inicial de professores de Geografia e como esta contribui para o ensino da Geografia em sala de aula e em outros ambientes que podem ser construídos o ensino de Geografia, e que podem ser contemplados, como aula de campo, entre outras possibilidades, assim como para a formação de professor/geógrafo.

Diante do exposto, a relação entre ensino e pesquisa enquanto eixo norteador de uma prática de ensino e princípio educativo proporciona uma formação inicial de professores de Geografia diferenciada, tornando os egressos capazes de mudarem a realidade em que estão inseridos, ou seja, do ensino, com novas metodologias a partir da inserção da pesquisa no cotidiano escolar. Além disso, propicia que os futuros professores de Geografia sejam capazes de negar-se quando for necessário para o conhecimento pronto e acabado, pois o professor de Geografia em formação inicial também tem sua própria opinião crítica no tocante a construção do conhecimento.

Nesse sentido, Menezes e Kaercher (2015, p. 55) destacam que “Uma formação centrada na prática e a valorização do pensamento prático do professor são essenciais para compreender o processo de ensino-aprendizagem em sua totalidade e preparar os futuros educandos a lidarem com o ensino que se apresenta cada vez mais complexo”. Dessa forma, o objetivo geral desta investigação é:

- Compreender a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e quais impactos pedagógicos são construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa. Na mesma linha, emergem os seguintes objetivos específicos:
- Conhecer a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e como contribui na formação inicial do professor de Geografia;
- Identificar quais os impactos pedagógicos são construídos na formação inicial dos professores de Geografia, a partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia e em outros componentes curriculares, tendo a pesquisa como princípio educativo;

- Analisar como a pesquisa enquanto eixo norteador de uma prática de ensino em Geografia vem sendo vivenciada pelos professores de Geografia durante sua formação inicial.

Partindo desse pressuposto, a importância da construção do conhecimento e da pesquisa no cotidiano do pesquisador se revela na curiosidade sobre um objeto de estudo no intuito de descobrir a realidade. De acordo com Zanella (2013, p. 23-24), “A pesquisa visa essencialmente à produção de novo conhecimento e tem a finalidade de buscar respostas a problemas e a indagações teóricas e práticas”. Desse modo, buscar respostas sobre um problema e, a partir deste, produzir o conhecimento crítico e obter respostas ricas e abertas a novas indagações.

Nesse sentido, não se produz pesquisa para ser mais um trabalho arquivado, mas um processo interminável, que não tem fim, como salienta a referida autora Zanella (2013, p. 46): “[...] o processo de pesquisa não acaba com a comunicação dos resultados. Nesse ponto, inicia-se novamente um novo ciclo de pesquisa, com novas indagações para aprofundamento posterior”. Assim sendo, o pesquisador é a figura importante para avançar nesta pesquisa, isto é, ser capaz de avançar e investigar cada vez mais determinado assunto. Para Silva (2015, p. 60):

Fazer pesquisa significa investigar um determinado assunto, seja nas ciências formais ou factuais, de tal modo que o objetivo seja o de esclarecer algumas dúvidas, ampliar conhecimentos e seguir avançando em seu desenvolvimento. Mas, para desenvolver uma pesquisa, existe a figura daquele que se dedica às investigações científicas: o pesquisador.

Desafiar-se é fundamental para o sujeito, pois possibilita ver o mundo com outros olhos, ou seja, é uma troca de lentes sobre o conhecimento, bem como estímulo à aprendizagem, como diz Faoro (2000, p. 66): “O ato de desafiar-se a produzir, escrever e investigar o mundo e não apenas aceitar o que já vem imposto é ver a vida com toda a riqueza de recursos que ela nos oferece”.

Começar uma pesquisa é também saber o caminho inicial que é preciso seguir. De acordo com Mynaio (2002), a pesquisa é construída por um processo que se inicia com um problema ou uma pergunta e termina com resultados provisórios. A autora denomina este processo como ciclo da pesquisa, pois ao construir toda a fase exploratória da investigação até a fase do trabalho de campo e sistematização dos dados, o pesquisador terá resultados de um ciclo que nunca se fecha, entretanto; toda a pesquisa produz conhecimentos afirmativos, possibilitando novas interrogações para aprofundamento posterior.

O pesquisador, enquanto sujeito importante para desenvolver e construir um conhecimento e conhecer a realidade do objeto de estudo, também necessita carregar alguns traços atribuídos que, fundamentalmente, lhe proporcionam êxitos na pesquisa e torna-o um bom pesquisador. De acordo com Gil (1989), o pesquisador precisa inicialmente conhecer o assunto a ser pesquisado, além disso, carregar em si a curiosidade, criatividade, ademais de integridade intelectual e sensibilidade social. E acrescenta o autor que também é essencial à imaginação disciplinada, perseverança e paciência, confiança na experiência. Portanto, a construção da dissertação requer do pesquisador alguns atributos que se faz necessário para um bom resultado na pesquisa.

Para Silva e Menezes (2005), pesquisar é um trabalho que envolve um planejamento análogo, ou seja, que se parece ao de um cozinheiro:

Ao preparar um prato, o cozinheiro precisa saber o que ele quer fazer, obter os ingredientes, assegurar-se de que possui os utensílios necessários e cumprir as etapas requeridas no processo. Um prato será saboroso na medida do envolvimento do cozinheiro com o ato de cozinhar e de suas habilidades técnicas na cozinha. O sucesso de uma pesquisa também dependerá do procedimento seguido, do seu envolvimento com a pesquisa e de sua habilidade em escolher o caminho para atingir os objetivos da pesquisa (SILVA; MENEZES, 2005, p. 9).

Em relação ao planejamento da pesquisa, Prodanov e Freitas (2013, p. 73) destacam que:

Pesquisa é a construção de conhecimento original de acordo com certas exigências científicas. Para que um estudo seja considerado científico, devem ser observados critérios de coerência, consistência, originalidade e objetivação. É desejável que uma pesquisa científica preencha os seguintes requisitos: a existência de uma pergunta a que desejamos responder; a elaboração de um conjunto de passos que permitam chegar à resposta; a indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida.

Nesse caso, para a construção da dissertação é necessário a busca por outros trabalhos produzidos na área, ou seja, é o primeiro passo para o pesquisador mergulhar neste campo, fazendo uma sistematização do conhecimento acerca do que já foi produzido. Para Silva e Menezes (2005, p. 97), “A dissertação de mestrado representa o primeiro passo de inserção do pesquisador no mundo da ciência”. Deste modo, os achados na área de Educação contribuirão para esta relação intrínseca na Geografia. A pesquisa se revela no propósito de buscar respostas sobre as inquietações, assim como produzir um conhecimento adequado à compreensão de determinada realidade, fenômeno ou relação social. Conforme salienta Silva (2015, p. 49):

A finalidade da pesquisa não é só a acumulação de fatos, mas também a sua compreensão, o que se obtém desenvolvendo e lançando hipóteses precisas, que se manifestam sob a forma de questões ou de enunciados. A pesquisa atende à necessidade de se conhecer a natureza dos problemas ou fenômenos, uma vez que trata de validar ou invalidar as hipóteses lançadas sobre eles.

É oportuno frisar que a pesquisa, como se pode observar, não é um conhecimento acabado, mas uma construção sem fim, em que o pesquisador a todo o momento pode renovar as descobertas. No entanto, uma pesquisa é, fundamentalmente, a busca de respostas para determinados questionamentos. Minayo (1999, p. 23) entende por pesquisa:

[...] a atividade básica das Ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

A metodologia abordada na pesquisa é de fundamental importância para o pesquisador mergulhar no objeto de estudo, inicialmente partindo da organização das ideias com base em teorias que fundamentam ou aproximam o objeto pesquisado e, posteriormente, do momento da ação do investigador, ou seja, a prática, com instrumentos pré-concebidos. No entanto, a metodologia está e sempre será iluminada pelas teorias. De acordo com Minayo (2002, p. 16), “Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Nesse sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”. Já segundo Faoro (2000, p. 74):

Dizer da metodologia de uma pesquisa implica deixar claro como, através de que sequência de passos, com o auxílio de que instrumentos, junto a que população, onde e quando pretendemos alcançar os objetivos estabelecidos e obter respostas válidas para a pergunta que nós fazemos ou o problema que nos inquieta, tentando chegar o mais próximo possível da realidade investigada.

De acordo com Silva e Menezes (2005, p. 9), a metodologia tem como “[...] função mostrar a você como andar no “caminho das pedras” da pesquisa, ajudá-lo a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo”. Portanto, é fundamental que o pesquisador tenha claro os caminhos que serão percorridos na pesquisa junto à metodologia. Para Bello (2004, p. 9):

A Metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa. É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumental utilizado (questionário, entrevista etc), do tempo previsto, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamento dos dados, enfim, de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa.

Assim sendo, para o pesquisador realizar uma pesquisa sobre um objeto de estudo, é fundamental que se tenha uma forma de chegar à construção do conhecimento, e para conseguir avançar no campo da pesquisa, é importante adotar uma metodologia. No entanto, do ponto de vista metodológico, os caminhos a serem percorridos durante a pesquisa, muitas vezes, precisa ser reinventado, o pesquisador neste momento tem como papel a criatividade e capacidade de criar e inventar os caminhos da metodologia. Para Silva e Menezes (2005, p. 9-10):

A pesquisa é um trabalho em processo não totalmente controlável ou previsível. Adotar uma metodologia significa escolher um caminho, um percurso global do espírito. O percurso, muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa. Precisamos, então, não somente de regras e sim de muita criatividade e imaginação.

Partindo deste pressuposto, investigar um objeto de estudo é condição de curiosidade, mas para investigar é necessário partir de outros conhecimentos que foram construídos acerca do objeto que também pretende-se compreender. Neste sentido, de acordo com Minayo (2002, p. 18), “Toda investigação se inicia por um problema, com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais”.

Como foi colocado, inicia-se a pesquisa tomando como base a revisão de literatura para compreensão e esclarecimento de teorias e categorias relacionado ao objeto de pesquisa identificado. A revisão de literatura está pautada no diálogo com os autores que citam reflexões sobre o objeto de estudo: o que é pesquisa; a pesquisa na formação inicial de professores; a relação entre ensino e pesquisa nos cursos de Licenciaturas, dentre outras discussões. Fundamenta-se em André (2005); Coltrinari (2006); Demo (2006); Donatoni e Coelho (2007); Esteban e Zaccur (2002); Lampert (2007, 2008); Ludke (2005); Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009); Soares (2005), entre outros que se somam a essas vozes.

É importante destacar também que, para esta pesquisa, fez-se a seleção de algumas teses e dissertações que dialogam e se aproximam com o objeto de estudo. Segundo Gil (2002, p. 66), “Fontes desta natureza podem ser muito importantes para a pesquisa, pois

muitas delas são constituídas por relatórios de investigações científicas originais ou acuradas revisões bibliográficas”. Destacam-se: Faoro (2000); Sales (2004); Roza (2005); Wolff (2007); Bortolini (2009); Soares Junior (2010); Pesce (2012). Em suma, para Silva e Menezes (2005, p. 37), “A revisão de literatura resultará do processo de levantamento e análise do que já foi publicado sobre o tema e o problema de pesquisa escolhidos. Permitirá um mapeamento de quem já escreveu e o que já foi escrito sobre o tema e/ou problema da pesquisa”.

Para este estudo e com bases nas assertivas supracitadas, opta-se por uma abordagem qualitativa como trajeto a percorrer, investigar um tema em profundidade faz parte da pesquisa qualitativa, dado que o fenômeno a ser pesquisado abarcará a interpretação dinâmica em que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social e que raramente podem ser quantificadas, como bem explica Minayo (2002, p. 21-22): “Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Oliveira (2007, p. 41) entende a pesquisa qualitativa como:

[...] sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análises de dados, que deve ser apresentado de forma descritiva.

A abordagem qualitativa abrange a obtenção de dados sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada. O contato direto com os sujeitos possibilita compreender bem o fenômeno no contexto em que se insere, como destaca Godoy (1995, p. 62): “Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada”. Já Zanella (2013, p. 99-100) ressalta que:

Enquanto o método quantitativo de pesquisa preocupa-se com a medição dos dados, o método qualitativo não emprega a teoria estatística para medir ou enumerar os fatos estudados. Preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados. O método qualitativo de pesquisa *não* é empregado quando o pesquisador quer saber quantas pessoas têm preferência por um produto, portanto, não é projetado para coletar resultados quantificáveis.

No que tange aos objetivos da pesquisa, esta se desenvolve no campo da pesquisa exploratória. De acordo com Bello (2004, p. 7), a pesquisa exploratória “É toda pesquisa que busca constatar algo num organismo ou num fenômeno”. Conforme Gil (1989, p. 44):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas.

Esta pesquisa se deu em duas etapas. A primeira etapa tem a natureza exploratória, porque visa a conhecer a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e como contribui na formação inicial do professor de Geografia. A segunda etapa é descritiva com o caráter propositivo de investigar quais impactos pedagógicos são construídos na formação inicial de professores de Geografia, a partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia e outros componentes curriculares, tendo a pesquisa como princípio educativo, bem como analisar como a pesquisa enquanto eixo norteador de uma prática de ensino vem sendo vivenciada pelos professores de Geografia durante a formação inicial.

Diante disso, para realização das etapas supracitadas, foram utilizados os seguintes instrumentos da coleta de dados e da exploração do campo. Para etapa exploratória, foi realizada uma revisão de literatura. Na etapa descritiva, o uso do questionário criado na plataforma Google Forms aplicado aos participantes da pesquisa os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia que cursaram a referida disciplina durante o ano de 2019.

Nesse sentido, quanto aos procedimentos técnicos, o tipo de pesquisa que vislumbra o objeto é o Estudo de Caso, em que se procura conhecer a realidade em profundidade dos participantes da pesquisa, ou seja, a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e os impactos pedagógicos que são construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa. Gil (2002, p. 54) afirma que o Estudo de Caso “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”.

O pesquisador, ao definir o tipo de pesquisa para conhecer a realidade do objeto de investigação, como, por exemplo, o Estudo de Caso, também passa a lidar com fatos

normalmente isolados. É importante destacar que o pesquisador ao trazer o Estudo de Caso para entender a realidade do objeto é necessário um equilíbrio intelectual e ser capaz de observar os resultados, para não recair na generalização (PRODANOV; FREITAS, 2013). Yin (2001, p. 32) complementa afirmando que o Estudo de Caso “[...] é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 60):

O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc. São necessários alguns requisitos básicos para sua realização, entre os quais, severidade, objetivação, originalidade e coerência.

Yin (2001, p. 33) cita de outro modo que “o estudo de caso como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo - com a lógica de planejamento incorporando abordagens específicas à coleta de dados e à análise de dados”. Nesse sentido, o estudo de caso não se define como um modo específico para coleta de dados ou de planejamento de pesquisa em si, mas uma estratégia de pesquisa abrangente (PRODANOV; FREITAS, 2013). Conforme Fonseca (2002, p. 33):

Um estudo de caso pode ser caracterizado de acordo como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico.

Portanto, o estudo de caso enquanto um tipo de pesquisa que possibilita o pesquisador conhecer a realidade do seu objeto de pesquisa, também vem sendo utilizado em muitas pesquisas sociais e com diferentes finalidades, seja para:

[...] - explorar situações da vida real cujos limites não estejam claramente definidos; - descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; - explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitem a utilização de levantamentos e experimentos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 62).

No tocante aos procedimentos técnicos da pesquisa e em resposta à opção pela abordagem investigativa qualitativa, faz-se uso dos seguintes procedimentos: revisão de literatura e trabalho de campo. No que se refere aos procedimentos técnicos da pesquisa, Prodanov e Freitas (2013, p. 54) salientam que é “[...] a maneira pela qual obtemos os dados necessários para a elaboração da pesquisa, torna-se necessário traçar um modelo conceitual e operativo dessa, denominado de design, que pode ser traduzido como delineamento, uma vez que expressa as ideias de modelo, sinopse e plano”.

Uma das etapas mais importante para o início da contextualização do objeto de estudo é a revisão de literatura. Neste sentido, a revisão de literatura é o ponto de partida para o pesquisador encontrar outros estudos que se relacionam com seu objeto de pesquisa, podemos citar neste levantamento das fontes teóricas: relatórios de pesquisa, livros, artigos científicos, além disso, monografias, teses e dissertações. O intuito é de elaborar a contextualizar a pesquisa e seu corpo teórico, o qual fará parte do referencial da pesquisa, ou seja, na forma de uma revisão bibliográfica ou da literatura, buscando entender o estado da arte ou o alcance dessas fontes (PRODANOV; FREITAS, 2013). Para Silva e Menezes (2005, p. 37) a revisão de literatura:

Refere-se à fundamentação teórica que você irá adotar para tratar o tema e o problema de pesquisa. Por meio da análise da literatura publicada você irá traçar um quadro teórico e fará a estruturação conceitual que dará sustentação ao desenvolvimento da pesquisa. A revisão de literatura resultará do processo de levantamento e análise do que já foi publicado sobre o tema e o problema de pesquisa escolhidos. Permitirá um mapeamento de quem já escreveu e o que já foi escrito sobre o tema e/ou problema da pesquisa.

Quanto ao trabalho de campo que também fez parte do procedimento técnico de pesquisa, Neto (2002, p. 51) afirma que “[...] o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”. O trabalho de campo proporciona uma aproximação entre o investigador e o investigado, ocorrendo trocas de conhecimentos da realidade que está sendo focalizada.

O trabalho de campo possibilitará o investigador aproximar da realidade do objeto de estudo para recolher os seus dados. Além disso, é no trabalho de campo que o investigador encontra os sujeitos da pesquisa, passando mais tempo juntos e no cotidiano destes, tornando a relação menos formal. Os autores Bogdan e Biklen (1994, p. 113) ressaltam que o trabalho de campo “Trata-se de locais, onde os sujeitos se entregam às suas tarefas cotidianas, sendo

estes ambientes naturais por excelência, o objeto de estudo dos investigadores”. Ainda acrescentam os referidos autores supracitados que:

O objetivo do investigador é o de aumentar o nível de à vontade dos sujeitos, encorajando-os a falar sobre aquilo de que costumam falar, acabando por lhe fazer confidências. Este terá de lhe dar provas, de forma a merecer a confiança que os sujeitos depositam nele, tornando claro que nunca irá utilizar o que descobrir para rebaixar ou magoar alguém (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 113).

Com base em Neto (2002, p. 54), o trabalho de campo não é apenas para coletar dados, mas “[...] torna-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos”, em que o investigador tem oportunidade de interagir com o sujeito da pesquisa de maneira a construírem um conhecimento que some sobre o objeto de estudo.

É fundamental ressaltar que a entrada no campo exige um conhecimento estruturado do investigador a definir: o objeto de pesquisa, construção do marco teórico conceitual. Além disso, a escolha dos instrumentos de coleta de dados, o espaço e o grupo de pesquisa da realidade pesquisada, pois é importante ter tudo bem amarrados para o momento da ação do investigador (DESLANDES, 2002). De acordo com Fonseca (2002, p. 57), “O pesquisador procura obter informações da realidade recorrendo a instrumentos de pesquisa. Os instrumentos de pesquisa devem ser selecionados levando em consideração o que se pretende coletar e verificar”. Os autores Prodanov e Freitas (2013, p. 97) chamam de coleta de dados:

[...] a fase do método de pesquisa, cujo objetivo é obter informações da realidade. Nessa etapa, definimos onde e como será realizada a pesquisa. Será definido o tipo de pesquisa, a população (universo da pesquisa), a amostragem, os instrumentos de coleta de dados e a forma como pretendemos tabular e analisar seus dados.

Silva e Menezes (2005) destacam que o instrumento de coleta de dados ao ser escolhido pelo pesquisador para o encaminhamento da investigação deverá possibilitar uma interação efetiva, ou seja, uma relação entre o investigador e o sujeito da pesquisa que está sendo realizada. É importante esta relação para que o resultado da pesquisa seja eficaz, claro, objetivo e correspondido e também possa ser construído um conhecimento sobre o objeto de estudo, por isso, é essencial ter os instrumentos bem amarrados para não deixar lacunas quanto à obtenção dos dados. No entanto, para que os objetivos propostos da pesquisa sejam

alcançados, é fundamental a relação da coleta de dados com o problema, a hipótese e/ou os pressupostos da pesquisa.

Gerhardt e Silveira (2009, p. 69) dizem que a coleta de dados “[...] é a busca por informações para a elucidação do fenômeno ou fato que o pesquisador quer desvendar. O instrumental técnico elaborado pelo pesquisador para o registro e a medição dos dados deverá preencher os seguintes requisitos: validade, confiabilidade e precisão”. É fundamental a clareza dos instrumentos para coleta de dados para alcançar o objetivo da pesquisa e do universo a ser investigado. Já Zanella (2013, p. 109) salienta que:

A escolha das técnicas para coleta e análise dos dados decorre do problema de pesquisa e dos objetivos. Você sabe que, numa investigação científica, o pesquisador busca compreender e examinar uma determinada situação e depende de informações. Ora, as informações estão na cabeça das pessoas e em documentos [externos ou internos]. Para buscar essas informações que estão em diferentes lugares, é preciso planejar quais são essas informações, onde elas se encontram, de que forma obtê-las e como trabalhá-las, isto é, o que se vai fazer com os dados: como serão agrupados, tratados e analisados.

Dito isso, no que se refere à obtenção de dados nesse processo de investigação, optou-se pela modalidade do questionário aberto e fechado criado na plataforma Google Forms aplicado aos participantes da pesquisa os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia que cursaram a referida disciplina durante o ano de 2019 e para análise e tratamento dos dados coletados, empregou-se a técnica de Análise de Conteúdo, conforme a proposta de Bardin (2016) e Carvalho (2019).

No primeiro momento, também foi definido que a modalidade de coleta de dados seria feita presencialmente por meio de entrevistas, porém esta técnica que possibilita coletar dados não foi possível de ser aplicada, em virtude do contexto de pandemia e consequente restrição para o trabalho de campo com os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia.

Diante disto, optou-se apenas pelo uso da coleta de dados o questionário. O questionário foi criado na plataforma Google Forms. Nela, foi possível criar o questionário e acompanhar as respostas que foram recebidas pelos sujeitos da pesquisa. É importante ressaltar que, devido à pandemia mundial causada pelo novo coronavírus e com as aulas suspensas, o contato com os sujeitos não foi fácil. Primeiramente, entrei em contato via telefone com a secretaria do curso de Geografia, para tentar informações sobre os egressos que cursaram a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia durante o ano de 2019 e que permanecem com vínculo com a Universidade Federal de Pernambuco, mas o retorno

não foi positivo, porque no mesmo período o Governo de Pernambuco adotou o isolamento social mais rígido.

Então entrei em contato via telefone com o ex-monitor da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia me apresentando formalmente e informando o objetivo da minha pesquisa. O ex-monitor da mencionada disciplina foi bastante atencioso e passou os e-mails dos egressos para que eu pudesse novamente me apresentar, explicar o objetivo da pesquisa, sua natureza, sua relevância e, em seguida, aplicar o questionário. Por meio do próprio Google Forms foi possível enviar o link do questionário para os e-mails dos sujeitos. Além disso, busquei despertar os mesmos sobre seu papel especial para a materialização desta pesquisa, assim como para fortalecer o campo de estudo que trata da relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores de Geografia.

A técnica do questionário é composta por uma série de perguntas organizadas a que o próprio informante deve responder, sem a assistência direta ou orientação do investigador. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado. Além disso, o questionário deve ser objetivo, limitado em extensão, ademais de estar acompanhado de instruções. É importante destacar que as instruções devem esclarecer a finalidade de sua aplicação e a importância da colaboração do participante, também facilitar e orientar para o preenchimento (FONSECA, 2002; GERHARDT; SILVEIRA, 2009; PRODANOV; FREITAS, 2013; SILVA; MENEZES, 2005). Quivy e Campenhoudt (2005, p. 94) têm a seguinte explicação sobre o questionário:

Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores.

Desse modo, Gerhardt e Silveira (2009) apresentam uma série de vantagens ao uso de questionário. Por exemplo, economiza tempo e viagens e obtém grande número de sujeitos pesquisados, atinge maior número de sujeitos simultaneamente, assim como abarca uma área geográfica mais ampla, conseguem respostas mais rápidas e mais precisas e economiza tempo, proporciona maior autonomia nas respostas, em virtude do anonimato diante das informações concedidas, dá mais segurança, pelo fato de preservar sua identidade e as respostas recebidas, entre outras vantagens que ajudam tanto os sujeitos envolvidos da pesquisa como o pesquisador.

O questionário criado pelo Google Forms contou com perguntas abertas e fechadas, as quais os sujeitos escolheram as respostas de acordo com as opções oferecidas. Já nas questões abertas expõem suas opiniões escrevendo. Conforme Gil (1989), as perguntas abertas são aquelas em que o sujeito responde com suas próprias palavras. Neste sentido, as perguntas deste tipo exercem importante papel nos estudos exploratórios, enquanto as perguntas fechadas são aquelas para as quais as respostas podem ser dicotômicas e/ou de múltipla escolha.

Os dados obtidos por meio do questionário com perguntas abertas e fechadas colaboraram para a construção da análise dos dados desta pesquisa. De 10 (dez) questionários enviados para os e-mails pessoais dos sujeitos que cursaram a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia com perguntas abertas e fechadas, obteve-se o mesmo número de respostas. Os 10 (dez) egressos responderam o questionário criado pelo Google Forms, evidenciando seu papel especial em colaborar com a investigação.

A pesquisa contou com 10 (dez) sujeitos do curso de Licenciatura em Geografia que cursaram a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia durante o ano de 2019 e que continuam com vínculo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), assim como vivenciam/vivenciaram a pesquisa em outros componentes curriculares e os impactos pedagógicos construídos.

Nesse sentido, para análise e tratamento dos dados coletados junto aos 10 (dez) egressos da Disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, empregou-se a técnica de Análise de Conteúdo, conforme a proposta de Bardin (2016) e Carvalho (2019), que fortalecem os objetivos desta pesquisa e sua finalidade. A partir da orientação de Bardin (2016), na fase de organização dos dados, será feita a organização das informações coletadas (transcrição integral do material coletado), com o intuito de se resgatar todo o conteúdo temático gerado.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013), essa fase da pesquisa analítica e descritiva, prevê a interpretação e a análise dos dados. É importante destacar que a análise realizada dos dados deve atender os objetivos da pesquisa, uma vez que é preciso comparar e confrontar dados e provas com o objetivo de afirmar ou negar a(s) hipótese(s). Ainda segundo os autores supracitados:

A análise e a interpretação desenvolvem-se a partir das evidências observadas, de acordo com a metodologia, com relações feitas através do referencial teórico e complementadas com o posicionamento do pesquisador. Após a etapa de coleta de dados, o pesquisador dispõe de todas as informações necessárias à conclusão de seu trabalho. Isso significa que,

nessa etapa, a(s) hipótese(s) já terá(ão) sido verificada(s) e a resposta ao Problema de Pesquisa foi obtida. Essa é a etapa da análise dos dados da pesquisa, que antecede à fase final, a de apresentação das conclusões (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 112).

Das respostas obtidas nos questionários criado no Google Forms pode-se organizar sistematicamente “o que revelam os dados” sobre os impactos pedagógicos construídos a partir da vivência da pesquisa na formação inicial do professor de Geografia, diante os objetivos, do problema de pesquisa, isto foi possível diante do arcabouço teórico.

Para melhor sistematização dos dados, foi importante primeiramente realizar uma leitura bastante detalhada, entre as respostas obtidas e a rigorosidade na escolha dos autores para este diálogo acontecer, nessa perspectiva, e para clareza e leitura dos dados coletados produziu-se gráficos que explicam algumas das informações obtidas. De acordo com Gil (1989), os gráficos podem ser muito cruciais para a descrição de dados de uma pesquisa.

Convém salientar que os sujeitos por se encontrarem na etapa final do curso de Licenciatura em Geografia da UFPE possibilitou uma interação com o objeto de estudo e também por terem tido, até o momento, vivência da pesquisa no tocante a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial que fundamentou suas opiniões. Nessa dimensão, busco através desta pesquisa investigar como se dá a relação entre ensino e pesquisa durante a formação inicial do professor de Geografia e quais os impactos pedagógicos são construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa. Para melhor compreensão da temática desenvolvida, a referida dissertação está organizada em 5 (cinco) capítulos:

No primeiro capítulo, **INTRODUÇÃO: Das motivações para a escolha do objeto de estudo às ações metodológicas na construção da pesquisa**, é abordado o contexto da pesquisa, as questões norteadoras e os critérios de escolha dos sujeitos participantes da pesquisa, além dos objetivos deste processo investigativo e o percurso metodológico.

Apresento, inicialmente, algumas motivações para escolha do objeto de estudo. Durante a graduação tive oportunidades, experiências, desafios, limitações no cotidiano acadêmico. No entanto, a interação com o objeto de estudo não se deu “apenas por gostar do tema”, mas a partir de um histórico de experiência entre o professor-pesquisador da área de interesse e o bolsista, as produções acadêmicas, monitoria e tornar-me colaboradora do grupo de pesquisa foram elementos essenciais para a investigação deste tema. Diante disso, Bianchetti et al. (2010, p. 252) destacam que o pesquisador: “Não se nasce pronto para a pesquisa, mas se constrói um pesquisador no processo. Esse tornar-se pesquisador é fruto do trabalho em conjunto entre professor orientador e seu aluno bolsista”.

O segundo capítulo, **A PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: O Estado da Questão**, intenta apresentar algumas pesquisas de teses e dissertações que aproximam do objeto de estudo, tomando como ponto de partida desse exercício na escolha da fonte de onde realizou a busca, tendo como fonte a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que integra os textos completos das teses e dissertações das instituições brasileiras de ensino e pesquisa. O recorte temporal compreendido foi entre 2000 e 2012. O terceiro capítulo, **FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA**, trata da formação inicial do professor de Geografia (o contexto histórico, o que é formação inicial, o processo das Licenciaturas e a Legislação que sustenta a formação inicial de professores).

O quarto capítulo, **A PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO PARA O PROFESSOR DE GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO INICIAL**, discorre sobre o que é pesquisa; as primeiras aproximações que os alunos de graduação têm com a pesquisa durante o processo formativo, sendo este o momento inicial de desvendar, explorar o que antes não conhecia na pesquisa e fazer saber este conhecimento. Além disso, aborda a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial do professor e os impactos pedagógicos construídos na formação inicial de professores de Geografia. Além disso, averigua como a pesquisa se materializa na formação inicial de professores de Geografia e quais são as suas contribuições.

A análise descritiva dos resultados com os professores de formação inicial do curso de Licenciatura em Geografia é realizada no quinto capítulo, **O PAPEL DA PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA: Diálogo com os discentes**. Assim, será realizado um estudo qualitativo de caráter exploratório-descritivo, para, em seguida, apresentar as considerações finais e os encaminhamentos de proposições construídas ao longo desta pesquisa, abrindo o caminho para as pesquisas futuras.

2 A PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: O Estado da Questão

Este capítulo tem por objetivo apresentar algumas pesquisas de teses e dissertações que aproximam do objeto de estudo. Assim, no primeiro momento, o ponto de partida desse exercício na escolha da fonte de onde realizou a busca, foi a fonte a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que integra os textos completos das teses e dissertações das instituições brasileiras de ensino e pesquisa.

2.1 Tecendo caminhos à construção do Estado da Questão

Investigar um objeto de estudo requer inicialmente do pesquisador um levantamento bibliográfico de quem já produziu e/ou o que já foi produzido por outros pesquisadores sobre aquilo que estou preocupado, contudo, partindo de um conhecimento existente. Diante disso, o levantamento bibliográfico possibilita conhecer o campo de pesquisa de um determinado objeto de estudo, a partir do que já foi investigado. De acordo com Gamboa (2012, p. 27-28), “Investigação vem do verbo latino *Vestígio*, que significa seguir as pisadas”. Significa, portanto, a busca de um conhecimento a partir de vestígios.

A revisão de literatura enquanto busca inicial do pesquisador é importante e necessário para entender os campos que já abordam o objeto de estudo, com isso o pesquisador assume um papel fundamental nas escolhas dos trabalhos que dialogam e se aproximam com o objeto pesquisado. Diante disso, o levantamento bibliográfico é de suma importância, porque dá pistas a respeito de: o que já foi publicado sobre o objeto de estudo; quem já escreveu sobre o objeto de estudo; que questões já foram abordadas; quais as lacunas existentes na literatura, ademais, se existem teorias que sustentem a construção das hipóteses. Segundo Silva e Menezes (2005, p. 37), “A revisão de literatura resultará do processo de levantamento e análise do que já foi publicado sobre o tema e o problema de pesquisa escolhidos. Permitirá um mapeamento de quem já escreveu e o que já foi escrito sobre o tema e/ou problema da pesquisa”.

Tendo em vista a importância de o pesquisador realizar no primeiro momento um levantamento bibliográfico sobre o que já foi produzido de pesquisa no campo, sobre isso o Estado da Questão. Entretanto, o que é o Estado da Questão? Qual a finalidade do Estado da Questão? Nesse sentido, é fundamental destacar que o pesquisador após escolher o tema que será investigado, precisa iniciar amplo levantamento das fontes teóricas, ou seja, relatórios de pesquisa, livros, artigos científicos, monografias, teses e dissertações, com o intuito de

produzir a contextualização da pesquisa e sua base teórica, que fará parte do referencial da pesquisa. No entanto, de uma revisão bibliográfica ou da literatura, possibilitando o pesquisador identificar o estado da arte que se difere do estado da questão.

Esse processo de busca mostrará até que ponto o tema já foi estudado na literatura. Portanto, “Convém estabelecer um marco teórico de referência (corte epistemológico-estabelecimento dos níveis de reflexão e de objetividade do conhecimento referentes aos modos de observação e experimentação) e sua abrangência em termos temporais” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 131).

De acordo com Nóbrega-Therrien e Therrien (2004), o Estado da Questão possibilita o pesquisador a busca inicial de pesquisas realizadas no campo, além disso, delimita e defini o objeto específico de investigação e as respectivas categorias de análise da abordagem teórico-metodológica. Através de consulta no sistema de informação de teses e dissertações, proporcionará ao pesquisador a capacidade de clarear e delimitar o objeto de estudo, bem como a contribuição original da pesquisa. Possibilitando, assim, que o pesquisador possa chegar ao estado da sua questão.

Os autores Prodanov e Freitas (2013, p. 131) destacam que a revisão bibliográfica ou da literatura proporciona o investigador analisar:

[...] as mais recentes obras científicas disponíveis que tratem do assunto ou que deem embasamento teórico e metodológico para o desenvolvimento do projeto de pesquisa. É aqui também que são explicitados os principais conceitos e termos técnicos a serem utilizados na pesquisa. A revisão da literatura demonstra que o pesquisador está atualizado nas últimas discussões no campo de conhecimento em investigação. Além de artigos em periódicos nacionais e internacionais e livros já publicados, as monografias, dissertações e teses constituem excelentes fontes de consulta.

Sendo assim, o levantamento bibliográfico de teses e dissertações no sistema de informação que dialogam e se aproximam com o objeto de estudo é enriquecedor para andamento da pesquisa. Partindo deste pressuposto, a finalidade do Estado da Questão é de levar o pesquisador a registrar pesquisas que foram realizadas e que dialogam com o objeto de investigação. Para Nóbrega-Therrien e Therrien (2004, p. 7), “A finalidade do “estado da questão” é de levar o pesquisador a registrar, a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação no estado atual da ciência ao seu alcance”. Ainda no que constitui o Estado da Questão, os mesmos autores dizem que:

[...] o *estado da questão* transborda, de certo modo, os limites de uma revisão de literatura centrada mais exclusivamente na explicitação de teorias, conceitos e categorias. A concepção proposta requer uma compreensão ampla da problemática em foco fundada nos registros dos achados científicos e nas suas bases teórico-metodológicas acerca da temática e, decorrente desse mergulho, requer igualmente a perspectiva de contribuição do próprio estudante/pesquisador cuja argumentação, lógica, sensibilidade, criatividade e intuição apontam as dimensões da nova investigação. É precisamente esse processo e o material/texto produzido nessa fase que fornecem os elementos para identificar e definir os referenciais e as categorias imprescindíveis à análise dos dados no enfoque desejado (NÓBREGA-THERRIEN; THERRIEN, 2004, p. 7)

Nesse ínterim, é fundamental salientar que a seleção de teses e dissertações exige do pesquisador a escolha de pesquisas que possam contribuir para a investigação, pois nem sempre as teses e dissertações encontradas se aproximam e dialogam com o objeto de estudo de interesse ou corresponde à problemática estudada. Uma vez que aparece uma amplidão de trabalhos, é necessária uma seleção cuidadosa. Nóbrega-Therrien e Therrien (2004, p. 10) ressaltam que:

Importa lembrar que no estado da questão os achados têm de estar necessariamente ou diretamente articulados com o tema: devem referenciar especificamente o que existe em publicações ou estudos com relação a este, na área de investigação do estudante/pesquisador [...].

É oportuno frisar que este capítulo surgiu a partir do 1º Café em Debate do GPECI, com o tema O Estado da Questão para construção teórica do objeto de estudo. O Grupo de Pesquisa Educação Geográfica, Cultura Escolar e Inovação (GPECI) é vinculado ao Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEP) do DCG/UFPE. Esse momento contribuiu para elucidar o que faltava para construção da dissertação, mostrando outros caminhos para explorar o presente objeto de pesquisa, enriquecendo ainda mais esse trabalho, além disso, contribuindo, assim, para um olhar crítico sobre essa pesquisa. É importante destacar que o capítulo construído na dissertação sobre o Estado da Questão vem contribuir com o tema investigado e ao estudo como um todo. Como ressaltam Nóbrega-Therrien e Therrien (2004, p. 11): “[...] o capítulo sobre *o estado da questão* tem a finalidade de deixar clara a contribuição pretendida pela pesquisa ao tema investigado e ao estudo como um todo”.

Assim, a próxima seção visa a analisar as pesquisas desenvolvidas no campo da formação inicial de professores, o objeto de estudo das teses e dissertações que são voltadas para: a pesquisa na formação inicial de professores, o lugar da pesquisa na formação inicial de

professores e as disciplinas inseridas nos currículos dos cursos de Licenciatura, com ênfase na relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores. Além disso, detalhar os caminhos que percorri para a construção do Estado da Questão com base no interesse de nossa investigação.

Os caminhos à construção do Estado da Questão não são uma tarefa fácil para o pesquisador, o itinerário que vai desde as buscas até as escolhas das teses e dissertações possibilita enxergar que o pesquisador necessita ter um olhar criterioso nestas escolhas, tentar trazer pesquisas que se aproximam do objeto investigado. Diante disso, as escolhas das teses e dissertações é que compuseram a construção do nosso Estado da Questão.

Partindo do pressuposto de encontrar pesquisas realizadas no campo investigativo e que se aproximam com o objeto de estudo, e como ponto de partida desse exercício na escolha da fonte de onde realizarei a busca, tendo como fonte a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os textos completos das teses e dissertações das instituições brasileiras de ensino e pesquisa. É fundamental destacar que o recorte temporal é essencial para o pesquisador no momento da busca, devido à sua amplitude de divulgação de estudos selecionados. Tendo como recorte temporal o período compreendido entre 2000 e 2012.

A escolha pelo recorte temporal entre 2000 e 2012 se deu através das teses e dissertações encontradas no momento da busca inicial, apresentando nos resumos das pesquisas aproximações com o objeto estudado. As teses e dissertações mais atuais durante a busca realizada discutem sobre outro contexto de relação entre ensino e pesquisa nos cursos de graduação, voltando mais atenção para os cursos de Bacharelado e a relação da pesquisa entre a pós-graduação e graduação. É importante destacar que a escolha por este recorte temporal não exclui as pesquisas mais recentes, pois há pesquisas que tratam sobre o Ensino de Geografia, a formação inicial de professores de Geografia no PIBID e as novas tecnologias para o ensino da Geografia. Como Martins (2010); Pessoa (2017); Rockenbach (2018); Santos (2017); Woitowicz (2016), entre outros que assinam teses e dissertações.

Através da busca avançada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o pesquisador tem a opção de inserir os descritores (ou palavras chaves), uma vez que, quando o pesquisador realiza a busca pelos descritores, contribui para encontrar teses e dissertações que se relaciona com a pesquisa. Depois da busca inicial é o momento da seleção e escolha das teses e dissertações que se aproximam e dialogam com o objeto estudado, por conseguinte, delimitar a contribuição do estudo sobre o que se pretende fazer.

Os descritores da busca avançada na página da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) têm como intuito encontrar trabalhos que se relacionam com a nossa pesquisa. Diante disso, os descritores se deram através da relação: *Ensino, Pesquisa, Graduação e Professor*. Colocando os descritores (ou palavras-chave), foi selecionada uma vastidão de teses e dissertações. É importante inserir os descritores durante a busca de teses e dissertações, uma vez que ajudará a encontrar pesquisas relacionadas. Porém, é fundamental salientar que, mesmo com um número excessivo de teses e dissertações selecionadas no momento da busca, encontrei uma dissertação da Ciência Geográfica dentro do recorte temporal entre 2000 e 2012.

É importante destacar algumas teses e dissertações mais atuais na área de Geografia, a exemplo das teses de Martins (2010), que teve como objetivo analisar a contribuição do curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo na formação de um profissional com as condições básicas de aprendizagem da docência para atuar na escola e na sua área de conhecimento; Pessoa (2017), cujo objetivo foi analisar o início da trajetória docente dos professores de Geografia recém-egressos da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras, considerando seus percursos de formação inicial e os desafios relacionados ao contexto de atuação profissional onde estão inseridos; e Santos (2017), cujo objetivo foi identificar e compreender os conhecimentos que os professores formadores de Geografia devem possuir para desenvolver um trabalho em que haja diálogo entre os vários conhecimentos docentes existentes e, assim, promover sua profissionalidade.

Dentre as dissertações, as de Woitowicz (2016), que teve como objetivo analisar as atuações do Subprojeto de Geografia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus Marechal Cândido Rondon (MCR); e Rockenbach (2018), que se propôs a analisar a teoria do Conhecimento Pedagógico do Conteúdo de Lee Shulman e estabelecer diálogos entre essa teoria e os saberes docentes geográficos a fim de contribuir para a formação inicial de professores de Geografia. É importante destacar estas teses e dissertações para mostrar que houve pesquisas após o recorte temporal delimitado para a construção do capítulo do Estado da Questão. E a escolha pelo recorte temporal entre 2000 e 2012 foi justamente porque as teses e dissertações se aproximam do objeto de estudo e discutem sobre a pesquisa na formação inicial de professores.

As escolhas das teses e dissertações que compõem o presente Estado da Questão se deram através da leitura dos resumos, quando necessário, a leitura da introdução, metodologia e resultados finais, no intuito de obter mais informações. Os resumos foram as bases iniciais

para a análise. As análises dos resumos consistiram na leitura dos objetivos que trata a pesquisa, escolha dos participantes, os principais teóricos que fundamentaram a discussão, o percurso metodológico, e resultados da análise dos dados, informações deste tipo contribuíram para selecionar as teses e dissertações.

Ao utilizar os descritores *Ensino, Pesquisa, Graduação e Professor*, tivemos acesso os achados da investigação de 20 dissertações e 15 teses em diversas áreas do conhecimento, no entanto, somente 7 relativos ao recorte temporal que delimitado (2000-2012) e que têm aproximação com o objeto de estudo que propus investigar. Partindo dos achados, foi o momento da leitura tanto dos resumos, como também, quando necessário, a leitura da introdução para clareza de algum aspecto, a pausa para reflexão, olhar crítico e escolha das pesquisas que se encaixam com a presente investigação, visando a contribuir e delimitar as questões centrais de interesse. Nóbrega-Therrien e Therrien (2004, p. 12) dizem que:

Depois da busca inicial, e muitas vezes concomitantemente a ela, o estudante/pesquisador começa a etapa propriamente dita da construção *do estado da questão*. Observa-se a parada em frente ao computador, o lápis diante do papel, a pausa para reflexão, a interrogação sobre qual o ponto de partida e qual o de chegada, como parte desse cenário de criação.

Antes de aprofundar a discussão de cada umas dessas pesquisas, apresento o Quadro no intuito de oferecer um panorama dos trabalhos existentes sobre o objeto em questão na mencionada base, isto é, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Quadro 1 - Mapeamento Realizado na BDTD sobre Pesquisa na graduação (2000-2012).

Descritores	Autor/ano	Trabalho intitulado	Natureza do estudo	IES	Programa
Ensino, Pesquisa, Graduação e Professor	Faoro (2000)	UM OLHAR SOBRE O MITO DO INDISSOCIÁVEL: A pesquisa no ensino e o ensino da pesquisa na graduação	Dissertação	UFSC	Programa de Pós-Graduação em Educação
	Sales (2004)	O ensino pela pesquisa: uma atitude necessária à formação do professor no ensino da Geografia	Dissertação	UFBA	Programa de Pós-Graduação em Educação
	Roza (2005)	A PESQUISA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: intenções e experiências docentes e discentes e as limitações deste exercício - um olhar sob duas realidades educacionais	Dissertação	UFRGS	Programa de Pós-Graduação em Educação

Wolff (2007)	A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: A pesquisa como possibilidade de articulação entre teoria e prática	Tese	UNISINOS	Programa de Pós-Graduação em Educação
Bortolini (2009)	A PESQUISA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: experiências e representações	Tese	UFRJ	Programa de Pós-Graduação em Educação
Soares Junior (2010)	O lugar da pesquisa no currículo da formação dos professores da Educação Física	Dissertação	UnB	Programa de Pós-Graduação em Educação
Pesce (2012)	A formação do professor pesquisador nos cursos de Licenciatura: a perspectiva do professor formador e dos licenciandos	Tese	PUC-SP	Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Com a construção do quadro, foi possível perceber que os achados da investigação mostraram que a área que mais se destacou é a de Educação, as dissertações compõem a maioria da amostra de nosso Estado da Questão, sendo 4 dissertações e 3 teses. Diante disso, é importante destacar uma tese que investiga a formação inicial do professor de Matemática e uma dissertação que trata da formação dos professores na área da Educação Física.

Recordando a busca inicial da pesquisa a partir dos descritores *Ensino*, *Pesquisa*, *Graduação* e *Professor*, foram direcionados 35 estudos. Todavia, apenas 7 pesquisas se ajustavam ao objeto de investigação por tratarem de ideias afins sobre o papel da pesquisa na formação inicial de professores, por exemplo: o ensino pela pesquisa na formação de professores, disciplinas de pesquisa inseridas nos currículos dos cursos de Licenciatura, com destaque na relação entre e pesquisa, e as contribuições da pesquisa a formação de professores e prática dos professores.

Das 28 pesquisas que não foram citadas no quadro, mas que estão entre os achados da investigação a partir dos descritores, a maioria tratava de outros objetos de estudo, por exemplo, a pesquisa enquanto articulação entre a pós-graduação e graduação, a formação do professor numa área específica na educação, formação dos jovens pesquisadores através do programa de Iniciação Científica, professores pesquisadores da pós-graduação, a pesquisa na formação acadêmica dos bacharéis. O recorte temporal (2000-2012) também influenciou para a análise das pesquisas encontradas. Todavia, é fundamental ressaltar que diante do

levantamento bibliográfico do Estado da Questão a partir do recorte temporal encontraram-se pesquisas que tratam do objeto e que ajudarão na formulação do nosso Estado da Questão.

Com isso, o Estado da Questão favorece para delimitar e caracterizar o objeto de estudo do pesquisador, além disso, aproximação e diálogo com a pesquisa que intenciona fazer e contribuir para a construção da novidade de sua investigação. Neste sentido, diante da análise das teses e dissertações que compuseram o Estado da Questão no recorte temporal (2000-2012), foi possível perceber que, no campo no qual busco respostas para as questões centrais desta dissertação, a área de Geografia, encontrei uma a dissertação de Sales (2004), que tratava do ensino pela pesquisa na formação inicial do professor de Geografia.

2.2 Análise dos estudos que compõem o estado da questão

Esta seção visa a descrever as pesquisas selecionadas da BDTD que compõem o Estado da Questão no recorte temporal (2000-2012), a partir dos descritores: *Ensino, Pesquisa, Graduação e Professor*. Nos 7 estudos, os pesquisadores defendem: pesquisa na formação inicial de professores, o papel da pesquisa na formação dos professores, o ensino pela pesquisa, a pesquisa como possibilidade de articulação entre teoria e prática na formação dos professores, as experiências de docentes e discentes no tocante à pesquisa.

Partindo deste pressuposto, inicio com o estudo de Faoro (2000), que teve como objetivo investigar como a pesquisa vem sendo ensinada pelos professores do curso de Pedagogia, através das disciplinas que objetivam ensinar os acadêmicos, futuros professores, a pesquisar.

Diante disso, as disciplinas do curso de Pedagogia delimitada foram as de *Iniciação à Pesquisa e Teoria da Ciência*, no curso de Pedagogia da UCS - Universidade de Caxias do Sul. Os participantes envolvidos foram professores e alunos que já vivenciaram práticas relacionadas a estas disciplinas. Faoro (2000) enquadrou os entrevistados em duas categorias:

1. Professores que ministraram as disciplinas citada anteriormente que se direcionam ao ensino da pesquisa no curso de Pedagogia no ano de 1999.
2. Discentes do curso de Pedagogia pertencentes ao Campus Universitário da Região dos Vinhedos em Bento Gonçalves, Campus Universitário de Vacaria em Vacaria e Campus Sede em Caxias do Sul que cursaram as disciplinas de Iniciação à Pesquisa e Teoria da Ciência durante o ano de 1999.

Neste sentido, a referida autora ressalta que a forma de abordagem do estudo constitui-se numa pesquisa qualitativa, combinando a análise de documentos pertinentes e dos

discursos dos sujeitos envolvidos, os alunos e professores. O instrumento utilizado para coleta de dados por Faoro (2000) foi a entrevista, com as perguntas abertas, possibilitando aos entrevistados expressar-se livremente.

Ela destaca que, durante o processo investigativo e da análise, foi ficando claro que o privilegiamento da função ensinante em detrimento da pesquisa conspiram contra a concretização de um ensino de qualidade, de um vínculo mais estreito com a realidade, regional e internacional, assim como contra o próprio conceito de universidade.

Dessa forma, como encaminhamento do seu estudo, Faoro (2000) registra a necessidade e o desafio de realização de outras pesquisas que tratem da problemática, em outras instituições de ensino superior, especialmente nas públicas, com o propósito de estabelecer comparações entre instituições de diferentes dependências administrativas no alcance da tão decantada indissociabilidade entre, ensino, pesquisa e extensão.

Já o estudo de Sales (2004) dialoga com a área da Ciência Geográfica. A relevância da dissertação é tratar da atividade de pesquisa na/para formação do professor do ensino básico, com destaque na disciplina Geografia. A dissertação está vinculada na linha de pesquisa Currículo e Novas Tecnologias do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Bahia.

Diante disso, como aporte teórico, Sales (2004) contemplou autores que discutem ensino, pesquisa, currículo e contemporaneidade. Quanto ao principal argumento para a realização da investigação, este foi analisar a dicotomia, historicamente criada, entre ensino e pesquisa nos currículos das Licenciaturas. O cenário da pesquisa foi o curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, localizado no município de Santo Antônio de Jesus/BA.

Os dados de Sales (2004) demonstraram que o currículo das Licenciaturas ainda não reúne condições para formar tal professor, pois o que predomina é o ensino de pesquisa e não o ensino pela pesquisa. Dessa maneira, conclui que ainda estar à espera de que a pesquisa adquira a condição de função estruturante do sistema educacional, para além do instrumental, cruzando não só as técnicas do conhecimento, mas o impulso crítico e criativo da educação contemporânea.

O estudo de Roza (2005) teve como objetivo analisar as concepções, intenções e vivências discentes e docentes relativas ao ensino com a pesquisa no processo de formação de professores e limitações para esta prática. As realidades enfocadas nesta pesquisa foram duas Universidades da Grande Porto Alegre (uma da rede privada e outra da rede pública). Buscou-se investigar a partir da seguinte proposta de estudo: Como os discentes e docentes concebem

e vivenciam o ensino com pesquisa no processo de formação de professores? Quais as intenções, limitações e suas práticas?

Com isso, tendo em vista tais perguntas de partida, Roza (2005) levantou outras questões pertinentes: Quais as concepções e intenções discentes e docentes relativas ao ensino com pesquisa no processo de formação de professores? Quais as modalidades de exercício de pesquisa em sala de aula são vivenciadas pelos discentes e docentes no processo de formação de professores? Quais as limitações da prática da pesquisa no processo de formação dos professores?

Diante disso, os principais teóricos que contribuíram para a sua discussão foram Pedro Demo; Elizabeth Krahe; Maria Isabel da Cunha; Menga Ludke; Schon; Kincheloe e Tardif. Quanto aos caminhos metodológicos, a autora utilizou análise de conteúdo, de cunho exploratório-descritivo de caráter qualitativo.

Para escolher os discentes que participariam do seu estudo, Roza (2005) destacou que o critério de escolha dos discentes foi aleatório. É importante ressaltar que, mesmo seguindo um critério aleatório na escolha dos discentes, a autora considerou alunos dos dois últimos semestres, uma vez que têm interagido com a maioria do corpo docente e conseguem opinar de maneira mais clara sobre a prática da pesquisa na universidade, enquanto que os docentes foram escolhidos pelo critério de saturação que, em sua prática cotidiana, utilizam a pesquisa no ensino superior.

Roza (2005) apresentou três fases metodológicas com duas modalidades para obtenção de dados: inicialmente a identificação, pelos discentes, daqueles professores que, em sua prática cotidiana, utilizam a pesquisa no Ensino Superior; entrevistas semiestruturada com os docentes identificados pelos alunos como professores que utilizam o ensino como pesquisa na formação inicial de professores, com o propósito de saber as suas concepções e propostas pedagógicas e, por fim, um questionário, junto aos alunos das turmas sugeridas pelos professores entrevistados, no intuito de verificar as suas concepções e apreciações frente a estas iniciativas docentes.

Diante da análise dos dados, os resultados de tal investigação demonstraram que os discentes e docentes entrevistados concebem a pesquisa como um fio articulador na construção do conhecimento, assim como um papel político-social de extrema relevância, além disso, registram suas práticas com pesquisa através de projetos de trabalho. Como adendo propositivo, ou seja, para estudos posteriores na área de formação de professores, Roza (2005) sugere que as instituições de ensino superior devem implementar espaços, onde as experiências em pesquisa possam ser compartilhadas com a comunidade acadêmica mais

ampla. A reorganização curricular nos cursos de formação de professores alicerçado a partir do paradigma da dúvida, para que a pesquisa possa se constituir em uma prática instrucional e não uma prática de poucos docentes para uma minoria discente privilegiada nas instituições de ensino superior e nas escolas.

Por sua vez, o estudo de Wolff (2007), investiga a formação inicial de professores na área de Matemática e propõe-se compreender a possibilidade da pesquisa como eixo articulador da relação teoria-prática no contexto da formação inicial de professores de Matemática. O referido trabalho investigou duas realidades Argentina e Brasil, foi através da bolsa de doutorado-sanduíche financiada pela CAPES que a autora procurou identificar as diferentes instâncias de formação de professores de Matemática na Argentina e analisar seus planos de estudos e cotejar as concepções e experiências de prática de ensino e de estágios, realizadas nos dois países.

Para isso, a autora seguiu a abordagem qualitativa, observando os princípios etnográficos, quanto à modalidade para obtenção de dados a autora utilizou a análise documental e entrevistas. Os participantes do estudo foram os professores e estudantes. Wolff (2007) destaca que a análise dos dados procurou compreender: a) as características do professor de Matemática; b) a percepção conceitual da relação teoria-prática nas propostas curriculares; c) a possibilidade da pesquisa como componente dessa formação.

No que diz respeito ao aporte teórico, ela adotou as ideias de L. Stenhouse e J. Elliott, no intuito de compreender a pesquisa como possibilidade de articulação entre teoria e prática no processo de formação e professores, especialmente, em relação ao currículo como meio para o professor aprender e aperfeiçoar a arte de ensinar. A autora também destacou o pensamento de outros autores que contribuíram para a discussão do estudo, Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos, Maurice Tardif, Dario Fiorentini, Maria Isabel da Cunha e Maria Cristina Kessler.

Em suma, os resultados da pesquisa de Wolff (2007) indicaram pontos de intersecção entre as experiências dos dois países – Brasil e Argentina, contudo, ainda que revelem distinções de formatos que decorrem de Legislação e da tradição educativa que os caracterizam. Portanto, indicam que a perspectiva da pesquisa na formação inicial de professores de Matemática ainda é incipiente, visando à forte influência da racionalidade técnica e da configuração do campo científico.

Ela ressalta que foi possível perceber que a Legislação brasileira que provoca a inserção da prática nos currículos das Licenciaturas ainda estava em fase de adequação por parte dos professores universitários. Por fim, destacou que os participantes do estudo

contribuíram para o traçado de algumas possibilidades de inserção da pesquisa enquanto articuladora da relação teoria-prática na formação inicial, anunciando novas perspectivas.

Em se tratando do estudo de Bortolini (2009), este teve como objetivo compreender quais as representações de pesquisa que orientam e/ou ressignificam as experiências de formação que o novo projeto curricular para o curso de Pedagogia da UNESA propõe. Tendo como objetivos específicos: compreender como se dá a inserção da pesquisa no projeto de reestruturação curricular do curso, considerado o contexto de sua reformulação e implementação; identificar os princípios político-filosóficos que orientavam a reestruturação curricular e como estes se articulam aos princípios teórico-metodológicos envolvidos na elaboração da “nova disciplina”; analisar os processos de elaboração e os elementos que constituem as representações de pesquisa, construídas por alunos e professores envolvidos; e analisar como se articulam as representações de pesquisa e as práticas/experiências vividas pelos professores/alunos no curso. Diante disso, o cenário da pesquisa foi o curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá em dois campi em Petrópolis e Madureira.

As questões que norteiam o estudo de Bortolini (2009) foram: Qual a inserção da pesquisa nos projetos de reestruturação curricular dos cursos de formação de professores, considerados os contextos de sua reformulação e implementação? Quais os princípios político-filosóficos que orientam a reestruturação curricular e como estes se articulam aos princípios teórico-metodológicos envolvidos na elaboração das novas disciplinas de pesquisa? Quais os processos de elaboração e os elementos que constituem as representações de pesquisa construídas por professores/as e alunos/as envolvidos/as? E como se articulam as representações de pesquisa e as práticas/experiências vividas por professores/alunos no curso?

Quanto ao método dos procedimentos (técnicos), a autora optou pelo desenvolvimento da investigação o Estudo de Caso com a utilização de uma abordagem plurimetodológica. O estudo de Bortolini (2009) envolveu a análise de documentos oficiais, o Projeto Político Pedagógico, a matriz curricular e os programas da disciplina. O trabalho de campo foi realizado em dois campi com aplicação de questionários, técnica de associação de ideias, entrevistas semiestruturadas, grupos focais e análise de avaliação institucional.

Para o trabalho de campo e para a obtenção de dados, Bortolini (2009) realizou aplicação de questionários, técnica de associação de ideias, entrevistas semiestruturadas, grupos focais e análise de avaliação institucional, os participantes da pesquisa foram 171 estudantes e 17 professores da disciplina de Pesquisa e Prática em Educação (PPE). Os resultados da investigação da referida autora dizem que foi possível perceber que as falas dos professores são slogans que parecem expressar mais a luta por inserção no campo e a

afirmação da cientificidade da Pedagogia. Enquanto a análise das falas das/os alunas/os permitiu a construção de seis núcleos de sentido: busca, conhecimento, análise, método, prática e aprendizado.

No que diz respeito aos dois campi em Petrópolis e Madureira, Bortolini (2009) demonstrou que, em Petrópolis, os projetos interdisciplinares promovem maior inserção no campo e aproximação com a realidade, a representação de pesquisa está organizada em torno do binômio conhecimento - prática, enquanto que, em Madureira, numa abordagem burocrática, pesquisa é conhecimento método, a autora ressaltou que não há motivação para a aprendizagem da pesquisa, tornando-a uma experiência pouco fértil, que reproduz e não renova a prática docente já instituída. Por fim, a autora salientou que as diferentes experiências durante o processo investigativo não só levaram à elaboração de representações de pesquisa distintas, mas problematizaram mesmo seu sentido na formação.

No que tange ao estudo de Soares Junior (2010), o objetivo foi analisar o lugar da pesquisa no currículo de um curso de formação inicial de professores de Educação Física para a Educação Básica. Assim, emergem os seguintes objetivos específicos: compreender se a pesquisa é componente integrante nas DCNs para a Formação de Professores para a Educação Básica; analisar a concepção e a indicação de inclusão da pesquisa estabelecida no PPP do curso de formação; analisar como docentes e discentes percebem a inclusão da pesquisa no currículo do curso de formação.

O estudo de Soares Junior (2010) é ancorado na linha de pesquisa Formação Docente, Currículo e Avaliação da área de concentração Desenvolvimento Profissional Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília e faz parte do Grupo de Pesquisa Currículo: teorias e práticas. O tipo de pesquisa realizado foi o Estudo de Caso e possui três fases: a fase exploratória; a fase de delimitação do estudo e de coleta de dados e a fase de análise sistemática dos dados e elaboração do relatório.

Para obtenção de dados nesse processo de investigação, Soares Junior (2010) optou pela modalidade da análise documental, o questionário e o grupo focal. O lócus do estudo foi realizado em uma instituição vinculada à uma universidade localizada na Região Centro-Oeste. Os participantes da pesquisa foram docentes e discentes do curso de formação inicial de professores de Educação Física. Para o desenvolvimento do estudo, Soares Junior (2010) abordou três eixos: formação inicial de professores, currículo da formação inicial de professores e pesquisa na formação docente inicial, todos os eixos com foco na área de Educação Física.

Como principais aportes teóricos que fundamentaram o estudo de Soares Junior (2010), estão Borges, Imbernó, Garcia e Alves, Molina Neto, Veiga, Tardif, Bernstein, Gimeno Sacristán, Moreira, Torres Santomé, Almeida, André, Demo, Imbernón, Fontana, Severino, Pimenta e Lima, Pimenta.

Os resultados do estudo de Soares Junior (2010) apontaram que foram compreendidos que a pesquisa está incluída nas Diretrizes Curriculares Nacionais para formação do professor para Educação Básica como um dos princípios formativos e preparo para prática profissional. Além disso, a pesquisa no currículo no curso de formação de professores de Educação Física para a Educação Básica Instituição Formadora está localizada em um lugar de destaque que supera a perspectiva estabelecida nas Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores para a Educação Básica. Soares Junior (2010), nas suas considerações finais, ressaltou que a formação de professores com capacidade para realizar pesquisa deve ser um processo contínuo, para sempre, da mesma maneira que a formação docente.

Por fim, o estudo de Pesce (2012) teve como objetivo compreender como o professor formador considera formar o professor pesquisador. A teoria sócio-histórica de Vigotski orientou o estudo da autora, uma vez que o sujeito se constitui nas relações que estabelece dialogicamente com o outro tendo a linguagem como instrumento de mediação do conhecimento. Para fundamentar seus estudos em relação à concepção de professor pesquisador, a autora teve como referência André, Concham-Smith e Lytle, Ludke, dentre outros autores.

Os participantes deste estudo foram quatro professores orientadores do Estágio Curricular Supervisionado nos cursos de Licenciatura de Matemática, Geografia, Letras e História. E dois alunos do último ano de cada um dos cursos citados, a pesquisa foi desenvolvida no cenário da Universidade Regional de Joinville - UNIVILLE, situada na região nordeste de Santa Catarina. Pesce (2012) salientou que a escolha da Universidade Regional de Joinville - UNIVILLE como campo de pesquisa se deu por vários fatores: a vocação como instituição comunitária e a sua preocupação em manter a oferta de cursos de Licenciatura, além disso, sua formação foi nesta Instituição e atua há mais de trinta anos.

Para a obtenção de dados, Pesce (2012) utilizou a entrevista e, pela análise de documentos institucionais, como, por exemplo, o Projeto Pedagógico Institucional, os Projetos dos Cursos de Licenciatura, os Programas de Ensino Aprendizagem de Estágio Curricular Supervisionado. Diante disso, como orientação da leitura e a interpretação do corpus da pesquisa, ela utilizou a Análise Crítica do Discurso de Fairclough. Por meio da Análise Crítica do Discurso de Fairclough a autora apontou que as professoras formadoras

têm diferentes concepções do que é pesquisa. A formação discursiva advinda das especificidades da disciplina constitui a forma como essas professoras entendem a formação do professor pesquisador.

Já os alunos do último ano de cada um dos cursos de Licenciatura de Matemática, Geografia, Letras e História compreendem a pesquisa como uma forma de o professor manter-se atualizado, tanto em relação ao conteúdo da disciplina como às questões pedagógicas. A autora destacou que os discursos dos entrevistados tiveram pontos em comum entre os professores formadores e alunos, uma vez que reconhecem a importância da pesquisa na atividade docente, proporcionando autonomia em relação aos conteúdos da disciplina, bem como às situações da sala de aula.

Pesce (2012) também destacou algumas estratégias que durante o processo investigativo foram relatadas pelas professoras que consideram essenciais para ajudar a formação do professor pesquisador e também são mencionadas pelos alunos, são: orientação individual, incentivo, questionamento e discussão coletiva. Como resultados de sua pesquisa, ela considerou que sua investigação demonstrou que a forma como as professoras formadoras entendem e ensinam a fazer pesquisa são afetadas tanto pelas experiências pessoais com a pesquisa, como pela cultura institucional. Do mesmo modo, os alunos imersos nas múltiplas interações, vão se constituindo discursivamente pela área do seu curso de Licenciatura.

Os estudos descritos nesta seção (FAORO, 2000; SALES, 2004; ROZA, 2005; WOLFF, 2007; BORTOLINI, 2009; SOARES JUNIOR, 2010 e PESCE, 2012) demonstraram relação entre ensino e pesquisa na formação de professores, as disciplinas no tocante à prática da pesquisa e implementação das disciplinas de pesquisa nos cursos de Licenciatura com ênfase na teoria e prática, além disso, algumas Licenciaturas ainda estavam em processo de adequação as Diretrizes Curriculares Nacionais, também apresentam aspectos históricos da formação de professores e discursos dos professores formadores é predominante.

Diante das pesquisas apresentadas através do levantamento bibliográfico da BDTD e quanto à produção do Quadro e o exercício de descrever cada um desses estudos possibilitou esclarecer sobre as pesquisas que foram produzidas no campo, além disso as temáticas mais se aproximam com esta investigação, assim como as lacunas que precisa aprofundar após as pesquisas mapeadas para área de Geografia.

No entanto, ao concluir este capítulo, foi importante o exercício realizado através do Estado da Questão, uma vez que possibilitou conhecer o que está sendo investigado sobre as principais temáticas da área de Geografia. Ademais, o Estado da Questão proporcionou diálogo e confronto com autores(as) de outras áreas do conhecimento, assim como ponto de

partida para construção e produção do Estado da Questão do objeto de estudo e, posteriormente a relevância da pesquisa.

3 FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Este capítulo trata da formação inicial do professor de Geografia (o contexto histórico, o que é formação inicial, o processo das Licenciaturas, assim como a Legislação que sustenta a formação inicial de professores).

3.1 Contexto inicial dos cursos de formação de professores

A formação de professores, como campo de investigação, há algum tempo, é objeto de discussão de vários pesquisadores em educação, interesse de governos, de gestores e de professores, e todos aqueles que se preocupam com o tema, além disso, há um crescente número de trabalhos científicos que tratam deste campo, bem como os congressos e encontros educacionais que fortalecem ainda mais as pesquisas e que têm contribuído para sua ressignificação. Sendo assim, é de extrema relevância o debate sobre a formação de professores para a atuação na Educação Básica nas discussões contemporâneas, uma vez que essa formação habilita profissionalmente o futuro professor para o campo de atuação na área de formação. Batista Neto (2006, p. 53) diz que a formação de professores:

[...] tem se constituído, assim, como elemento da política educacional, objeto de pesquisa educacional, de avaliação educacional e da formação inicial e continuada de professores. Essa ampla teia de interesses que converge sobre a questão mostra a relevância social de que ela se reveste, que tem, de toda evidência, suscitando abordagens diversas e iniciativas de diferentes origens e motivações, sem esquecer os desafios a enfrentar.

Desse modo, a formação inicial de professores tem se formado enquanto elemento da política educacional, objeto de pesquisa educacional, de avaliação educacional, essa articulação mostra a relevância social sobre a questão. Além disso, fomentando várias abordagens e iniciativas de diferentes origens e motivações, assim como dos desafios a enfrentar.

Nessa perspectiva, durante muito tempo a formação de professores tinha como proposta formar o futuro professor para transmitir o conhecimento, no Brasil a discussão sobre formação de professores aconteceu tardiamente em decorrência do processo de industrialização que ocorreu mais demoradamente, após a primeira Revolução Industrial que se iniciou na Inglaterra a vanguarda da indústria, depois se expandiu posteriormente para França, Alemanha e Estados Unidos, o que colaborou para o rápido processo de formação de

professores, uma vez que a principal preocupação era para atender às estreitas necessidades de treinamento da indústria e do comércio no final do século XIX e início do século XX e a autonomia do professor era desvalorizada (CARVALHO, 2019).

Assim, o cenário de formação de professores era atender as necessidades da indústria e do comércio, a exemplo no ideário neoliberalista e tecnicista, pois as universidades e as instituições formadoras de professores neste modelo preparavam- os para desenvolverem treinamentos, visando ao domínio das técnicas, um modelo de educação que transformava a escola, ambiente em que vão se inserir, em empresa, era uma formação direcionada para atender às exigências da sociedade industrial, capitalista, tecnológica (VIANNA, 2004).

A partir dessa realidade de formação de professores que tinha como preocupação atender às demandas da indústria, o debate sobre formação de professores começou a ganhar força a partir do momento que o professor não era mais visto como reprodutor do conhecimento, mas como produtor do seu próprio saber. Outra questão que merece destaque foi a valorização da escola e a prática do professor em sala de aula, a preocupação com os currículos e a relação teoria/prática no cotidiano escolar, essas discussões e preocupações contribui para a valorização da identidade profissional (MARTINS, 2015).

Depois, no Brasil, no final do século XIX, aparecem os primeiros cursos destinados à formação de professores com as Escolas Normais, no segundo momento surgem as primeiras universidades. Conforme referencia Pimenta (2006), o Curso Normal que preparava professores para atuar no ensino primário, não discutia e nem partia da análise do contexto da realidade escolar, não possibilitava o pensamento crítico do futuro professor, bem como dos desafios a enfrentar. Além disso, a Escola Normal passou a concretizar as teorias pedagógicas e políticas que norteava a vida social da época, tendo como exemplo, o positivismo. Assim complementa Vianna (2004, p. 28):

A Escola Normal, como todas as demais existentes no país, passa a concretizar as teorias pedagógicas e políticas que orientam a vida social da época, como o positivismo, e a considerar o ensino de ciências como o centro de toda a educação, mantendo forte tendência, como as demais escolas, para valorizar as questões utilitárias em oposição ao ensino livresco desenvolvido especialmente pelos jesuítas, trabalhadas em ambiente orientado por disciplina e moral severas, próprias do comtismo.

Por outro véis, a criação dos cursos de formação de professores e também do curso de Geografia se deu por meio do decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, que o ministro Francisco Campos no Governo Getúlio Vargas, efetivando-se em 1934. Com isto, renovou o ensino superior brasileiro com a introdução do sistema universitário e foi através desse

decreto que foram criadas as Faculdades de Educação, Ciências e Letras com diversos cursos, principalmente, o de Geografia. As primeiras universidades organizadas de acordo com as novas regras foram a Universidade de São Paulo (1934) e a Universidade do Distrito Federal, incorporada em 1938 pela Universidade do Brasil, atual UFRJ (PINHEIRO, 2006; ROCHA, 2000).

Sendo assim, de acordo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 89-90) explicam que, “no Brasil, o estabelecimento de um sistema de formação do professor secundário remonta à década de 1930, quando houve forte expansão da escolaridade em todos os níveis”. Isto é, observa-se que o objetivo e preocupação com a formação de professores era para atuar na Educação Básica, uma vez que houve forte expansão da escolaridade, então era necessário formar mais professores para atuar em sala de aula.

Diante disto, após a institucionalização da Universidade de São Paulo (1934) e, conseqüentemente, o marco de fundação da Geografia no Brasil, é também nesse ano que, convidados pelo governo daquele estado, chegam ao Brasil professores contratados em sua maioria na Europa, os mestres franceses que viriam ocupar as cátedras abertas nas Faculdades de Educação, Ciências e Letras. Com isso, a contribuição da Geografia seria incontestável em se tratando da divulgação de uma Ciência Geográfica de orientação moderna, seja no campo da pesquisa aplicada como para o ensino secundário de Geografia (ROCHA, 2000; ABREU, 1994).

Rocha (2000) destaca que a partir de 1936, formar-se-iam os primeiros professores licenciados para atuar na Educação Básica, provenientes das Faculdades de Educação, Ciências e Letras. Além disso, houve uma maior expansão de cursos de formação de professores de Geografia a partir da década de 1950. Nas universidades públicas e mesmo em instituições de ensino privado, novas turmas ingressavam e qualificavam professores para atuar em sala de aula nos diferentes níveis de ensino.

Nessa discussão, Pimenta e Anastasiou (2002, p. 24) dizem que: “Os cursos de Licenciatura foram instituídos no Brasil em 1934, na Universidade de São Paulo, com a finalidade explícita de oferecer aos bacharéis das várias áreas os conhecimentos pedagógicos necessários às atividades de ensinar”. Através desse modelo de formação a organização curricular caracterizou-se da seguinte maneira: as disciplinas específicas e a disciplina de didática, formato conhecido como modelo “3+1”.

O modelo tradicional “3+1” acompanhou a formação de professores por alguns anos no ensino superior, esse modelo evidenciava no componente curricular as disciplinas específicas do curso e a didática geral, no final do curso os professores estavam habilitados

para o ensino básico. Esse modelo de formação visava à racionalidade técnica, separação entre teoria e prática, priorizando a formação teórica em detrimento da formação prática.

Cavalcanti (2008) assevera que na formação de professores inicial de Geografia no formato “3+1”, ficou estruturado assim a formação desse profissional: nos 3 primeiros anos cursavam as disciplinas de conteúdo, com a preocupação de formar saberes geográficos sem relação com o exercício profissional do geógrafo, pois a principal finalidade era aprender os conteúdos de Geografia, sem se preocupar com o objetivo que eles possam ter; já no último ano de formação, cursavam as disciplinas pedagógicas, que orientava para o exercício profissional, preparando tecnicamente o professor para a aplicação prática.

A necessidade de formar uma demanda de professores para atuar no ensino básico, muitas vezes, de maneira racionalizada, sem preocupação com a autonomia do professor diante das tomadas de decisões sobre o seu exercício, caracterizou um processo de desvalorização da profissão, pois o professor não tinha voz para enriquecer sua prática docente a partir de outras ferramentas, o que ensinar e como ensinar não precisava se preocupar, porque o modelo já estava pronto, a competência do professor não era valorizada.

É importante salientar que a expansão do ensino superior no Brasil deu-se pela via da privatização, em que surgiram diversas instituições isoladas, contrariando a Lei da Reforma do Ensino Superior nº 5.540/68. A referida lei instituía que o ensino superior deveria ser organizado sob a forma de universidade. Essas instituições privadas, constituídas, principalmente, como Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, multiplicaram-se no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, no bojo forte impulso expansionista do ensino superior brasileiro, caracterizando-se como lócus institucional da formação de professores para o ensino básico (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

Na realidade, a partir do momento que o setor privado de ensino superior fica responsável pela formação de professores que atuarão na Educação Básica sem preocupação com a formação humana e autônoma do professor, cria-se um laço de incerteza do verdadeiro professor que a instituição privada está formando, tendo em vista que, o objetivo da instituição é o lucro e não formar o futuro professor para ser protagonista de seu próprio conhecimento crítico.

Rocha (2000) e Pontuschka, Paganelle e Cacete (2009) compartilham da mesma ideia de que, no caso específico da formação de professores Geografia, a situação repetiu-se durante 30 anos, pois o setor privado de ensino superior tornou-se hegemônico. Foram criadas instituições privadas que tiveram como objetivo a formação desses professores em caráter aligeiradas, fragmentadas.

Assim, esses cursos duplamente estabeleciam dois anos para a Licenciatura polivalente em Estudos Sociais e mais dois anos para habilitação em Geografia. Desse modo, a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692 em 1971, os estudos dessa área deveriam ser constituídos pelos conhecimentos da Geografia, História e Organização Social e Política do Brasil. Entretanto, os geógrafos brasileiros levantaram várias críticas em relação a esse modelo de formação especialmente no que se refere aos Estudos Sociais como campo de integração dos conhecimentos de História e Geografia.

Para Pinheiro (2006), a reforma educacional de 1971 visou a ampliar o quantitativo de vagas para o ensino básico, especialmente a rede pública de ensino, exigindo maior número de professores e conseqüentemente maior oferta de cursos de formação de professores. Também nesse período houve um crescimento de faculdades isoladas por todo o Brasil oferecendo cursos de Licenciatura curta para suprir o sistema de ensino. Com isso, apenas algumas universidades públicas ofertavam cursos específicos de Geografia formando o professor e o bacharel.

A tentativa de substituir as Licenciaturas em Geografia pelos Estudos Sociais não foi uma boa ideia para a formação de professores e logo houve reações e insatisfações no que tange à formação de professores de Geografia. Então, surge a pressão de todos os lados, seja por estudantes, professores e “[...] sobretudo pelas entidades representativas das categorias atingidas, como a AGB e a ANPUH, estes cursos foram sendo aos poucos eliminados. No entanto, suas sequelas ainda hoje são sentidas no interior das escolas brasileiras” (ROCHA, 2000, p. 137).

No Brasil, a fundação do Departamento de Geografia da USP (1937) e a criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB (1955) foram marcos importantes que contribuíram bastante para a pesquisa e para o ensino da Geografia no país. Desse modo, em meados do século XX, os conteúdos da Geografia sofriram influência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, até então composto pela primeira geração de professores oriundos das universidades do Centro Sul do país (SALES, 2004).

Desse modo, o debate ganhou força quando os licenciados egressos das universidades públicas ou que acompanhavam os vários eventos da AGB e engajados nas discussões entre os representantes das diferentes tendências da Geografia nas universidades e que, de forma direta ou indiretamente influenciavam no ensino fundamental na educação básica passaram a fazer parte dessas discussões. Então, nas décadas de 1980 e 1990, produções de trabalhos sobre o ensino de Geografia foi colocada à disposição de seus professores e dos responsáveis pela formação docente no País (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). Entra

nesse cenário propostas de renovação da Geografia, via de regra convênio com as universidades.

O movimento de renovação da Geografia foi pensado com realização de cursos de capacitação oferecidos pelas Secretarias de Educação, proporcionando aos professores os caminhos metodológicos que deviam ser trabalhados, sem desvio na sala de aula. Mas, não houve preocupação com as precárias condições de trabalho e esquecem dos salários, da realidade de alguns professores que trabalham em duas escolas em turnos diferentes para condizer com a necessidade de sobrevivência. Dessa maneira, a luta continuou por melhores condições na formação de professores de Geografia e também para o campo de atuação dos professores, porque o processo de mudança é em pequenos passos.

Na esteira desse processo, é a partir dos anos 1990 que a formação de professores e de seu campo de atuação começou a fazer parte dos debates e foram colocados como elementos centrais. Isso porque era preciso (re)pensar especialmente os cursos de formação de professores e seus problemas, pois a formação não atendia a realidade desses professores, eram considerados, historicamente, fracos. Então, foi a partir dessa questão que houve mudanças e iniciativas para fortalecer a área de formação de professores de Geografia (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

Ainda de acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), a formação de professores com características aligeiradas, fragmentadas comprometeram a formação inicial dos professores. É partir daí que tal situação, começou a mudar, seja em nível nacional e internacional, há um movimento de valorização da formação e do exercício do professor, em que passa a ver o professor não como transmissor de conhecimento, aplicador de regras. Entretanto, concebe o professor enquanto sujeito com autonomia de sua prática, conferindo a capacidade reflexiva, crítica, propositiva e criativa de mudar a realidade do contexto social.

Desse modo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 apontou as inovações nos cursos de formação de professores e prever que a formação inicial de professores para atuar na Educação Básica se realize em nível superior. Também foram definidos os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino básico, ao mesmo tempo elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais para todos os cursos superiores de graduação. É a partir do processo de elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos superiores de graduação que foram construídas as três carreiras profissionais: o Bacharelado acadêmico, o Bacharelado profissional e a Licenciatura (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

A partir desta consolidação do curso de Licenciatura, foi possível constituir um currículo próprio de formação de professores, ou seja, um projeto específico e que não se confundiu com o perfil do Bacharelado e muito menos com modelo antigo que ficou caracterizado pelo sistema “3+1” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). Através das Diretrizes Curriculares Nacionais, foi possível definir um conjunto de competências e habilidades para os cursos de graduação, estabelecendo o perfil dos futuros profissionais, inclusive do curso de Licenciatura em Geografia. Desse modo, de acordo com as competências e habilidades definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais os conteúdos das diferentes áreas deveriam ser contemplados nos Projetos Pedagógicos das instituições, prever atividades complementares, o modelo dos estágios e as formas de avaliação.

Com isso, com a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores para atuar na Educação Básica propõe como elementos norteadores, que os futuros professores além de aprender os saberes específicos da área de formação, também devem articular com os saberes pedagógicos, da mesma maneira saibam mobilizá-los no cotidiano escolar. Dessa forma, é partir do currículo próprio de formação inicial de professores de Geografia estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais que foi possível melhorar a formação inicial de professores e contemplar com o campo de atuação da Geografia no atual contexto social.

Nesse sentido, cabe afirmar, todavia, que, no momento atual, é preciso pensar a formação inicial de professores de Geografia e refletir o seu campo de atuação, a escola ambiente em que vão se inserir. Assim, durante a formação inicial, os professores devem ter uma formação que possibilite autonomia para definir os diversos caminhos de ensino-aprendizagem dos alunos e para que, conseqüentemente, os conteúdos possam gerar um ciclo que nunca se fecha, problematização e outros conhecimentos. Castellar (1999, p. 54) entende a necessidade de o futuro professor ter uma formação que lhe permita:

[...] autonomia e reflexão para definir o que será dado e como ocorrerá o processo de aprendizagem do aluno. Isso porque os conteúdos escolhidos é que determinarão os núcleos conceituais e os procedimentos. O conhecimento disciplinar deve ser dinâmico para poder gerar novos conhecimentos.

Desse modo, a formação inicial de professores de Geografia à luz de uma rica discussão tanto dos saberes específicos da Geografia, como dos saberes pedagógicos constitutivos da profissão, na perspectiva de emancipação e autonomia desses futuros professores, é crucial. Para Demo (2006), emancipação significa recuperar o espaço próprio

que outros tomaram, uma vez que poder não é bem abundante disponível, mas cabe no contexto do conflito social.

A pesquisa na formação inicial de professores de Geografia permite defini sobre o que ensinar, como ensinar e a melhor maneira de avaliar o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Através dessa autonomia e diante das decisões de sua prática é possível gerar outros conhecimentos, uma vez que o conhecimento disciplinar é dinâmico e inacabado e repleto de novos elementos.

Com isso, formar o professor de Geografia, hoje, para atuar na Educação Básica, requer da formação inicial e a partir do currículo organizado pelas universidades, problematizar a realidade em que vão se inserir, também formular os direcionamentos da ação do professor para o cotidiano escolar. Portanto, o professor se sentirá capaz de pensar o que fazer e os caminhos que deve tomar para a melhoria de sua prática. A formação inicial de professores na atualidade deve desenvolver nos licenciandos de Geografia condições para inserir a pesquisa na sala de aula e cada vez aproximar de sua realidade e dos desafios a enfrentar.

3.2 O curso de Licenciatura e as diretrizes para a formação de professores de Geografia

O contexto histórico-político da formação inicial de professores apontou para a implantação e a reformulação de medidas e políticas educacionais que passam a priorizar a formação de professores, a elaboração das Diretrizes para a formação inicial de professores foi crucial para o cenário educativo nacional, pois as Diretrizes constituem um conjunto de fundamentos esta formação.

Dessa maneira, verifica-se a instituição dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, em 1995, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, e da Lei do Fundef (Lei nº 9424/96), e também uma profusão de decretos, de resoluções, e de pareceres que contribuíram para regulamentar e balizar a formação de professores no país (BATISTA NETO, 2006). Nesse sentido, o processo de reforma educacional dos anos de 1990 contribui para as possíveis mudanças tanto na formação de professores como para a organização do currículo.

Nessa perspectiva, os dispositivos legais das Leis citadas determinam os princípios, as diretrizes do currículo de formação de professores para atuar na Educação Básica. Além disso, os fundamentos da formação, a titulação dos profissionais egressos, assim como a relação entre formação, formatos, duração e valorização dos professores e os estabelecimentos dessa

formação. Assim, iniciativas como estas passaram a fazer parte do cotidiano de formação de professores, apresentando algumas melhorias e contribuindo para o reconhecimento profissional.

Partindo deste pressuposto, os fundamentos para a formação de professores para atuar na educação básica encontra-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, com o Título VI (Dos Profissionais da Educação e nos termos do art. 62), e determina que a titulação mínima exigida para atuar na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida a nível médio, na modalidade Normal, far-se-á nível superior, em curso de Licenciatura, de graduação plena tanto nas universidades como nos Institutos Superiores de Educação (BRASIL, 1996).

No que concerne aos Institutos Superiores de Educação que também habilitam o professor para atuar na Educação Básica, Vianna (2004, p. 43) destaca que:

[...] poderão oferecer cursos de Licenciatura plena para atuação na educação infantil, séries iniciais do ensino fundamental, especificamente no Curso Normal Superior e nas séries finais do ensino fundamental e da escola média, programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação continuada para profissionais de educação de diferentes níveis.

É válido frisar que o curso de Licenciatura em Geografia habilita os futuros professores para atuar na Educação Básica, seu principal lócus de atuação durante sua carreira profissional sobre áreas específicas de formação, a princípio podem atuar tanto no ensino fundamental ou médio da Educação Básica. Para Steinhilber (2006, p. 20), o curso de Licenciatura objetiva “A formação de professores que atuarão nas diferentes etapas e modalidades da educação básica, portanto, para atuação específica e especializada [...]”. Neste seguimento, as disciplinas dos componentes curriculares devem em alguns aspectos contribuir para a formação do ‘ser professor’, pois durante o curso de Licenciatura os professores de Geografia em formação inicial precisam aprender tanto os saberes específicos como os saberes pedagógicos em articulação com o contexto escolar, um caminho mais aceitável para a formação do professor de hoje.

Diante disso, com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, assim como também por meio da presente Resolução CNE/CP 2/2015 definem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de Licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda Licenciatura) e para a formação continuada, inclusive a formação de professores de Geografia. Para Silva (2016, p. 10):

A aprovação das diretrizes nacionais para formação inicial de professores exige a reorganização dos currículos das Licenciaturas por áreas específicas, responsáveis pela preparação dos professores das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio, entre eles os de Geografia.

Assim, é importante frisar que por meio da Resolução de nº 2 de 1º de julho de 2015, o Ministério da Educação - MEC, com o Conselho Nacional de Educação – CNE e o seu Conselho Pleno – PL de nº 2 de 2015; ficam instituídas que as instituições de ensino superior devem conceber a formação inicial, assim como a formação continuada dos professores que atuar na Educação Básica com objetivo do atendimento às políticas públicas de educação, ao padrão de qualidade, e ao Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) deverá estar presente em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), seu Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) uma política articulada à Educação Básica, como uma forma de contribuir e fortalecer os laços entre a universidade e a área de atuação dos professores.

A Resolução de nº 2 de 1º de julho de 2015, como expressão de fortalecer a formação inicial em nível superior de professores, não pode ser pensada apenas como exigências a serem cumpridas, mas que as instituições de ensino superior com suas particularidades possam proporcionar uma formação de professores que trabalhe a unidade entre teoria/prática e outros elementos essenciais que contribuirão para a formação inicial e, posteriormente para o campo de atuação do professor.

Também, das Disposições Gerais no artigo 4º desta Resolução a instituição de ensino superior de formação inicial de professores e continuada, respeitada sua organização acadêmica, deverá contemplar, a relação entre ensino, pesquisa e extensão com o objetivo de garantir um padrão de qualidade acadêmica na formação dos futuros professores em conformidade com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), o Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e o Projeto Pedagógico de Curso (PPC).

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) fazem algumas apreciações acerca do papel da pesquisa na formação inicial de professores, e partem do entendimento de que os novos referenciais de formação de professores para atuar na escola básica, especialmente as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério da Educação (MEC), apontam que um dos desafios a ser enfrentados nos cursos de Licenciatura é o tratamento dispensado à pesquisa, pois esta é vista como atividade acadêmica sem concebê-la como dimensão privilegiada da relação teoria/prática. Neste sentido, esclarecem que a pesquisa precisa ser vista enquanto construção de uma atitude cotidiana com objetivo de compreender os processos de

aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes e, conseqüentemente, na capacidade de busca, de autonomia e de contextualização da realidade.

Logo, partindo desse entendimento, é importante também refletir sobre a aprovação da Resolução de nº 1 de 18 de fevereiro de 2002 e as perceptíveis mudanças na nova Resolução de nº 2 de 2015 do CNE/CP, uma vez que a primeira Resolução institui a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura, de graduação plena sendo questionadas por alguns pesquisadores. Já a segunda Resolução define os cursos de Licenciatura, os cursos de formação pedagógica para graduados e os cursos de segunda Licenciatura e para a formação continuada, e estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura.

Partindo desse pressuposto, na Resolução de nº 1 de 18 de fevereiro de 2002, a duração da carga horária dos cursos de formação de professores, sendo obedecidos 200 (duzentos) dias letivos/ano, no mínimo, 3 (três) anos letivos. A integralização de, no mínimo, 2800 (duas mil e oitocentas) horas, sendo distribuído em 400 (quatrocentas) horas de prática como componente; 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso; 1800 (mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural; e, por fim, 200 (duzentas) horas de atividades acadêmico-científico-culturais. Desse modo, com o tempo mínimo exigido foi uma forma também de atrair alunos para essa formação de pouca duração, pois até recentemente algumas faculdades particulares tinha como carga horária a formação de professores no prazo de 3 anos.

Já a atual Resolução de nº 2 de 2015 do CNE/CP, é observado as mudanças no tocante à carga horária diferentemente da Resolução de nº 1 de 18 de fevereiro de 2002, e estabelece, no mínimo, 3.200 (três mil e duzentas) horas, com duração de, no mínimo, 8 (oito) semestres ou 4 (quatro) anos, sendo assim: 400 (quatrocentas) horas de disciplinas dos componentes curriculares; 400 (quatrocentas) horas para os Estágio Supervisionados; no mínimo, 2.200 (duas mil e duzentas) horas, como pesquisa e estudo dos conteúdos específicos e pedagógicos, pesquisa e estudo das relações entre educação e trabalho, investigações sobre processos educativos, organizacionais e de gestão sobre a área educacional, dentre outros núcleos, e finalmente 200 (duzentas) horas de atividades, como exemplo em seminários, em Projetos de Iniciação Científica, Iniciação à Docência, Residência Docente, Monitoria e Projetos de Extensão, de acordo com o projeto de curso da instituição.

Nesse sentido, de modo geral as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores apresentam orientações para a formação inicial, continuada e a valorização dos

profissionais do magistério. Além disso, é importante frisar que a atual Resolução de nº 2 de 2015 do CNE/CP é mais abrangente que a Resolução de nº 1 de 18 de fevereiro de 2002, no tocante à carga horária, 400 (quatrocentas) horas de acréscimo nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores de 2015. Ademais, com relação à integralização dos cursos de Licenciatura, as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2002 estabeleciam 2800 horas, já as de 2015 estabelecem 3.200 (três mil e duzentas) horas de efetivo trabalho acadêmico.

Os egressos da formação inicial e continuada deverá possuir um leque de informações e habilidades no tocante aos conhecimentos teóricos e práticos, resultado do projeto pedagógico e do processo formativo vivenciado, cujo fortalecimento virá do exercício do professor, baseado em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência, relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética, a fim de lhe permitir:

I - o conhecimento da instituição educativa como organização complexa na função de promover a educação para e na cidadania; II - a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional e específica; III - a atuação profissional no ensino, na gestão de processos educativos e na organização e gestão de instituições de educação básica (BRASIL, 2015, p. 46).

Conforme Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 93) salientam, as Diretrizes Curriculares Nacionais, seja para formação inicial de professores ou para os cursos de graduação de outras áreas, proporcionaram mudanças de formação, com o propósito de superar o modelo formacional defasado, seja na organização curricular como no perfil dos egressos, e dizem que:

[...] percebe-se uma mudança significativa nos referenciais necessários à organização curricular desses cursos. Em lugar de uma listagem de disciplinas obrigatórias concebidas como mínimos curriculares e com as respectivas cargas horárias - lógica que presidiu, durante muitos anos, as políticas de estabelecimento do currículo dos cursos superiores - o novo modelo orienta para o estabelecimento de linhas gerais capazes de definir um conjunto de competências e habilidades que deverão compor o perfil do profissional a ser formado.

No tocante à inserção da pesquisa na formação inicial de professores enquanto possível melhoria das Licenciaturas, esta foi pensada desde as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2002, assim como nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica em Nível Superior de 2015. Desse modo, trouxeram a pesquisa como eixo essencial da interdisciplinaridade na formação de professores e, conseqüentemente, mudanças significativas no campo de atuação do professor.

É interessante salientar como esse processo influenciou na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), nos cursos de graduação. Dessa maneira, na organização dos cursos de graduação, foi observado o princípio de flexibilidade dos currículos e as normas estabelecidas no Regimento Geral da Universidade. Além disso, os cursos de graduação terão por propósito possibilitar formação de nível superior, tanto de natureza acadêmica como profissional, que habilite a obtenção de grau universitário, como também nos cursos de Licenciatura, especialmente a Licenciatura em Geografia. Nesse sentido, a concepção do curso é guiada a partir da especificidade da experiência acumulada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que garante a formação do professor e ao mesmo tempo do geógrafo (UFPE, 2019).

O curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) teve como propósito adequar esta formação à conjuntura econômico-social atual e, principalmente, em conformidade com o processo de reformas curriculares por meio da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (LDB), e que o curso de Licenciatura em Geografia deve formar o futuro professor para atuar Educação Básica, tanto no ensino fundamental como no ensino médio. Ademais, a formação inicial deve contemplar os conhecimentos geográficos necessários, proporcionando que sejam capazes de pesquisar e dominar as áreas política, social, econômica, cultural e psicológica no processo ensino-aprendizagem conforme a realidade e o contexto em que se insere.

4 A PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO PARA O PROFESSOR DE GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO INICIAL

Neste capítulo é tratado o que é pesquisa; o primeiro contato que os alunos de graduação têm com a pesquisa durante a formação inicial. Assim como, trata da relação entre ensino e pesquisa na formação inicial do professor e os impactos pedagógicos construídos na formação inicial de professores de Geografia, além disso quais são as suas contribuições.

4.1 Pesquisar na graduação: Desvendar e Explorar

O contato inicial do professor de Geografia com a pesquisa durante a formação inicial é essencial para problematizar e contextualizar a realidade. Desse modo, produzir o conhecimento a partir da vivência cotidiana na/da pesquisa na Licenciatura reflete a mediação entre os significados, os valores e os saberes do mundo atual. A pesquisa na graduação pode possibilitar caminhos de um ciclo que nunca se fecha e, conseqüentemente, permitir obter respostas da realidade.

Nesse sentido, construir o conhecimento durante a formação inicial dos estudantes de graduação significa proceder à mediação entre os significados do saber no mundo atual e aqueles dos contextos nos quais foram produzidos. Além disso, significa contribuir para a qualidade social da escolarização paralelamente ao compromisso com o seu desenvolvimento intelectual (SILVA; SPINELLI, 2007). Dessa maneira, construir o conhecimento crítico dos professores de Geografia em formação inicial no curso de Licenciatura em Geografia significa também contribuir para o pensamento intelectual, a leitura e um olhar geográfico sobre o contexto social.

Seguindo essa perspectiva, quando ouve a palavra “pesquisa” na graduação, várias são as ideias em relação a esse termo. Logo, aparece a noção de domínio de métodos, produção de artigos científicos, dentre outros termos que fazem parte da pesquisa acadêmica que também é importante aprender. Faoro (2000) salienta que:

Pesquisa, ao contrário da ideia que muitas pessoas possuem, não constitui o domínio de métodos ou de laboratórios sofisticados – embora isto seja suporte -, onde o cientista “maluco” longe de tudo e todos realizam seus inventos e experiências dotado de uma capacidade intelectual inatingível pela maioria dos mortais. Pesquisa, antes de mais nada, constitui um diálogo com a realidade, culminando com a criatividade e criticidade diretamente ligadas ao desenvolvimento da capacidade de elaboração própria do conhecimento e da atitude de aprender por e para a emancipação (FAORO, 2000, p. 66).

Dessa forma, significa dizer que pesquisa, contrariamente à ideia que alguns professores de Geografia em formação inicial têm, não é apenas o domínio de métodos ou de vivências cotidianas em laboratórios sofisticados nas universidades. Os laboratórios é um dos ambientes que o professor pesquisador desenvolve suas pesquisas junto com seus colaboradores, independente da área. Logo, a pesquisa de que trata este trabalho, antes de tudo, constitui a emancipação do professor de Geografia em formação inicial para com o diálogo com a realidade, criatividade, criticidade e autonomia sobre o que fazer perante os desafios. Talvez por meio disso o professor de Geografia em formação inicial consiga retroalimentar e buscar outras ferramentas que melhorem o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

É interessante destacar a importância da pesquisa na Ciência Geográfica, pois a partir da sua contribuição o futuro professor de Geografia poderão entender a pesquisa para formação inicial de professores e para o ensino de Geografia. Neste sentido, a pesquisa na Ciência Geográfica é essencial para o processo de construção do conhecimento geográfico, assim como para a consolidação de elementos teóricos e práticos, possibilitando (re)conhecer os diferentes tipos de métodos e de técnicas na Ciência Geográfica, visando uma leitura crítica para a realidade.

Dito isso, a vivência da pesquisa na graduação pode ser compreendida como uma maneira de ajudar o futuro professor de Geografia entender o que faz e descobrir novas formas de fazer na sala de aula. Para Sales (2004, p. 36), “[...] a pesquisa não é um mero procedimento de solução de problemas, mas uma possibilidade para uma prática propositiva do professor”. Isso quer dizer que a pesquisa deve ser vista durante a formação inicial do professor de Geografia como uma possibilidade de buscar outras maneiras de ensinar a Geografia, de intervir na educação, de mudar a realidade, de provocar atitudes de emancipação, de criticidade, de questionamento nos alunos em sala de aula. Portanto, carregar a pesquisa não para resolver todos os problemas, mas para fazer a diferença no ambiente escolar. Conforme Pesce (2012, p. 116):

A pesquisa pode ser entendida como uma forma de ajudar o professor a entender o que faz, por que faz e descobrir novas formas de fazer, de forma a poder decidir com mais fundamento, ou seja, a ter autonomia para decidir. A palavra “autonomia” é polissêmica e é utilizada por diferentes correntes pedagógicas com o objetivo de centrar o ensino no aluno de modo que ele possa assumir seu processo de aprender ou, indo além, quando se propõe que o aluno se desenvolva para uma inserção mais crítica e cidadã na sociedade.

Neste pressuposto, a pesquisa aqui pode ser compreendida como uma maneira de ajudar os futuros professores de Geografia a entender o que fazem, por que fazem e se são capazes de descobrir novas possibilidades de fazer perante suas necessidades. Além disso, ajudar a terem autonomia para decidir com mais fundamento o melhor caminho para seguir. Pode-se dizer que autonomia, nesse sentido, propõe-se na formação crítica e cidadã do sujeito para com a realidade na sociedade brasileira.

Roza (2005) esclarece que o conceito de pesquisa é complexo, ou seja, quando se refere à pesquisa científica, o termo focaliza a produção criativa de conhecimento, já pesquisa enquanto eixo educativo, ele compreende a capacidade de questionar a realidade, de aplicar o conhecimento e de intervir na prática. Com isso, a pesquisa não deve se restringir e ser limitada a momentos e níveis de ensino específicos, mas se constituir enquanto atitude básica e cotidiana de questionamento crítico e autocrítico perante a realidade. Portanto, a pesquisa na graduação é um momento crucial para isso. Como o momento inicial de aprofundamento na pesquisa. Para Sales (2004, p. 36):

O ato da pesquisa implica numa ação, tendo em vista a indagação; busca descobrir o que pode ser comprovado ou não, contribuindo para o aprendizado. Oferece, assim, hipóteses de trabalho e possibilidade de elaboração das teorias, em vez de conclusões prontas sobre o ensino.

Nessa perspectiva, a vivência com a pesquisa provoca a indagação, faz do professor sujeito, um ser questionador da área de Geografia durante a formação inicial, também possibilitando descobrir o que pode ser comprovado ou não, estudado, ampliado, refletido e testado, dessa forma colaborando para a construção do aprendizado. Ainda propõe que o futuro professor de Geografia seja protagonista na elaboração das teorias e que, conseqüentemente, não aceite as soluções prontas. Roza (2005, p. 139) salienta que:

[...] o professor precisa ser um pesquisador: saber ler a realidade criticamente e fazer da pesquisa princípio educativo e científico, parte inerente no processo pedagógico. Através da pesquisa, professor e aluno, fazem a leitura da realidade, imprimindo um olhar crítico, para saber intervir de forma alternativa com base na capacidade questionadora.

Assim, convém salientar que é fundamental que os professores de Geografia em formação inicial devem se reconhecer para poder ser pesquisadores, abraçar o mundo da pesquisa para tornarem-se professores pesquisadores da própria área de conhecimento e de formação, seja para ler a realidade de forma crítica, como para fazer da pesquisa um princípio educativo. Dessa forma, por meio da pesquisa, os futuros professores de Geografia aprenderão

que, juntos aos alunos na escola, serão capazes de realizar a leitura do mundo com uma postura crítica e saberão intervir no momento certo para cada circunstância com base na capacidade questionadora.

Para Faoro (2000), a pesquisa tem a capacidade de despertar a construção de conhecimento e adquire relevância particular na formação inicial de professores. Além disso, o ensino, no que lhe concerne, precisa instituir-se numa iniciação à pesquisa e uma consequência desta, provocando a reflexão, no qual professores e alunos trabalhem juntos, fortalecendo a atitude científica, concebendo a escola enquanto formação de sujeitos críticos e cidadãos e não de uma simples instrução.

Nesse sentido, o contato com a pesquisa durante a formação inicial de professores de Geografia é princípio de conhecer, desvendar sobre um determinado objeto de estudo. Também possibilita abrir caminhos para entender de maneira significativa o processo educativo, pois os futuros professores de Geografia, quando vivenciam a pesquisa, “brincam” de pesquisar e ao mesmo tempo passam a enxergar uma Geografia comprometida na formação da cidadania e da emancipação do sujeito no diálogo, capaz de questionar, criticar e investigar sobre a realidade.

Quando se fala sobre a vivência da pesquisa durante a formação inicial de professores de Geografia enquanto ato de “brincar” é importante deixar claro que não se trata de brincadeiras infantis no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil, e sim como uma maneira de vivenciar os diversos elementos importantes e constitutivos da pesquisa para a formação inicial do professor/geógrafo de forma rica e dinâmica, bem como as contribuições para o campo de atuação profissional, assim como uma maneira de debruçar das diversas formas da relação entre ensino e pesquisa para esta formação.

Diante disso, a pesquisa se revela na curiosidade, nas dúvidas e incertezas sobre um objeto de estudo. Essa curiosidade é instigada muitas vezes pela percepção acerca das vivências e das bagagens construídas durante a formação inicial. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 43), “Pesquisar significa, de forma bem simples, procurar respostas para indagações propostas. Pode-se dizer que, basicamente, pesquisar é buscar conhecimento”.

Quando os professores de Geografia em formação inicial vivenciam a pesquisa, logo serão capazes de buscar e procurar respostas de suas incertezas, com o objetivo de compreender as conclusões/soluções prontas sugeridas para o campo da Geografia. Desse modo, pesquisar na graduação é construir o conhecimento crítico e realizar infinitas indagações. Nesta perspectiva, os autores Silva et al. (2016) salientam que o ato de pesquisar parte de:

[...] nossas inquietações, interrogações, dúvidas, anseios, vontade de aprender mais, de ir além, de retirar nossas dúvidas, de buscar respostas para as perguntas que surgem cotidianamente, de encontrar argumentos para nossas opiniões e entender o sentido de algumas coisas que nos levam a fazer busca, encontrar respostas, explicações ou soluções para os que nos movem. Isto é, nossas curiosidades nos levam ao ato de pesquisar (SILVA et al., 2016, p. 4).

Com isto, o ato de pesquisar na formação inicial de professores de Geografia precisa partir de um conjunto de inquietações, questionamentos, dúvidas sobre o conhecimento pronto e acabado, anseios, vontade de aprender mais, de atravessar novos horizontes, de responder as dúvidas que surgem no cotidiano acadêmico, de formular argumentos para opinar de forma crítica. O ato de pesquisar também é descobrir o conhecimento por meio da curiosidade o que pode ser mudado perante a realidade.

Desse modo, é importante refletir como os professores de Geografia em formação inicial vivenciam a pesquisa, o histórico de pesquisa que carregam e quais são os impactos pedagógicos construídos para a vida deles e para a formação de professor/geógrafo a partir da vivência de pesquisa. Nesse sentido, não se trata de formar o professor pesquisador para uma área específica da Geografia, mas que por meio da pesquisa durante a formação inicial consiga aprender e buscar novas metodologias, ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, a ler e mudar a realidade perante o contexto escolar, a compreender os desafios a enfrentar, assim como a ter autonomia diante da profissão de professor.

Assim que os professores de Geografia em formação inicial conseguem perceber que é possível estudar geomorfologia, climatologia, pedologia, cartografia, geografia da população, geografia cultural, geografia política, geografia agrária, geografia urbana, geografia econômica, entre outras disciplinas, pode ter foco na pesquisa aplicado ao ensino de geografia em sala de aula. Articular os saberes específicos com os saberes pedagógicos é o caminho mais aceitável e desafiante para a formação inicial de professores de Geografia por meio da pesquisa.

Neste sentido, pesquisar na graduação é um desafio, porque alguns professores de Geografia em formação inicial não vivenciaram a pesquisa como deveriam. Para alguns, a pesquisa pode ser compreendida como discussões teóricas, análises de artigos científicos, métodos de pesquisa, trabalho de campo, sem conhecer verdadeiramente o sentido da pesquisa para a formação inicial e para a realidade em que vão se inserir, ou seja, possibilitar um diálogo entre a formação e o ensino da geografia em sala de aula. Esse entendimento vai depender justamente do histórico adquirido durante sua formação. Segundo Padilha e

Carvalho (1993), conceituar pesquisa é uma tarefa difícil, pois muitas vezes as pessoas aplicam o termo indevidamente, justamente por desconhecê-la.

Partindo do pressuposto de que a pesquisa também é uma articulação entre a formação inicial e a área de formação perante a realidade escolar em que vão atuar, é por meio da vivência da pesquisa nos diversos componentes curriculares do curso de Licenciatura em Geografia que os professores em formação inicial podem aproximar esta relação humanamente e não apenas como métodos científicos. Nesse sentido, a pesquisa tratada é também uma atividade humana, em que o principal objetivo é descobrir as respostas das interrogações que surgem no cotidiano da formação inicial e, posteriormente, na escola através da utilização do método científico. Para Silva (2015, p. 47):

A pesquisa é uma atividade humana, cujo propósito é descobrir respostas para as indagações ou questões significativas que são propostas. Para iniciar uma pesquisa, faz-se necessário um problema, para o qual se busca uma resposta ou solução através da utilização do método científico. Muitas vezes não é fácil chegar à solução de problemas. Temos que observar, examinar minuciosamente, avaliar e analisar criticamente, para depois sugerirmos uma solução. A pesquisa é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento.

Com isso, a pesquisa é uma atividade humana, e a principal finalidade é descobrir respostas sobre as interrogações propostas. A pesquisa parte de um problema, para o qual se busca uma resposta. Desse modo, muitas vezes não é fácil chegar à solução, pois é importante observar com cuidado, avaliar e analisar de maneira crítica e, posteriormente, sugerir uma solução. No entanto, a pesquisa é um ato reflexivo, questionador e crítico, que propicia o professor de Geografia em formação inicial descobrir o que antes não conhecia, seja novos fatos ou dados, em qualquer área da Geografia.

Nesse entendimento, é importante compreender como o professor de Geografia em formação inicial conceitua pesquisa a partir de sua vivência, independente da forma como esta foi abordada. Dessa maneira, alguns definem a partir de uma ideia ou de um conhecimento já adquirido, porque já vivenciaram a pesquisa, mas para outros é um caminho que precisa ser desvendado, explorado.

A definição de pesquisa na graduação e, especificamente, na formação inicial de professores de Geografia é conflituosa. Para alguns, a pesquisa é definida a partir do histórico adquirido durante a vivência de pesquisa na graduação; apesar de não conceituar teoricamente, o fizeram incorporando conceitos primordiais à sua existência.

Silva e Spinelli (2007) socializaram algumas reflexões que norteiam a questão ensinar a pesquisar no curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo – UPF (Licenciatura e Bacharelado), tendo como recorte as disciplinas de Metodologia da Pesquisa, Seminários de Pesquisa em Geografia I, II e III e Trabalho de Conclusão de Curso, sobre as dificuldades que os estudantes têm com relação ao ensinar a pesquisar, salientando que:

Dentre as inúmeras preocupações que permeiam o ensinar a pesquisar, a experiência docente junto ao Curso de Geografia da UPF tem salientado, em primeiro lugar, a dificuldade que os alunos têm em definir a temática a ser investigada e elaborar o próprio projeto e, em segundo lugar, o método e a(s) técnica(s) de pesquisa a serem perseguidas na execução do projeto (SILVA; SPINELLI, 2007, p. 165).

Desse modo, é fundamental destacar que, em alguns cursos de Licenciatura em Geografia, ainda é possível perceber algumas dificuldades no tocante ao ato do ensinar a pesquisar, pois alguns professores de Geografia em formação inicial e, especificamente, os egressos do curso sentem dificuldades de definir a temática a ser investigada e de elaborar o próprio projeto. Além disso, outras dificuldades estão na escolha dos métodos e das técnicas de pesquisa a serem utilizadas na construção do projeto de pesquisa. Pode até não se caracterizar um desafio, mas será motivo de inquietação para o futuro professor de Geografia desvendar e explorar.

A pesquisa enquanto princípio de busca na formação inicial de professores de Geografia contribui para uma formação de consciência crítica do professor pesquisador, do espírito investigador, capaz de responder os questionamentos a enfrentar, ainda mais para um processo de atitude de emancipação e autonomia do sujeito. Os autores Prodanov e Freitas (2013) corroboram ao dizer que:

As pesquisas devem contribuir para a formação de uma consciência crítica ou um espírito científico do pesquisador. O estudante, apoiando-se em observações, análise e deduções interpretadas, através de uma reflexão crítica, vai, paulatinamente, formando o seu espírito científico, o qual não é inato. Sua edificação e seu aprimoramento são conquistas que o universitário vai obtendo ao longo de seus estudos, da realização de pesquisas e da elaboração de trabalhos acadêmicos. Todo trabalho de pesquisa requer: imaginação criadora, iniciativa, persistência, originalidade e dedicação do pesquisador (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 44-45).

Tendo a pesquisa enquanto princípio de consciência crítica e espírito investigador, é possível o professor de Geografia em formação inicial perceber que, por meio da pesquisa, ele/ela consegue diversas conquistas no meio universitário e aprimora ainda mais seus

conhecimentos. O trabalho e a vivência com pesquisa proporcionam e requerem um cenário de imaginação, iniciativa, originalidade e dedicação do professor pesquisador em formação inicial. A finalidade é compreender a realidade e obter respostas de suas indagações.

Desse modo, o ato de pesquisar possibilita compreender o mundo onde o sujeito busca respostas das inquietações sobre esse mesmo mundo. Pesquisar é razão fundamental de aprendizagem e interação com outros sujeitos e objeto. Suertegaray (2006, p. 111) salienta que:

Pesquisa significa compreender o mundo, mediante respostas que construímos sobre esse mesmo mundo. Essas respostas são expressão da interação entre sujeitos e objetos. Pesquisar pressupõe conhecer o outro – o outro sujeito, o outro objeto. O ato de pesquisar é um ato de conhecimento, portanto, é parte do processo de educação, ou seja, “consiste em aceitar e respeitar o outro desde a aceitação e respeito de si mesmo”.

Em conformidade, pesquisa quer dizer entender a realidade do mundo, por meio das respostas que o professor de Geografia em formação inicial constrói e busca sobre esse mesmo mundo. Através da pesquisa, o sujeito conhece a si, o outro e o objeto. A ação de pesquisar é um ato de construção de conhecimento, logo, é parte intrínseca do processo de educação. Portanto, pesquisar pressupõe em aceitar e respeitar o outro, além de aceitar a si mesmo.

Dessa maneira, a pesquisa é o ato pelo qual o pesquisador procura obter conhecimento sobre alguma coisa (GATTI, 2002). Mediante isso, o contato, a vivência com a pesquisa deve possibilitar o professor de Geografia em formação inicial compreender o mundo, buscar respostas para entender o contexto de realidade sobre esse mesmo mundo. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 12), “Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa”. No entanto, pesquisar é princípio fundamental de aprendizagem, proporciona novas descobertas sobre um objeto e, posteriormente, o professor de Geografia assume a postura de pesquisador. Conforme Luz et al. (2018, p. 4), “A pesquisa é mister para as atividades do docente, pois o educador que assume a postura de pesquisador compromete-se com a elaboração própria, com questionamento, com a crítica e com a descoberta”.

Desse modo, pesquisa é o ato pelo qual o professor de Geografia em formação inicial procura obter respostas sobre suas interrogações. Através da pesquisa, este/esta assume uma postura investigativa, envolve-se com a elaboração própria do conhecimento, com autonomia, com questionamento, com a crítica e com a descoberta. Corroborando com essa ideia, Coltrinari (2006, p. 115) diz que “Pesquisa é a procura, ou indagação cuidadosa e sistemática,

realizada com a finalidade de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer de conhecimento”.

Desse modo, a pesquisa é um processo contínuo, um ciclo que nunca se fecha, no qual o professor de Geografia em formação inicial constrói o conhecimento humano e gera outros conhecimentos acerca das inquietações. Além disso, pesquisa tem por propósito buscar respostas dos questionamentos e a descoberta de novos conhecimentos acerca das interrogações. Nesse ínterim, a ação da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia contribui para a emancipação dos sujeitos, tornando-os críticos, pensantes, estimulando a curiosidade de serem capazes de interferir na realidade, de desenvolver habilidades do pensamento espacial geográfico.

Segundo Demo (2006, p. 10), “Pesquisa pode significar condição de consciência crítica e cabe como componente necessário de toda proposta emancipatória”. Fica claro que a pesquisa, além de condição de consciência crítica para o professor de Geografia em formação inicial, também expressa condição de pensamento crítico e emancipação do professor para intervir de maneira competente e inovadora na sociedade, para enfrentar os desafios de forma crítica e ser capaz de mudar a realidade.

O contato inicial com a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia propicia a estes conhecer o que antes não conheciam sobre um objeto de estudo e sobre divulgar a novidade. Freire (2002, p. 14) advoga: “Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Este conhecer provocado pelo questionamento e pela curiosidade possibilita a construção do pensamento crítico dos futuros professores de Geografia, as redescobertas. Abreu e Almeida (2008) compartilham do entendimento que:

[...] o questionamento e a curiosidade do indivíduo antecedem essa busca, essa descoberta ou essa criação. Portanto, a curiosidade intrínseca do indivíduo o leva a duvidar, a formular hipóteses, a confirmar suas certezas, tomando consciência de si próprio e do seu objeto de estudo (ABREU; ALMEIDA, 2008, p. 80).

Nesse sentido, a pesquisa é o ponto de partida para o professor de Geografia em formação inicial conhecer o que antes não conhecia sobre um objeto de estudo da Geografia. Isso quer dizer que o questionamento e a curiosidade do sujeito o levam a duvidar das incertezas, a elaborar hipóteses das soluções prontas e a romper com o pensamento pronto e acabado.

Assim, por meio da pesquisa, o sujeito reflete criticamente o contexto social de sua realização, de tudo que incomoda na educação e das certezas colocadas como verdades

absolutas. Outrossim, através da pesquisa, o professor de Geografia em formação inicial passa a perceber as situações de injustiças e desigualdades vistas na sociedade. Sendo assim, a pesquisa é um caminho para desvendar o mundo. De acordo com Lampert (2007, p. 71), “Através da pesquisa, a pessoa é capaz de perceber claramente as gritantes injustiças e diferenças sociais existentes na sociedade brasileira e no mundo capitalista. A pesquisa é uma porta que se abre para desvendar o mundo”.

Muito importante ressaltar que a pesquisa é porta que se abre para o professor de Geografia em formação inicial descobrir o mundo, pois o sujeito não está apenas inserido no mundo, mas está também relacionado com e para o mundo. A partir da pesquisa, é possível as pessoas compreender de maneira clara a sociedade brasileira e o sistema que rege o mundo capitalista. Além disso, entender as diferenças sociais existentes nesse mesmo mundo. Portanto, o mundo é um mistério e o professor de Geografia pode desvendar esses mistérios a partir da pesquisa para compreender os fatos, as histórias e os acontecimentos, enfim, a realidade.

Faz-se necessário evidenciar que a pesquisa na graduação e, especificamente, na formação inicial de professores de Geografia proporciona conhecer um objeto de estudo. Por meio dela, é possível (re)criar o conhecimento, a construção de novos saberes e novas práticas. O ato de conhecer provoca a relação entre o sujeito e o objeto. Donatoni e Coelho (2007, p. 79-80) salientam que “O ato de conhecer, por sua vez, implica a relação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, em que o primeiro acaba por apreender o segundo, conhecendo-o, interpretando-o e recriando-o num movimento de constante inter-relação”. Portanto, o ato de conhecer é também o ato de compreender o outro sujeito e o objeto, não existe pesquisa sem busca, sem conhecer a si mesmo, o outro sujeito e o objeto, o ato de conhecer através da pesquisa ocorre numa relação intrínseca do pesquisador, do objeto e do outro sujeito.

É válido frisar que a vivência com a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia deve possibilitar responder os questionamentos abertos, pois, através das dúvidas e inquietações é possível buscar respostas daquilo que não estou satisfeito, num movimento de relação com e para o mundo. Suertegaray (2005, p. 38) ressalta que “[...] pesquisar implica em responder questões, responder perguntas. Perguntas que nos instigam. A pesquisa implica em buscar respostas às nossas dúvidas, curiosidades em relação ao mundo e a nós neste mundo”.

No entanto, pesquisar não é algo que surge da noite para o dia, mas a partir de perguntas e mais perguntas que o professor de Geografia em formação inicial realiza e da busca pelas respostas para essas mesmas perguntas. Logo, as dúvidas e as curiosidades fazem

parte dessas interrogações. Se pergunto algo é porque não estou satisfeito com as respostas que o mundo dá. Então, é necessário pesquisar para responder as questões relacionadas a esse mesmo mundo.

Nessa perspectiva, pesquisar é uma forma de educar a mente, pois, por meio da pesquisa, constrói-se e organiza as ideias e desenvolve habilidades. Ainda possibilita ser um professor de Geografia criativo, autônomo e um pesquisador, em especial com a realidade, fazendo de sua área de atuação um objeto de investigação.

A vivência da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia deve estimular a criticidade, pois iniciar uma pesquisa ajuda a disciplinar o futuro professor pesquisador de Geografia. Além disso, deve possibilitar uma formação de professores sujeitos criativos e propositivos capazes de usar e trabalhar os conceitos e as temáticas da Geografia, bem como implica no amadurecimento das ideias e na maior responsabilidade no cenário educacional.

É importante destacar que a pesquisa não deve ser compreendida como um trabalho enfadonho ou apenas levantamento bibliográfico, reunir várias informações, sem que estas sejam questionadas, problematizadas, sem diferenciar a coleta de dados, sem distinguir e relacionar as informações levantadas, “[...] mas como uma atividade básica no processo de apropriação dos conhecimentos escolares, pois, por meio dela, busca-se oferecer o acesso ao conhecimento historicamente acumulado” (ABREU; ALMEIDA, 2008, p. 80-81). No entanto, mais uma vez é necessário reforçar a ideia da pesquisa enquanto um processo contínuo de construção de conhecimento, de perguntas e respostas construtivas. Não se trata de pensar a pesquisa apenas como um levantamento bibliográfico, mas enquanto conhecimento histórico acumulado, podendo provocar atitude crítica no sujeito.

Nesse sentido, para desenvolver uma pesquisa na graduação e, especificamente, durante a formação inicial de professores de Geografia, é necessário que se tenha em mente o uso de passos para a construção de uma pesquisa. É também fundamental destacar que não existe uma maneira única de realizar pesquisa, uma vez que o professor de Geografia em formação inicial necessita ter claro um modelo conceitual para o desenvolvimento do pensamento científico, para, no futuro, desenvolver a pesquisa de acordo com sua própria necessidade.

O contato inicial com a pesquisa pode acontecer de várias formas no cotidiano acadêmico do professor de Geografia em formação inicial, a exemplo da inserção da pesquisa nos componentes curriculares, nos grupos de pesquisa, no Programa Institucional de Monitoria, no Programa Institucional de Bolsas, de Iniciação à Docência (PIBID), no Programa de Residência Pedagógica, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação

Científica (PIBIC) e em Programas e Projetos de Extensão que contribuem para o sujeito caminhar pela pesquisa e conhecer melhor o papel desta para a formação. Para alguns sujeitos, vai acontecer de maneira satisfatória, já para outros não, porque vai depender da forma com que é vivenciada.

Dessa maneira, a pesquisa na formação inicial é um universo ainda novo para alguns professores de Geografia, uma vez que esta precisa ser desvendada e explorada, seja em conhecer o conceito de pesquisa, noções básicas, métodos e técnicas de pesquisa com foco no ensino de Geografia. Tudo isso vai sendo construído aos poucos, pois a aprendizagem da pesquisa é um processo dinâmico e complexo, e a partir dessa aprendizagem é possível uma formação de sujeitos com autonomia e competência, para que consigam obter as respostas que estavam procurando. Sob este olhar, os autores Silva et al. (2016, p. 1) destacam que:

[...] a aprendizagem da pesquisa é um processo dinâmico, complexo e constante que requer tempo para o seu desenvolvimento abrangendo métodos de investigação científica e práticas para a formação de indivíduos com autonomia, competência e, sobretudo, saberes que alcancem exatamente o que o sujeito estava procurando.

Dessa forma, para iniciar uma pesquisa é preciso organizar as ideias, ter um planejamento. Na formação inicial de professores de Geografia, são comuns algumas dúvidas e inquietações, principalmente os que vivenciaram a pesquisa de maneira rápida. Com isso, é necessário um desenho da pesquisa e conhecer bem: pesquisar para quê, o que é pesquisa, o papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, bem como as normas que a regem, entre outros elementos. Quando não tem isso claro, sem planejamento, “[...] significa alcançar-se à improvisação, tornando o trabalho confuso, dando insegurança ao mesmo, reduplicando esforços inutilmente e que agir desta maneira é motivo de muita pesquisa inacabada, um lastimoso esbanjamento de tempo e recursos” (PADILHA; CARVALHO, 1993, p. 288).

Face ao exposto, a vivência da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, seja para a construção do conhecimento na contemporaneidade, para a formação humana ou para o ensino de Geografia, é também encontrar respostas às indagações, é avançar de um conhecimento pronto e acabado à procura do ser mais. A pesquisa move o pensamento, gera atitude, compreensão, no entanto, move a vida do sujeito. Assim, ressaltam os autores Silva et al. (2016, p. 6):

[...] a pesquisa, sobretudo, na formação acadêmica está na capacidade de fazer avançar o conhecimento de uma forma que concretize ao pesquisador

as maneiras mais diligentes para se aprender a pesquisar. E se pesquisar é essencial aos processos de construção de conhecimento na contemporaneidade, é esta que aos olhos da ciência vai mover a vida de cada pessoa.

A pesquisa na formação inicial de professores de Geografia tem o propósito de fazer crescer o pensamento crítico e avançar na construção do conhecimento na contemporaneidade, bem como desenvolver uma leitura da realidade. A pesquisa por esse viés propicia mover a vida de cada pessoa, contempla a formação inicial e cria possibilidades de o futuro professor de Geografia trilhar por caminhos diferentes. Portanto, amplia os horizontes de entendimento do fenômeno observado, permitindo desvendar e explorar qualquer área da Geografia. Será uma viagem de descobertas, de curiosidade, de entusiasmo, de construção pessoal para a formação inicial e de emancipação do sujeito.

4.2 Ensino, Pesquisa: Desafios e proposituras para a formação inicial do professor de Geografia

Tendo em vista a organização universitária brasileira, expressas nas condições históricas de cada época, e também a influência de doutrinas de outros países, a educação superior no Brasil desenvolveu-se para a elite dominante, beneficiando predominantemente a formação profissional, isto é, sem preocupações com a atividade de investigação científica.

Nesse sentido, se a pesquisa é a porta que se abre para o sujeito explorar e descobrir o conhecimento e contribui para os professores de Geografia enxergar o mundo, então a pesquisa deveria estar no meio acadêmico de todos os universitários, mas nem sempre foi assim, pois a pesquisa por alguns anos contemplava apenas os institutos e os núcleos. Só a partir da década de 1920 é que as universidades aos poucos desenvolveram funções essenciais do ensino e da pesquisa.

Desse modo, a ideia de pesquisa na universidade não é recente e, para reforçar isso, diversos autores, seja da literatura brasileira como da literatura internacional, discutem o ensino e a pesquisa como funções primordiais para a formação inicial de professores. Além disso, através da pesquisa, é possível proporcionar um ensino com qualidade e seu trabalho ser reconhecido em todos os países (LAMPERT, 2008).

A universidade, que fundamentalmente se desenvolveu para a elite dominante, logo aos poucos saiu do privilégio para alguns e começou a ampliar o conhecimento para a

sociedade que também faz parte dessa história e da difusão da construção do conhecimento e da prática do ensino e da pesquisa na formação dos sujeitos.

É importante acrescentar que, somente a partir de 1929, o governo passou a autorizar a organização universitária ainda com exigência de um modelo estrutural que contemplava pouca relação com a concepção de indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão, que atualmente é um dos princípios nas universidades. Ainda cabe reforçar que, naquela época, e em muitas instituições de hoje, o surgimento de universidades era entendida enquanto um processo de aglutinação de escolas isoladas, perante uma administração central, contemplando apenas o ensino (FAORO, 2000).

Dessa forma, atualmente, é possível perceber a relação entre ensino e pesquisa acontecer nas universidades. Historicamente, reforçando a ideia, antes disso, existiam instituições que ofertavam apenas o ensino, enquanto a pesquisa localizava-se em outros institutos e núcleos. As atividades de pesquisa eram desenvolvidas em institutos isolados, como, por exemplo, o Instituto Agrônomo de Campinas e o Instituto Bacteriológico de São Paulo, que mais tarde tornaram-se universidades (FAORO, 2000; TOBIAS, 1986). Os currículos dessas instituições eram trabalhados de acordo com os objetivos e as demandas da sociedade (TOBIAS, 1986).

É importante perceber a organização dos currículos dominantes nas instituições no período em que o ensino e a pesquisa andavam por caminhos diferentes, pois os currículos também desempenhava suas características e particularidades no tocante ao ensino e a pesquisa e a forma como refletia na formação dos profissionais, uma vez que os currículos eram trabalhados para atender as demandas exigidas pela sociedade. Para Nova (2015, p. 347):

Os currículos predominantes nas instituições que tinham como única responsabilidade o ensino profissionalizante, baseavam-se em conhecimentos técnicos ou clássicos, mas com a prática da memorização, avaliação como instrumento seletivo e expectativa de uma postura passiva e ordeira por parte dos estudantes. As instituições com responsabilidade de desenvolver pesquisas eram os institutos, independentes das escolas superiores, e em maioria, realizando investigações que respondessem às demandas emergenciais da sociedade. Alguns poucos institutos se responsabilizavam pela formação de pesquisadores, o que lhes conferiu um caráter elitista.

Nesse sentido, cabe refletir que o ensino e a pesquisa seguiam rumos divergentes, enquanto o currículo do ensino nas instituições formadoras consistia em conhecimentos técnicos, com uma formação para a memorização do conhecimento, que refletia numa postura

passiva dos estudantes. Em contrapartida, os institutos com o dever de realizar pesquisas desenvolviam um currículo voltado para atender às necessidades emergenciais da sociedade, ou seja, a pesquisa tinha que responder as demandas que no momento estava em pauta na discussão.

Desse modo, é importante destacar alguns traços históricos da fundação das universidades brasileiras e a concepção que marca a integração de ensino e pesquisa. O período entre 1930 e 1945, denominado de Estado Novo, impõe a sociedade política a controlar todos os setores da sociedade civil, o educacional e, em especial, o ensino superior, ou seja, pela primeira vez um decreto com determinações rígidas definindo conceitos legais relativos às universidades. Estabeleceram as primeiras universidades orgânicas brasileiras com uma concepção integrada de ensino e pesquisa. Neste período a fundação da Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934, surgida com o objetivo de alcançar um funcionamento autônomo tanto técnico como administrativo. Nos mesmos moldes, surge, em 1935, por iniciativa de Anísio Teixeira, a Universidade do Distrito Federal (UDF), em favor da liberdade de cátedra. Em 1939, a UDF foi incorporada à Universidade do Rio de Janeiro (FAORO, 2000).

Os passos lentos de criação das universidades implicavam também o objetivo que cada governo pretendia na época. Cada universidade que surgia no período e que também fechava as portas devido à falta de estrutura física e financeira era uma marca que ficava na sociedade. Hoje, podem-se perceber alguns traços históricos de algumas universidades que são visíveis esses sinais, portanto, muitos avanços ocorreram nas universidades, mas não se pode esquecer a origem dessas instituições e as finalidades que, na época, foram criadas com o papel de formação para o mercado de trabalho industrial em expansão.

A integração entre ensino e pesquisa foi um dos desafios para as universidades criadas na época, cada uma com suas características, e pode se verificar que esta integração foi um dos avanços percebidos na implantação da Reforma Universitária e para as universidades, no campo da pesquisa as políticas de fomento fazem parte deste progresso, a partir da década de 1950. Entre os primeiros modelos, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e outros órgãos públicos de incentivo à pesquisa, bem como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o objetivo conceder bolsas de estudo no exterior e no próprio país, além disso, ampliar a formação pesquisadores no Brasil.

Nesse sentido, mais tarde com a criação da Universidade Nacional de Brasília (UNB) pela Lei 3.998, de 15/02/61, com características diversas daquelas das instituições existentes

na época. São aperfeiçoadas algumas das ideias elaboradas na tentativa de implantação da USP (1934) e da UDF (1935), em que a UNB procura em seu plano organizacional um trabalho interdisciplinar, existentes nas universidades brasileiras. Além disso, essa universidade caracteriza-se como inovadora com a efetivação da associação entre ensino e pesquisa, determinando esta como parte integrante das atividades de ensino (FAORO, 2000).

Só no final da década de 1930 é que começaram as atividades de pesquisa no nível superior com a criação da USP. Além disso, o movimento das atividades de pesquisa somente passou a caracterizar realmente a atuação universitária com a institucionalização de Reforma Universitária de 1968, quando se buscou articular o ensino e a pesquisa. É nessa conjuntura que as universidades públicas passaram a assumir as três finalidades que lhe são particulares na formação universitária, com o princípio indissociável entre ensino, pesquisa e extensão (WEBER, 2000). Conforme Faoro (2000, p. 36):

A proposta legal formulada na Lei da Reforma Universitária (5540/68) defendeu a relação entre ensino e pesquisa valendo-se da unidade temática na produção de projetos e na disseminação de conhecimentos e centralizou essas atividades no departamento, considerado, na época, o suporte funcional da universidade.

É necessário compreender as inovações que a Reforma Universitária de 1968 proporcionou no interior das universidades, onde é possível perceber avanços em alguns aspectos. No que se refere à relação entre ensino e pesquisa, teve a criação dos cursos de pós-graduação com a formação e a produção de projetos com a vivência de pesquisa. Além disso, só a partir da década de 1960 que a atenção se voltou para a formação de professores pesquisadores. Desse modo, a pesquisa começou a fazer parte do cotidiano desses futuros professores, tornando-se uma atividade necessária para formação inicial e campo de atuação do professor. Inclui-se também nesses avanços a formação de professores pesquisadores por áreas específicas, como se observa hoje nos departamentos de graduação.

A relação entre ensino e pesquisa é um discurso bem presente nas Universidades públicas de ensino, em especial na formação inicial de professores, pois esta relação possibilita dialogar entre a formação inicial e a realidade educacional. Afinal, como pode ser vivenciada a relação entre ensino e pesquisa durante a formação inicial de professores de Geografia? Existem diversas maneiras de conceber a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial, não existindo, no entanto, um consenso sobre essa relação (NOVA, SOARES, 2012; NOVA, 2015).

Porém, sobre a discussão da relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores, existe um debate quanto a essa questão. É que essa relação não acontece em alguns cursos de formação de professores porque alguns docentes do curso de formação consideram suas atividades de ensino distanciadas das atividades de pesquisa. As disciplinas ministradas na graduação também não apresentam uma marca concreta de seus trabalhos na área de pesquisa e, conseqüentemente, muitos docentes do curso de formação não conseguem fazer existir uma relação entre sua área de investigação e as disciplinas que lecionam (SANTOS, 2005).

Pinheiro (2006) aponta alguns aspectos que vão ao encontro dessas questões; é um desafio que ainda existe na relação entre ensino e pesquisa em alguns casos particulares nos cursos de formação de professores. O desprezo pela atividade docente e a desarticulação da pesquisa demonstram desconhecimento do papel que o professor exerce na universidade, que exige, simultaneamente, atuação na docência e na pesquisa. Para tanto, os planos de trabalhos organizados do curso e de aula são apenas em volta de conteúdos específicos desconectados da realidade e da escola básica sem preocupação com os aspectos pedagógicos, políticos e com o contexto social de atuação profissional. No entanto, isso pode afetar a formação seja da Licenciatura ou do Bacharelado.

Diante disso, é importante compreender a necessidade de formar o professor por meio da relação entre ensino e pesquisa, superando esses desafios e possibilitando a formação de professores para a problematização da realidade. Partindo desse pressuposto, diante da realidade na sociedade contemporânea, já não é possível formar o professor de Geografia apenas para o ato de ensinar, mas sim proporcionar a vivência do ensino vinculado da pesquisa, desenvolvendo um trabalho crítico e reflexivo, intencional e sistemático, além disso, propiciando que o futuro professor de Geografia seja capaz de (re)construir o conhecimento pronto e acabado, e intervir na realidade.

Dessa maneira, convém entender como acontece a relação entre ensino e pesquisa no interior da universidade nos cursos de formação de professores e como a universidade está desempenhando esse papel. Para Lampert (2008, p. 33):

A pesquisa está ou deveria estar em todas as universidades que aspiram a oferecer melhores condições de vida à sociedade, pois ela abre novas possibilidades, novos horizontes, novas descobertas e novos caminhos, além de propiciar um ensino com qualidade. Através da pesquisa, a universidade se torna universidade, e seu trabalho é reconhecido nacional e internacionalmente.

Quando a universidade propõe como possibilidade aos professores de Geografia em formação inicial trilhar por caminhos que visem à relação entre ensino e pesquisa. Isso significa dizer que esta formação abre espaço para o futuro professor de Geografia viajar pela Educação Básica, lócus em que vão atuar. Ainda proporciona enxergar os diversos caminhos que poderão ajudar na área de formação, assim como também, por meio da pesquisa, a universidade ganhará destaque e seu trabalho será reconhecido no país e nos países internacionais.

A relação entre ensino e pesquisa, quando tratada na formação inicial de professores de Geografia, tanto aproxima os futuros professores do contexto social de sua realização, fato e fenômeno, como problematiza o ensino de Geografia no cenário atual, sobretudo permitindo e incentivando os mesmos a entender os caminhos da pesquisa e sua relevância no cenário educacional. No entanto, cabe ressaltar que o ensino com pesquisa não pretende formar um profissional pesquisador, “[...] mas incentivar o discente a entender o processo investigativo, ser capaz de usá-lo e conhecer a realidade de forma contextualizada” (LAMPERT, 2008, p. 39).

Dessa forma, cabe mencionar que a pesquisa, além de se constituir como princípio educativo, incentiva os professores de Geografia em formação inicial a compreender o processo investigativo e a construir sua própria aprendizagem, bem como analisar e retratar o contexto escolar, permitindo ao professor ultrapassar as soluções prontas. Ademais, refletir criticamente todo o processo de construção possibilita que ele esteja pronto para as situações com que se depara no ambiente escolar, problematizando-as para com a realidade da profissão.

A discussão que trata da relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores é um debate que está presente tanto nas falas de autores nacionais quanto internacionais, bem como nos documentos oficiais. Nesse sentido, no que tange aos documentos oficiais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 (BRASIL, 1996) também trata da relação entre ensino e pesquisa. O Art. 43 da referida Lei mostra como uma das finalidades da educação superior, dentre elas:

- I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; [...]
- III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive (BRASIL, 1996, p. 31).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 (BRASIL, 1996) trata da integração entre ensino e pesquisa como uma forma de estimular a criação cultural e o desenvolvimento da postura científica que possibilite a construção do pensamento reflexivo, tendo em vista o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, com objetivo de que o sujeito compreenda a realidade em que vive. No tocante à formação inicial de professores, a relação entre ensino e pesquisa também vem sendo apresentada no Art. 4 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de Licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda Licenciatura) e para a formação continuada. Nesse sentido, a instituição de educação superior terá de:

[...] contemplar, em sua dinâmica e estrutura, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão para garantir efetivo padrão de qualidade acadêmica na formação oferecida, em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), o Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) (BRASIL, 2015, p. 5).

Quando observadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação Inicial de professores, a proposta que trata da relação entre ensino, pesquisa e extensão tenta garantir um padrão de qualidade acadêmica na formação. Para que seja contemplada esta integração é necessário estar de acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da instituição de ensino, que estabelece os rumos da instituição universitária para os próximos anos em termos de seu desenvolvimento e suas metas. Além disso, é necessário estar em consonância com o Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) que guia a ação educativa dos cursos de graduação. No entanto, a relação entre ensino, pesquisa e extensão que trata as Diretrizes deve ser trabalhada em conjunto com o curso e a instituição formadora.

Nessa perspectiva, para que se compreenda a relação entre ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação inicial de professores, é necessário entender o princípio fundante da organização da universidade brasileira, pois cada universidade tem suas histórias, suas marcas, suas inovações. Quando a instituição tem como princípio a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, esta é reconhecida no país e internacionalmente e ganha o status de universidade. Abu-El-Haj, Leitinho e Cardoso (2012, p. 23-24) ressaltam que:

Para que se compreenda o exercício da docência na perspectiva metodológica do ensino com pesquisa, há de se ressaltar o princípio fundante da organização da universidade brasileira, que é a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e a extensão; é este princípio que afere o *status* de

universidade a uma instituição de nível superior no Brasil, e orienta o planejamento e desenvolvimento de suas atividades acadêmico-científicas.

Por esse viés, percebendo a relevância do ensino atrelado à pesquisa na formação inicial de professores, alguns autores argumentam a favor. O ensino articulado à pesquisa possibilitará ao futuro professor mobilizar o conhecimento da pesquisa, preparando-o para enfrentar os desafios encontrados no ambiente escolar, ter uma postura investigativa e buscar respostas de acordo com suas necessidades (NÓBREGA-TERRIEN; TERRIEN, 2006). Ainda de acordo com os referidos autores, o princípio articulador do ensino e pesquisa durante a formação inicial permite que:

[...] o ensino articulado à pesquisa deve objetivar a formação para a reflexão-na-ação, de modo que o novo profissional seja preparado para os desafios que a prática exige e preparado na pesquisa para buscar respostas às indagações advindas dessa prática. Os resultados do processo formativo podem alcançar maior fecundidade de acordo com a intensidade e fundamentação teórica propiciada pela pesquisa que alicerça a reflexão sobre a prática (NÓBREGA-TERRIEN; TERRIEN, 2006, p. 283).

A integração do ensino à pesquisa na formação inicial de professores de Geografia enquanto possibilidade de reflexão e criticidade na área de formação é também uma maneira de preparar o futuro professor a enfrentar os obstáculos. Ainda, por meio da pesquisa, poderá buscar respostas às interrogações provenientes da realidade em que se insere. No entanto, cabe mencionar que essa formação inicial voltada para a pesquisa deve ter como objetivo refletir e problematizar os saberes específicos instrumentalizando-os com os saberes pedagógicos, e isso fará toda a diferença durante a formação inicial.

Diante disso, Lampert (2007) destaca que a articulação da pesquisa no ensino, começa a romper tradicionalmente na formação inicial de professores, pois, por meio da pesquisa no ensino, o professor se sentirá mais seguro e capaz de mobilizar e alterar as situações encontradas no cotidiano escolar. Além disso, será possível começar a entender a sala de aula e o cenário educacional em geral, como um local repleto de várias dimensões culturais, de representações e imaginários sociais.

Donatoni e Coelho (2007, p. 74) entendem que não é possível fazer ensino desvinculado da pesquisa, uma vez que ambos estão articulados, “[...] num movimento intrínseco, permanente e interligado, em que o ensino realimenta a pesquisa e esta, da mesma forma, aquele”. Vivenciar na formação inicial o ensino articulado à pesquisa proporcionará

um trabalho humano intencional, reflexivo e organizado da área de formação, como enfatizam Abu-El-Haj, Leitinho e Cardoso (2012, p. 21):

Há muito se fala da relação ensino e pesquisa como dimensões indissociáveis da aprendizagem. Se o ato de conhecer supõe a elaboração ou reelaboração de algo pelo sujeito aprendiz, em menor ou maior instância, tal ação é perpassada pelo exercício da pesquisa, que pode ser caracterizada como a ação de se buscar compreender algo, um fato ou fenômeno, por meio da reconstituição dos dados e/ou elementos a ele imbricados e que ao serem interligados expressam sentido.

A relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores tem sido bastante discutida enquanto dimensões inerentes para a construção da própria aprendizagem, visto que o ato de conhecer propicia o exercício da pesquisa. O conhecimento é inacabado, então o futuro professor deve buscar entender por meio de sua curiosidade as respostas e, posteriormente, começar a problematizar e a contemplar com a realidade que se pretende compreender e que expressam sentidos.

A formação inicial de professores de Geografia pautada na relação entre ensino e pesquisa propicia produzir conhecimentos teórico-práticos. Essa relação não significa uma ação instrumental de aplicação da teoria na prática, mas sim proporcionar e formar o futuro professor de Geografia para ser questionador da realidade em que vai se inserir, tendo o conhecimento como um processo histórico, bem como instigado pela dúvida e capaz de identificar os caminhos de proposição, de intervenção. Como afirma Nova e Soares (2012, p. 91-92):

A formação profissional construída a partir da relação entre ensino e pesquisa não consiste em uma ação instrumental de aplicação da teoria na prática, e sim, uma ação política porque circunstanciada, imprevisível, subjetiva e intencional. A intenção é formar sujeitos profissionais questionadores, que valorizam a dúvida, que buscam o constante questionamento porque sabem que o conhecimento, além de não responder a tudo, porque é circunstanciado, é histórico porque construído na prática construtiva de formas de ser dos homens. A pesquisa científica assim não é assumida como norma, como padrão de conhecimento nem de procedimentos. É encarada como ponto de partida para a construção do ensino e permite que os sujeitos identifiquem os vazios, as faltas, as lacunas que abrem caminho para o questionamento, para a dúvida.

Dessa forma, é fundamental salientar que a formação inicial de professores de Geografia construída a partir da integração entre ensino e pesquisa não restringe em uma ação instrumental de aplicação da teoria, mas enquanto um processo contínuo na trajetória destes professores. O propósito é formar professores sujeitos de Geografia para serem cidadãos,

críticos, criativos e propositivos em todos os seus referenciais. Além disso, proporcionar autonomia para questionar o conhecimento pronto e acabado que é colocado de cima para baixo. No entanto, a pesquisa não pode ser assumida como norma, como padrão de procedimentos, precisando ser reconhecida e vista como ponto de partida para o professor de Geografia em formação inicial ser capaz de construir o ensino e identificar as lacunas e os problemas na prática cotidiana que abrem caminhos para o questionamento, para a dúvida.

Nesse sentido, a pesquisa na formação inicial de professores é fundamental, pois permite uma articulação com a teoria e prática. De acordo com Lampert (2007, p. 81) “[...] a pesquisa é a conexão entre teoria/prática e ou vice-versa; uma renova e reconstrói a outra, e não se pode pensar em teoria acabada, final, imutável da mesma forma não há prática definitiva”. É assim que precisa ser pensada a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, ou seja, a pesquisa é uma porta que se abre para (re)pensar a prática na mesma linha da teoria, visto que não há como compreender a prática através da pesquisa sem relacionar com a teoria, uma vez que uma alimenta e (re)alimenta a outra. No entanto, não se pode pensar a teoria e prática como um conhecimento pronto e acabado, mas um processo contínuo de construção, em que a todo o momento deve ser questionada e (re)construída.

Sobre eixo articulador entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, é preciso esclarecer que não deve servir para falar/apontar o que o futuro professor de Geografia precisa fazer na sala de aula, “[...] mas deve sim servir como instrumento para melhor entender o que acontece em seu cotidiano, na sua prática, para dar um direcionamento e facilitar o entendimento de suas ações na busca da melhoria da qualidade do processo de construção do conhecimento” (CHARLOT, 2005, p. 91). Destarte, a pesquisa deve ser vista como uma possibilidade para o professor de Geografia em formação inicial compreender as situações vivenciadas em seu cotidiano para melhor saber o direcionamento que vai tomar, além de buscar outras formas de melhoria, quando houver necessidade para o processo de construção do conhecimento.

De acordo com Santos (2005), a integração entre ensino e pesquisa na Universidade e, sobretudo, na graduação tem envolvido questões muito discutidas nos últimos anos. No tocante à formação inicial de professores, a autora ressalta que esta integração tem sido uma melhoria para o processo de formação docente, porém é importante considerar as diferentes maneiras de pensar a integração entre ensino e pesquisa, pois é necessário pensar que a proposta de formar o professor pesquisador tem limites, até porque não é a única forma de qualificá-lo e há diferentes maneiras desta integração. Ela acrescenta:

É importante considerar também que outras propostas de integração entre ensino e pesquisa na formação de docentes poderão ser frutíferas. Para tanto, deverão estar baseadas em trabalho voltado para a formação profissional capaz de não apenas atuar com competência em sala de aula, mas também para a formação profissional capaz de reconhecer as relações existentes entre seu trabalho, as políticas públicas na área educacional e as complexas relações existentes entre sua atividade profissional e a realidade sociocultural na qual esta se insere (SANTOS, 2005, p. 24).

Assim sendo, a proposta de integração entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores de Geografia poderá proporcionar um terreno fértil com alternativas para (re)pensar a realidade, como também problematizar os saberes específicos da Geografia com os saberes pedagógicos. Também poderá proporcionar ao professor ser capaz de reconhecer todas as relações, seja entre seu trabalho, as políticas públicas no campo educacional, e o contexto de sua realização sociocultural.

Diante disso, na presente conjuntura educacional, exige-se questões para além do ensino, requer uma formação inicial de professores que vise à autonomia, à responsabilidade, à visão crítica e reflexiva para atuar no ambiente em que vão se inserir, em que sejam capazes de decidir por si mesmos, tomar decisões e obter alternativas das possíveis situações a encontrar. Nesse pressuposto, é essencial o desenvolvimento do ensino com a pesquisa na formação inicial, caso contrário:

O desenvolvimento do ensino em um ambiente em que não se prepara para a pesquisa, tendo em vista a produção do conhecimento, a elaboração de pensamentos novos e a construção de novos mecanismos de intervenção na realidade, tende a tornar o ensino vazio e obsoleto e a prática do profissional da educação uma prática frágil e inconsistente (DONATONI; COELHO, 2007, p. 78).

Nesta perspectiva, quando se defende a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores, também é preciso refletir que esta articulação não é tão fácil no cotidiano das Licenciaturas, ainda sendo um desafio em construção. São caminhos que aos poucos estão sendo construídos, uma vez que a formação pautada nessa relação não pode se restringir a uma abordagem técnico-científica, mas a uma perspectiva de diálogo frente ao contexto da realidade e ao construir de melhores formas de conduzir o processo de ensino-aprendizagem, como ressaltam Abu-El-Haj, Leitinho e Cardoso (2012, p. 22-23):

O grande desafio na articulação da pesquisa no ensino se encontra na ação docente. Estamos sempre envolvidos com as mesmas questões, quais sejam: como trabalhar o ensino com a pesquisa no espaço da sala de aula, propiciando ao aluno assumir a posição de sujeito do conhecimento? Como

conduzir o estudante a ser agente de sua aprendizagem? Como ser mediador da construção do conhecimento e, o mais importante, sem se ausentar da condição de professor, de mestre, de alguém que, ao deter com certa propriedade a compreensão dos determinantes que regem a natureza e a realidade humana e social é capaz de auxiliar o aluno no desenvolvimento de sua interlocução no mundo? Este é, pois, um desafio que nos impede ao compartilhamento de experiências, propostas e metodologias como promissora alternativa de superação da cultura ainda prevalente do ensino como transmissão do conhecimento.

Cabe salientar que é um desafio atualmente tratar da integração entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores, pois não se pode pensar que se trata apenas de inserir tal preceito na grade curricular do curso de Licenciatura. É necessário pensar outras questões para materializar tal integração. Em princípio, é preciso pensar como colocar o futuro professor de Geografia para assumir o papel de protagonista e sujeito ativo da sua própria aprendizagem, bem como mediador do conhecimento sem se ausentar da postura e da condição de professor. São questões como estas que precisam ser levantadas e questionadas para que a relação entre ensino e pesquisa não seja como transmissão de conhecimento na formação inicial de professores de Geografia, mas como construção crítica do conhecimento produzido.

A proposta do ensino com a pesquisa durante a formação inicial de professores permite que o sujeito não seja repassador de informações, mas um mediador de todo o processo educacional, de ser orientador e construtor do próprio conhecimento, numa atitude permanente de professor pesquisador. Essa proposta também,

[...] envolve o professor e aluno como sujeitos ativos, autônomos, em um processo de contínuo constante de questionar discursos, conceitos, princípios, realidades, através da construção de argumentos que possam reconstruir as verdades até então aceitas como universais. Como resultados imediatos, o aluno adquirirá a atitude de questionar, construir argumentos e comunicar resultados. Aprenderá a vivenciar os principais passos de pesquisa; coletar, interpretar e inferir sobre dados; produzir textos (LAMPERT, 2007, p. 82-83).

Fica evidente que a proposta de integração do ensino com a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia poderá ser frutífera, pois possibilita formar professores de Geografia sujeitos ativos, provoca para uma proposta autônoma, em um processo contínuo de busca, de questionar as verdades prontas, de construir argumentos, também de caminhar pelos principais passos de pesquisa, de inferir nos dados, fatos e fenômenos, implicando que o professor em formação inicial busque respostas de suas dúvidas e necessidades de maneira construtiva.

A formação inicial de professores de Geografia, quando pautada na relação entre ensino e pesquisa, deve proporcionar condições para um olhar crítico da educação. Dessa maneira, o professor consegue, por meio da pesquisa, aperfeiçoar o contexto em que se insere. Torna-se sujeito autônomo e protagonista da história, uma vez que, de outro modo, pode ocorrer uma prática repetitiva e uma realidade tomada como conhecimento pronto. As autoras Donatoni e Coelho (2007) partem do seguinte entendimento:

A formação de cidadãos neste contexto caracteriza-se como a preparação de “homens pensantes”, que buscam continuamente novos caminhos. Mais que habilitar estudantes para atuar como profissionais no mercado de trabalho, é necessário formá-los para influir sobre a realidade em que vão atuar, e, a partir de uma visão crítica, a prática da pesquisa faz-se presente como meio da produção e avanço do conhecimento, sendo, assim, de fundamental importância. Caso contrário, o ensino torna-se livresco, rotineiro, como repetição mecânica e monótona daquilo que foi produzido (DONATONI; COELHO, 2007, p. 80).

A formação inicial de professores de Geografia defendida na relação entre ensino e pesquisa implica na formação de cidadãos críticos, ativos, protagonistas e sujeitos pensantes, capazes de buscar novos caminhos para trilhar perante a realidade, rompendo com uma formação voltada para ensinar conteúdos. Entretanto, também é necessário formar para influenciar sobre a realidade em que vão atuar, através de um olhar crítico, e também ser transformado profissionalmente por meio de sua atitude investigativa. Caso contrário, o ensino pode torna-se transmissão e repetição daquilo que foi produzido.

Santos (2005) enfatiza em sua discussão que formar o professor numa perspectiva do ensino e pesquisa não é para o futuro professor torna-se um pesquisador ou querer identificar se o mesmo está ou não realizando pesquisa, é mais que isso:

[...] é a necessidade de se formar um docente inquiridor, questionador, investigador, reflexivo e crítico. Problematizar criticamente a realidade com a qual se defronta, adotando uma atitude ativa no enfrentamento do cotidiano escolar, torna o docente um profissional competente que, por meio de um trabalho autônomo, criativo e comprometido com ideias emancipatórias, coloca-o como ator na cena pedagógica (SANTOS, 2005, p. 23).

Ao se pensar em formar o professor de Geografia na relação entre ensino e pesquisa, logo vem a ideia de formar apenas o professor pesquisador de uma área específica. Não é esta a ideia defendida, mas sim a de formar o professor de Geografia indagador, investigador, criativo e crítico e com autonomia própria de sujeito pensante da realidade em que vai atuar. Ainda mais, por meio da relação entre ensino e pesquisa, ele pode compreender suas

necessidades em sala de aula e não esperar que os outros possam apontar tais necessidades. Enfim, trata-se de colocar o futuro professor de Geografia como ator do próprio saber do ambiente pedagógico.

O ensino com pesquisa não objetiva formar um professor pesquisador em si, mas estimular e possibilitar que os professores de Geografia em formação inicial possam compreender o sentido da pesquisa para a educação, uma vez que a pesquisa propicia a produção de novos conhecimentos e transformações no campo de atuação. É possível provocar o professor em formação inicial para questionar, refletir, criticar e aperfeiçoar a sua área de formação. Todo este processo resulta em mudanças paradigmáticas e metodológicas do processo de ensino-aprendizagem (LAMPERT, 2007).

Abu-El-Haj, Leitinho e Cardoso (2012) salientam que o ensino com pesquisa é a possibilidade metodológica que permite a produção do conhecimento, despertando nos sujeitos a capacidade de leitores críticos de sua realidade social e proporciona mediação pedagógica na atualidade. Assim sendo, nega as maneiras tradicionais de ensinar, na qual as atitudes dialógicas, investigativas, a criticidade e a reflexão da realidade não são presentes na formação inicial do professor, pois não encontram meios para manifestar o pensamento construído, e as metodologias de ensino-aprendizagem seguem caminhos que privilegiam reprodução do conhecimento científico.

A proposta de ensino com e para a pesquisa é uma forma de contrapor ao ensino tradicionalista, que durante muitos anos foi utilizado como a única forma de ensinar, pelos professores seguidores do modelo napoleônico. Esse modelo, largamente utilizado nas universidades europeias e países latino-americanos, objetivava a formação de professores dos quais precisava o Estado, sem necessariamente considerar o contexto econômico, social e cultural (LAMPERT, 2007).

Desse modo, quando a abordagem é o ensino com a pesquisa, o papel e a posição dos sujeitos são de engajamento e trabalho criativo, ou seja, de uma atitude investigativa contínua, em que o professor e o aluno buscam respostas sobre fenômenos e problemas e ajudam a traçar novas maneiras de interpretar a realidade. No entanto, com essa atitude, cada voz passa a ter voz e visibilidade para com a construção ativa do conhecimento (ALMEIDA et al., 2010).

É o ensino articulado à pesquisa que compreende criticamente a educação como campo de realidades vividas, conflitos, questões de poder, pautada pelo princípio da autonomia e do pensar, pois, quando os futuros professores de Geografia são formados nesta perspectiva, fica mais claro que ensinar vai muito além da atuação em sala de aula. Diante

disso, é na formação inicial como caminho de partida que é preciso construir e discutir o sentido verdadeiro da educação no cenário atual, enquanto possibilidade de mudanças no exercício do professor em sala de aula. Nesse sentido, Bissoto et al. (2017, p. 23) salientam que:

Os discentes devem conseguir reunir, ao longo da sua formação, condições de reflexão crítica para perceber a Educação como um campo de conflitos e de regulação social, permeado por questões de poder, que se desdobram naquelas envolvendo raça, gênero, classe social, valores ético-morais, e quanto ao ideal de ser humano que se pretende formar, num dado momento histórico, e como tais questões se manifestam nas teorias e práticas educativas.

Diante disso, é durante a formação inicial que os futuros de Geografia podem construir um histórico cheio de significados e vivências no tocante à educação e ao ensino da geografia em sala de aula. Com isso, é importante reunir e construir um conhecimento repleto de criticidade para compreender ainda melhor o contexto da educação como um espaço de conflitos, de relações de poder, de raça, gênero, classe e valores ético-morais, e de como tais questões se apresentam nas teorias e práticas educativas.

Diante dessas reflexões, há várias maneiras de articulação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores, promovendo que os mesmos analisem, questionem e reflitam criticamente sobre a educação e realidade. Para isso, a autora Marli André (2005) destaca que uma das possibilidades de trabalhar a articulação entre ensino e pesquisa é:

[...] que a pesquisa se torne um eixo ou um núcleo do curso, ou seja, que ela integre o projeto de formação inicial e continuada da instituição, construído pelos seus participantes, levando em conta seus recursos e as condições disponíveis. Nessa perspectiva pode traduzir-se numa organização curricular, em que disciplinas e atividades sejam planejadas coletivamente, com o objetivo de desenvolver habilidades e atitudes de investigação nos futuros professores. Pode, além disso, traduzir-se no uso da pesquisa como mediação, ou seja, que as disciplinas e atividades do curso incluam a análise de pesquisas que retratem o cotidiano escolar, visando aproximar os futuros docentes da realidade das escolas, levando-os a refazer o processo da pesquisa e a discutir sua metodologia e seus resultados (ANDRÉ, 2005, p. 61).

Ao longo da discussão, percebe-se o quão é rica uma formação inicial de professores de Geografia trilhada pela relação entre ensino e pesquisa, podendo-se verificar várias maneiras desta relação no interior das Licenciaturas. A defesa colocada é que o ensino com pesquisa torne eixo central e perpassa todo o curso, como, por exemplo, a oferta de disciplinas e atividades com a finalidade de instigar e desenvolver a postura investigativa. E que as

pesquisas expressem discussões e problematizações sobre o ambiente escolar, os saberes pedagógicos instrumentalizados com os saberes específicos, visando aos futuros professores de Geografia o aproximar-se do contexto real das escolas, possibilitando (re)pensar o processo da pesquisa, suas metodologias e seus resultados.

A pesquisa é um processo contínuo que se entretete durante todas as disciplinas trabalhadas no curso. E é por meio da pesquisa, da vivência cotidiana no decorrer da formação inicial de professores que surgem indagações, questões inacabadas que propiciam a necessidade de saber mais, ou seja, de entender o que está sendo observado. Para Esteban e Zaccur (2002, p. 21):

A atividade de pesquisa é um fio que se entretete a todas as disciplinas trabalhadas no curso. É na pesquisa, na inserção cotidiana e nos diferentes espaços educativos, que surgem questões que alimentam a necessidade de saber mais, de melhor compreender o que está sendo observado/vivenciado, de construir formas de percepção da realidade e de encontrar indícios que façam dos dilemas desafios que podem ser enfrentados.

A relação entre ensino e pesquisa faz toda a diferença quando está presente em todas disciplinas do curso de formação inicial de professores, em o docente formador do curso de uma área específica, além de trabalhar em sala de aula com os professores de Geografia em formação inicial os saberes específicos da disciplina, também traz para a discussão como pode ser mobilizado e instrumentalizado com os saberes pedagógicos, além de levantar questões de pesquisa, visando a aproximar os mesmos com a realidade em que vão atuar.

Nesse pressuposto, a pesquisa, além de constituir-se como instrumento de ensino, é um conteúdo na construção da aprendizagem na formação inicial de professores. A autora Marli André (2005) ainda acrescenta outra possibilidade de articulação entre ensino e pesquisa na formação inicial do professor e apresenta como proposta:

Os docentes do curso de formação inserirem seus próprios temas e projetos de pesquisa nos programas das disciplinas, dando aos seus alunos, futuros professores, oportunidade de discutir os resultados de suas pesquisas, os dados analisados, a metodologia utilizada para que, a partir daí, possam propor e gerar novos temas e problemas (ANDRÉ, 2005, p. 61).

Tendo em vista que a relação entre ensino e pesquisa pode ser materializada nas disciplinas do curso de formação inicial de professores, também os docentes formadores do curso podem levar para a sala de aula seus próprios projetos de pesquisas que desenvolvem nos campos específicos da Geografia para os programas das disciplinas, é importante frisar que quando, o docente formador do curso tem essa possibilidade de articulação, visando ao

professor de Geografia em formação inicial ter uma aproximação com a pesquisa, não é para ser ajudante ou descrever a pesquisa, mas para propor novas ideias de discussão e articulação com a área de formação, gerando outros temas e problemas.

Os autores Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) apontam alguns avanços no tocante à prática da pesquisa na formação inicial de professores. Por exemplo, eles destacam que, no momento da construção da monografia, o discente também pode vivenciar a pesquisa, ressaltando que:

Em muitos cursos de formação de professores já se institui o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ou Trabalho de Graduação Individual (TGI), que se traduzem na elaboração de uma monografia cujo conteúdo diz respeito à pesquisa de determinado assunto. Trata-se de oportunidade para aprofundar o conhecimento sobre os processos investigativos, desenvolvendo a habilidade de elaborar e executar projetos de pesquisa, análise bibliográfica e instrumentos de pesquisa, além da competência do “aprender a fazer”, a fim de aprimorar a capacidade de analisar e interpretar dada realidade ou situação (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 100-101).

É possível perceber várias maneiras de articulação entre ensino e pesquisa na formação inicial do professor de Geografia, e cabe ressaltar que, além da inserção da pesquisa na estrutura curricular do curso, também o futuro professor de Geografia tem como meta na reta final do curso de Licenciatura desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que é uma das possibilidades desta articulação e vivência com a pesquisa. Dessa forma, o professor de Geografia em formação inicial tem oportunidade de elaborar projetos de pesquisa, realizar levantamento bibliográfico e os instrumentos que serão utilizados para a coleta de dados, sendo um dos desafios na reta final do curso.

É fundamental destacar que alguns professores de Geografia em formação inicial apresentam dificuldades até para a escolha da temática que pretendem desenvolver no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e o desafio ainda é maior quando é para aproximar o objeto de estudo com a pesquisa aplicado no ensino de Geografia; são casos específicos que pode ser visto no curso de Licenciatura. Enquanto isso, outros conseguem fazer essa articulação, pois no decorrer da formação inicial dialogaram com a pesquisa que desenvolveram nos grupos de pesquisa e nas disciplinas em que vivenciaram a pesquisa.

Nesse sentido, o ensino com pesquisa na formação inicial de professores se justifica por várias causas: “A mais importante delas é que esse dispositivo de ensino guarda coerência com as orientações pedagógicas que lhes dão a conhecer para desenvolverem junto a seus futuros alunos, que, em geral, propõem a participação ativa dos sujeitos da aprendizagem”

(ALMEIDA et al., 2010, p. 177). Por meio da relação entre ensino e pesquisa, o professor de Geografia em formação inicial poderá problematizar e conhecer as ações pedagógicas e tornar-se sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Perrenoud (1993, p. 121), o ensino com pesquisa promove “Um espírito idêntico àquele que inspira as novas didáticas quando propõem que os alunos se envolvam sobre o funcionamento da língua, de certos fenômenos naturais ou de situações problemáticas, desde a escolaridade obrigatória”. O envolvimento do professor de Geografia durante a formação inicial com o ensino e a pesquisa provoca um espírito de busca de novas questões sobre os fatos, realidades, situações e problemas.

Para Soares (2012), o ensino com pesquisa caracteriza um princípio educativo, ou seja, potencializador da construção da atitude de investigação, assim como de reflexão crítica, questionamento e teorização da prática. Além disso, de negociação, de tomada de decisões, considerando condições fundamentais de professores protagonistas. Segundo Lampert (2008, p. 36), o ensino com pesquisa é entendido:

[...] como uma sequência organizada de situações estimuladoras e desafiadoras de aprendizagem, na qual professor e alunos estão envolvidos como sujeitos do processo, na perspectiva de formação de cidadãos críticos, capazes de entender e transformar a realidade circundante. Aprender com pesquisa é um processo dialógico que envolve a problematização do conhecimento, a construção de argumentos e sua respectiva validação.

Nesta perspectiva, a formação inicial do professor de Geografia, por meio da articulação entre ensino e pesquisa, significa desafiar e despertar para situações de aprendizagens, enquanto sujeitos envolvidos e ativos do processo. Significa também formar cidadãos propositivos, preparados para compreender e mudar a realidade. Dessa forma, reafirmo que aprender com pesquisa é um diálogo sem fim, inacabado.

Tendo em vista a relevância do ensino com a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, e de acordo com as autoras Almeida et al. (2010, p. 178), o ensino com pesquisa nessa formação “[...] possibilita uma relação dialética e dialógica entre teoria e prática, desafiando os licenciandos a desconstruírem a percepção linear de transposição automática da teoria no contexto da prática, percepção reforçada pela formação baseada na racionalidade técnica”. Ainda de acordo com as autoras supracitadas:

Ao romper com essa racionalidade, estabelecendo uma relação dialética e dialógica entre teoria e prática, a experiência continuada de ensino com pesquisa possibilita a construção da autonomia profissional, em outros termos, a capacidade de lidar de forma consistente e reflexiva com as

situações problemáticas da prática profissional, nas quais conflui uma significativa quantidade de fatores impossíveis de serem abarcados por categorias prévias, estabelecidas por outrem (ALMEIDA et al., 2010, p. 179).

O ensino com pesquisa na formação inicial de professores de Geografia estabelece uma relação de discussão entre teoria e prática e rompe com a ideia de que, no primeiro momento, estuda a teoria e, no segundo momento, põe em prática, e sim que as duas instâncias precisam ser estudadas e problematizadas em conjunto durante a formação inicial, porque uma complementa a outra. É importante romper com essa racionalidade na formação inicial de professores de Geografia por meio da articulação entre ensino e pesquisa, ocorrendo nesse processo uma relação de diálogo entre teoria e prática. Além disso, deve proporcionar a construção da autonomia do sujeito, postura crítica para lidar com as limitações a enfrentar e capacidade de levantar questões de sua própria necessidade, sem precisar se fundamentar nas opiniões dos outros.

Em suma, para que o professor de Geografia em formação inicial se reconheça na qualidade de professor pesquisador, é fundamental a concepção de pesquisa ligada ao ensino como pressuposto imprescindível à formação destes professores. Segundo Roza (2005, p. 75):

[...] acredita que se esta reflexão e entendimento fizerem-se presentes em sua atitude cotidiana no espaço acadêmico, promover-se-á profissionais autônomos e reflexivos de suas práticas. Fundamental se torna, portanto, que os cursos de educação de professores propiciem aos acadêmicos situações de familiarização com a profissão para a construção, significação e contextualização de saberes na formação docente inicial e continuada.

Silva e Spinelli (2007) socializaram algumas reflexões sobre a experiência que foi construída nas disciplinas de Metodologia da Pesquisa, Seminários de Pesquisa em Geografia I, II e III e Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade de Passo Fundo – UPF durante a formação inicial no curso de Geografia (Licenciatura e Bacharelado), e salientam que, quando os acadêmicos são desafiados e mobilizados para a elaboração de projetos de pesquisa de uma área que atende ao processo formativo, seja em nível de Licenciatura como o Bacharelado, desenvolvem habilidades de pesquisar e questionar o conhecimento. Eles acrescentam que esses desafios têm:

[...] por um lado, a preocupação de tornar os acadêmicos aptos para incorporar permanentemente o desenvolvimento científico e tecnológico, tanto como uma prática inerente ao processo de formação, quanto à própria prática profissional. Por outro lado, buscar apoio do uso da pesquisa no ensino tem sido o principal viés dado ao Curso no âmbito da Licenciatura e, no âmbito do Bacharelado, a investigação em temas emergentes e/ou

recorrentes tem sido uma prática, em especial nos estágios curriculares e/ou profissionalizantes (SILVA; SPINELLI, 2007, p. 164).

Nesse sentido, as reflexões de que trata o texto das autoras Silva e Spinelli (2007) é a questão ensinar a pesquisar, no âmbito da Licenciatura e, no âmbito do Bacharelado. Com os resultados das experiências da relação ensino-pesquisa na perspectiva da formação do bacharel em Geografia é que o Curso apresenta uma estrutura curricular que fomenta atividades de ensino, pesquisa, extensão e relações comunitárias em todos os seus semestres letivos que envolvem o ensinar a pesquisar.

Em um primeiro momento, há vivências nas disciplinas comuns às duas modalidades e que permitem uma iniciação ao conhecimento filosófico/científico/técnico/pedagógico. Já no segundo nível, os estágios curriculares compreendem cinco estágios de cunho acadêmico e dois estágios de cunho profissionalizante, o que vem a reforçar a ideia do exercício do conhecimento como um caminho para a formação cidadã, das realidades e diversidades e suas relações para com o mundo.

Quando socializaram as experiências da relação entre ensino e pesquisa no Curso de Licenciatura que é o foco de discussão, pode-se buscar apoio na perspectiva de um ensino socioconstrutivista da Geografia para encaminhar as atividades que objetivem as respectivas competências. A disciplina vivenciada pelos alunos foi Metodologia e Prática de Ensino, que desenvolve os referenciais teóricos para tornar compreensível e sustentar as atividades práticas, em contato com a realidade escolar que são instigadas pelos trabalhos de campo. Diante disso, a materialização dessa relação entre ensino e pesquisa, na formação inicial do professor, é potencializada principalmente pelos TCCs, que são propostos e desenvolvidos em torno da linha de pesquisa Geografia, Ciência e Ensino (SILVA; SPINELLI, 2007).

As autoras Silva e Spinelli (2007) concluem e defendem que formar profissionais críticos e reflexivos é necessário o desenvolvimento da competência investigativa. Elas acrescentam em favor do compromisso institucional que vise a garantir o espaço da pesquisa no interior do Curso e a incentivar a inserção dos docentes para fortalecer grupos de pesquisa e para promover novas investigações acadêmicas em cada uma das linhas de pesquisa. As autoras ainda dizem que “É imperativo dar relevância à articulação do trinômio ensino-pesquisa-extensão no processo formativo e no estímulo aos futuros profissionais para uma atuação engajada nos processos de renovação da Geografia. Um desiderato que continua...” (SILVA; SPINELLI, 2007, p. 176).

Em suma, é possível perceber diversas maneiras de articular o ensino e a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia e como pode ser vivenciada, contribuindo e oferecendo subsídios para os futuros professores um bom desempenho da prática de ensino da Geografia em sala de aula, assim como propor uma visão crítica, uma formação comprometida com o ensino e a pesquisa com foco na realidade educacional e nos sujeitos das escolas.

4.3 Contribuições da pesquisa na formação inicial do professor

A discussão sobre a temática do professor pesquisador tem sido objeto de estudo de diversos trabalhos de pós-graduação nas últimas décadas. E essa formação precisa começar pela graduação, a primeira instância para seu preparo e vivência.

Historicamente, o debate sobre a pesquisa na formação inicial e no exercício dos professores se amplia consideravelmente a partir dos trabalhos de Lawrence Stenhouse na década de 1960, na Inglaterra. Esse movimento colocava o professor enquanto sujeito no processo investigativo: “Ele defendia que todo professor deveria tomar a sala de aula como um laboratório de pesquisa e que a investigação no cotidiano escolar deveria envolver, além dos professores, também os estudantes e a própria comunidade” (PESCE, 2012, p. 54). Complementa Wollf (2007, p. 53):

O movimento relacionado ao professor-pesquisador, no Brasil, desenvolveu-se significativamente na década de 90, tanto em termos de formação inicial como na formação permanente ou continuada. As condições para que a proposta se efetivasse na escola não foram favoráveis.

Nesse sentido, o debate que defende a ideia de pesquisa na formação inicial de professores não surgiu por acaso, mas através das necessidades do professor em sala de aula. Então, é a partir daí que surge a necessidade do próprio professor buscar as respostas de sua prática e tornar a sala de aula o lócus para a pesquisa e obter as respostas perante suas necessidades. Com isso, no Brasil, essa preocupação de formar o professor pesquisador cresce na década de 1990, na qual se começou a despertar no professor em formação inicial e continuada um olhar crítico por meio da pesquisa.

Na literatura internacional, destaca-se as ideias norte-americanas de Kenneth Zeichner (1993), que enfatiza a formação de professores sob a bandeira da reflexão a partir do ato político, da conscientização e da ação. Esse movimento se desenvolveu em reação ao fato de os professores serem vistos como técnicos que se limitavam a uma visão de abordagem de

cima para baixo, ou seja, a cumprir o que os outros ditavam de fora da sala de aula. Desse modo, a proposta é formar os professores para que assumam uma atitude reflexiva. Também tem as propostas de Elliott (1996 apud ANDRÉ, 2005), que propõe a investigação-ação enquanto eixo de reflexão para melhoria da prática do professor, dentre outros autores que se destacam no cenário internacional.

De acordo com a autora André (2005), o movimento que valoriza a pesquisa na formação do professor é recente e nos últimos anos ganhou mais notoriedade. Desse modo, disseminou-se no final dos anos 1980 e cresceu substancialmente nos anos posteriores. Essa disseminação no Brasil deu-se a partir dos debates de Pedro Demo, que enfatiza que a atividade da pesquisa deve estar presente em todo processo ou trajeto educativo, como princípio educativo, visando à emancipação dos professores, contribuindo para uma formação capaz de superar os desafios encontrados no caminho da profissão de professor (DEMO, 2006).

Já Ludke (2005) defende a articulação entre pesquisa e campo de atuação do professor, além disso, a pesquisa na formação inicial de professores. Enquanto Marli André discute o papel da pesquisa na prática docente e na formação de professores (ANDRÉ, 2005). Por fim, Geraldi, Fiorentini e Pereira (1998 apud ANDRÉ, 2005) salientam a pesquisa enquanto instrumento de reflexão coletiva sobre a prática, entre outros autores que contribuem para esta discussão.

Desse modo, segundo Silva e Spinelli (2007), na formação inicial de professores de Geografia, e diante das inúmeras possibilidades que seu objeto, o espaço geográfico, oferece para investigação, é clara a necessidade de serem desenvolvidas as bases teóricas e metodológicas que direcionem a uma conceituação sólida da ciência e da própria instrumentalização para a sua prática. Ainda em consonância com essa ideia, quando à formação inicial de professores de Geografia é sustentada pela pesquisa, as referidas autoras dizem o seguinte:

[...] defende-se a ideia do fortalecimento da base científica e filosófica da Geografia como possibilidade de conferir ao ensino um caráter crítico e criativo, capaz de problematizar e propor soluções para as questões do conteúdo teórico e da respectiva dimensão social que se revela no espaço vivencial. Para tanto, essa formação deve ser sustentada pela pesquisa, uma vez que o espaço precisa ser discutido, pensado (SILVA; SPINELLI, 2007, p. 169).

A formação inicial de professores de Geografia apoiada pela pesquisa é uma forma significativa de consolidar os pilares científico e filosófico da Geografia como possibilidade

de perceber o ensino por um viés crítico e criativo. Com isso, visando ao futuro professor de Geografia ser capaz de questionar, problematizar e buscar soluções do conteúdo teórico. No entanto, a pesquisa deve fazer parte da formação inicial de professores de Geografia, pois contribui para discutir e pensar de maneira inacabada o espaço, uma vez que a discussão não começa e termina numa disciplina cursada por estes professores em formação inicial, mas requer aprofundamento contínuo para compreender o espaço numa dimensão social e vivencial do sujeito.

Nesse sentido, a pesquisa é um caminho em construção para o professor de Geografia em formação inicial, objetivando reconhecer e entender suas indagações, pois o ato de questionar implica algum inconformismo, logo é preciso buscar respostas dessa angústia que impede avançar no conhecimento da Geografia. Isso é importante porque tudo que é pesado e questionado precisa ser problematizado e discutido; o conhecimento é inacabado e as respostas não pode ser estabelecidas por outrem.

Dessa forma, Garcia e Alves (2002) denominam o professor ou a professora pesquisadora como um profissional que procura compreender o contexto real de sua sala de aula, inconformado com o fracasso escolar e que procura soluções pedagógicas para a prática docente e para um problema que afeta a professora:

A professora inconformada com o fracasso escolar intui que precisa criar alternativas pedagógicas favoráveis aos alunos e alunas que não estão avançando como ela esperava. Ela quer saber o que efetivamente acontece quando ensina e alguns aprendem e outros não. Ela quer saber por quê (GARCIA; ALVES, 2002, p. 109).

O professor pesquisador é todo aquele que não aceita o insucesso escolar, porque os alunos não estão sendo provocados, mudados pelo ensino, então o professor começa a agir de maneira diferente para melhor compreender o que está acontecendo. Então, a partir daí o desafio é criar alternativas pedagógicas por meio da pesquisa para que esta cena mude e os alunos sejam capazes de aprender e ser protagonista do seu próprio conhecimento. Dessa maneira, tanto o professor como o aluno são atores principais da cena, cada um com sua função, o professor pesquisador inconformado com o insucesso escolar que busca respostas desse insucesso, e o aluno enquanto sujeito de mudança perante a realidade.

Ao sugerir a pesquisa enquanto leitura e diálogo com a realidade, Demo (2006) ressalta que a pesquisa se refere com a vontade de transformar a realidade num processo que nunca termina. Logo, o autor destaca que:

Pesquisa coincide com vontade de viver, de sobreviver, de mudar, de transformar, de recomeçar. Pesquisar é demonstrar que não perdeu o senso pela alternativa, que a esperança é sempre maior que qualquer fracasso, que é sempre possível reiniciar. No fundo, pesquisa passa a ser a maneira primeira de o ator político se colocar, se lançar, seja no tatear cuidadoso em ambiente desconhecido ou hostil, seja no medir as próprias forças diante das forças contrárias, seja na instrumentação estratégica da ocupação de espaço (DEMO, 2006, p. 40).

Desse modo, pesquisa incide com vontade de viver, de sobreviver, e na Geografia a finalidade da pesquisa coincide com vontade mudar e transformar a realidade, além de recomeçar tudo que não deu certo. Pesquisar também é compreender que nem tudo foi perdido, que a esperança ainda prevalece mais forte que o fracasso, que o impossível pode acontecer. O professor de Geografia em formação inicial, a partir da pesquisa, pode mudar a si mesmo, transformar e recomeçar o conhecimento. É ser capaz de sobreviver às injustiças da sociedade e começar a lançar esforços contrários para entender e obter respostas que fundamente o contexto social em que insere. Por fim, pesquisa passa a ser um ato político do professor sujeito se colocar.

Sendo assim, o ato da pesquisa proporciona ao professor de Geografia em formação inicial conhecer a realidade em que vai se inserir e a transformar. Além disso, ao transformar a realidade também se transforma, como afirma Pesce (2012, p. 126): “Ao conhecer a realidade, o professor pode agir de forma consciente e crítica para transformá-la. Ao transformar a realidade também se transforma, o que faz da pesquisa um instrumento que auxilia o professor a desenvolver sua autonomia política numa perspectiva emancipatória”. Dessa maneira, a pesquisa muda a si mesmo, o outro, e transforma a realidade. Isso é valioso porque só ocorrem mudanças e transformações a partir do próprio sujeito, consequentemente desenvolvendo sua autonomia política e emancipatória.

Luz et al. (2018, p. 2) salientam que “O professor pesquisador é aquele que alia teoria e prática no exercício do seu ofício. A sala de aula é um laboratório para aquele profissional que está disposto a experimentar juntamente com seus alunos o prazer da busca e da aprendizagem realizadora”. Com isso, o professor pesquisador é aquele que alimenta a teoria e a prática e a sala de aula é o laboratório mais rico para realizar suas pesquisas. Nesse sentido, a pesquisa pode fazer parte na formação inicial de professores de Geografia como ponto de partida e ciclo contínuo, e pode ser realizada no ambiente escolar.

A pesquisa enquanto princípio educativo é primordial e relevante na formação inicial de professores de Geografia. Contribui para ser um professor criativo, autônomo e um pesquisador, em especial com a realidade em que vão se inserir. Também, possibilita os

futuros professores reconstruir o conhecimento, tornando-o sujeito protagonista de sua própria história. Vieira et al. (2018, p. 2) enfatizam que:

[...] a pesquisa como princípio educativo torna-se uma excelente opção metodológica na trilha da construção do conhecimento, pois compreende a investigação como prática de criação, de desejo de conhecer e de descoberta. Mediante uma prática intencional, possibilita ao indivíduo, reconstruir o conhecimento tornando-o sujeito de sua própria história.

Desse modo, a pesquisa como princípio educativo na formação inicial de professores de Geografia torna-se uma valiosa opção metodológica para a construção do conhecimento, pois é entendida como prática da criação, com vontade de conhecer e descobrir e criar possíveis caminhos para chegar o conhecimento. Além disso, a pesquisa como princípio educativo torna o professor autônomo para reconstruir sua própria história.

Desse modo, os autores Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, 28-29) reforçam que a pesquisa é princípio essencial da aprendizagem, é fundamental tanto para a formação do professor como para o exercício profissional. Compreender a Ciência Geográfica é fundamental na formação inicial de professores de Geografia, porém não basta apenas conhecê-la, sendo necessário saber ensiná-la. Diante disso, a pesquisa é tida como princípio essencial da aprendizagem. Isso é ótimo! Compreender a Ciência Geográfica é essencial na formação inicial de professores de Geografia, mas não basta apenas conhecê-la é necessário saber ensiná-la.

Daí a importância de instrumentalizar os saberes específicos da Geografia, a exemplo da geomorfologia, da cartografia, da biogeografia, entre outras disciplinas com os saberes pedagógicos por meio da pesquisa, e essa vivência deve começar na formação inicial, visando a aproximar o futuro professor de Geografia da realidade escolar, assim como ressignificar os conteúdos que serão ensinados por eles, além de ampliar a sua leitura de mundo.

Nesse sentido, a pesquisa não deve ser voltada apenas para fins didáticos ou apenas para ajudar os professores de Geografia em formação inicial a conhecerem técnicas e metodologias. A partir da pesquisa tais fins poderão construir uma forma alternativa de observar, buscando respostas de suas indagações e experimentações, levando o ensino para um conhecimento prático. De acordo com Almeida (2007, p. 1):

Por meio da pesquisa o professor construiria uma maneira alternativa de observar, fazer suas indagações, experimentações, conduzindo o ensino para um conhecimento prático. Esta pesquisa não deve ser voltada apenas para fins didáticos, sem abordar uma problemática nova, que apenas ajuda os estudantes a conhecerem técnicas e metodologias, mas sim, para participar de uma investigação e que por meio dela o aluno possa tomar a consciência

da fragilidade do conhecimento e que possa perceber incertezas e conflitos teóricos dentro prática pedagógica.

Desse modo, a vivência da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia construiria uma possibilidade de entender, de fazer suas interrogações sobre a realidade em que vão se inserir. É fundamental destacar que a pesquisa não pode ser vista apenas para mostrar as metodologias que os futuros professores podem usar na sala de aula, sem abordar uma problemática nova, mas sim, para participar de uma investigação, conseguindo perceber as incertezas, os conhecimentos prontos e acabados postos à educação e os conflitos teóricos no exercício da prática do professor, conseguindo mudar sua própria história no contexto em que vive.

A vivência com a pesquisa torna o processo contínuo gerando novas habilidades e competências, aprendizados. Para Silva et al. (2016, p. 7), “São saberes que geram outras aprendizagens, novos focos na pesquisa e uma transformação na realidade do profissional que busca pesquisar, tornando-o autônomos”. Com isso, a pesquisa gera mudança de comportamento para o professor de Geografia em formação inicial e gera outras aprendizagens, também criando possibilidades para compreender e transformar a realidade que pretende pesquisar, tornando-o autônomo.

Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), um dos grandes desafios dos cursos de formação inicial de professores de Geografia é a falta de articulação entre os conteúdos desse componente curricular e os conteúdos pedagógicos e educacionais. Dessa maneira, a pesquisa tanto pode constituir um instrumento de ensino e um conteúdo de construção de aprendizagem, como também permite o exercício de investigação para novas ferramentas para o ensino de Geografia. Portanto, ainda de acordo com os referidos autores, a pesquisa na área de Geografia permite revelar-se um procedimento que busca desenvolver competências referentes à:

- a) análise crítica das metodologias de ensino produzidas e das que estão em uso;
- b) identificação de metodologias de ensino de caráter tradicional e inovadoras;
- c) identificação e utilização das diferentes linguagens próprias a seu ensino;
- d) capacidade de inferir das diferentes propostas e parâmetros curriculares suas filiações filosóficas e teórico-metodológicas;
- e) capacidade de realizar opções conscientes diante das diferentes metodologias e propostas curriculares de ensino e aprendizagem. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 99-100).

É interessante notar em alguns casos que um dos desafios na formação inicial de professores é a falta de articulação entre os saberes específicos do componente curricular da

Geografia com os saberes pedagógicos e educacionais, ou seja, comprometem-se mais em pesquisar os conteúdos específicos do que os conteúdos atrelados a problematização do ensino. Com isso, acabam esquecendo o verdadeiro sentido que a pesquisa pode constituir na formação inicial de professores de Geografia, e isso pode ser um impacto pedagógico negativo na formação destes.

Dentre as contribuições da pesquisa na área de Geografia na formação inicial de professores, destaca-se como elemento importante a análise crítica das metodologias de ensino. Cabe ressaltar que as metodologias de ensino não podem ser vistas apenas para mostrar como os professores em formação inicial devem trabalhar em sala de aula, sem problematização, mas a partir das metodologias de ensino das que estão em uso.

O professor de Geografia em formação inicial precisa conseguir problematizar a partir das metodologias, das práticas de ensino, da relação de ensino e aprendizagem. Por meio da pesquisa, será possível identificar as metodologias de ensino tradicional e inovadoras; conhecer as diferentes linguagens que podem ser utilizadas em sala de aula; ser capaz de realizar diferentes metodologias e propostas de ensino e aprendizagem. Portanto, durante a formação inicial, o professor de Geografia percebe que é possível realizar, reinventar, explorar e buscar outras ferramentas ou metodologias para a melhoria do ensino-aprendizagem dos alunos e como isso pode mudar a formação destes para com a realidade em que se insere.

A ideia da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia visa a compreender os desafios a enfrentar perante a realidade em que vão se inserir. Também é importante salientar que a solução dos problemas em alguns ambientes escolares nem sempre a resposta está na pesquisa, mas a pesquisa pode mostrar caminhos de melhoria para superar os desafios. Na perspectiva de Almeida (2007, p. 3):

Vive-se um mundo novo, com novos problemas, novos significados, novas exigências, novas soluções, novas práticas e novos pensamentos. Não há como enfrentar tantos desafios sem se mobilizar, sem investigar. A solução não está na pesquisa, mas a pesquisa pode delinear, encaminhar alternativas para tentar superar tantos desafios que se mostram ao professor hoje. A pesquisa na formação docente é uma premissa necessária e urgente ao professor na atualidade.

A ideia de pesquisa na formação inicial de professores de Geografia é necessária e bastante defendida na atualidade, porque pode ajudar o professor a entender as transformações do mundo atual, a realidade em que se insere, bem como o ambiente escolar. É preciso pensar dessa forma, pois se vive um novo mundo, repleto de novidades, de tecnologias, de

inovações, de acontecimentos inéditos na sociedade, também vive um mundo novo, com mais problemas, novos sentidos, novas respostas, outras interrogações, novas ideias inacabadas, enfim, um mundo cheio de desafios. Daí a importância da pesquisa na vida do professor em formação inicial, porque o mundo é cheio de significados reais que precisa ser problematizado e contextualizado.

Dessa maneira, formar o professor com a pesquisa é reconhecê-lo como professor pesquisador, capaz de questionar o contexto atual em que vive, de problematizar a realidade e de dialogar com o mundo todo. Garcia e Alves (2002, p. 102) ressaltam que “[...] não se trata de *formar* o pesquisador, somente, mas de reconhecer no sujeito da prática essa capacidade de interrogar a realidade em que vive, tanto quanto sua própria prática, colocando-a em contato, sempre, com o mundo todo, interrogando-o, no mesmo movimento”. Com isso, cabe esclarecer que a ideia de pesquisa na formação inicial de professores de Geografia não se refere de formar o pesquisador, mas numa perspectiva de professor sujeito ativo e capaz de indagar a realidade em que vive, visando ao professor interrogar a si mesmo, o outro e o mundo todo num movimento recíproco.

Quando se fala em formar o professor de Geografia por meio da pesquisa, logo vem a ideia de que estes vão ser especialistas num campo específico da Geografia, ficando restritos a uma temática. Porém, a ideia não é essa; o importante é que os futuros professores de Geografia consigam problematizar os conteúdos específicos de sua área de formação e compreenda que estes conteúdos, ao serem abordados durante a Licenciatura. São conteúdos pedagógicos e educacionais, que dialogam com o cenário escolar. Sales (2004, p. 16) explicita que:

[...] o estudante pesquisador não precisa (nem deve) estar restrito a uma temática específica da Geografia, tornando-se um especialista. O que é relevante é que ele problematize os conteúdos científicos da sua área de formação – no nosso caso, a Geografia – e que entenda que estes conteúdos, ao serem tratados na Licenciatura, são conteúdos educacionais.

Nesse sentido, a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia deve permitir refletir e posicionar de forma crítica no momento de atuação em sala de aula, despertando nos sujeitos atitude autônoma. A autora Ludke (2005, p. 51) afirma que, “O futuro professor que não tiver acesso á formação e á prática de pesquisa terá, a meu ver, menos recursos para questionar devidamente sua prática e todo o contexto no qual ela se insere, o que o levaria em direção a uma profissionalidade autônoma e responsável”.

É necessário reafirmar a importância da vivência da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia como uma alternativa/possibilidade para questionar o contexto educacional em que se insere. No entanto, quando o professor de Geografia em formação inicial não tem a vivência com a pesquisa, ele terá menos recursos na área de formação de professor/geógrafo para questionar e problematizar o contexto em que vão se inserir e menos respostas para os desafios a enfrentar.

Tendo em vista as contribuições da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia e como esta pode ajudar tanto a área de formação como entender a realidade, é importante salientar que o professor durante a formação inicial precisa também entender que não é fácil pesquisar na escola, é um desafio. Desse modo, é fundamental compreender que existem outros elementos para que a pesquisa seja materializada no ambiente escolar. De acordo com Lacerda (2002, p. 77):

Pesquisar nas escolas não é algo fácil e simples, não é algo que se aprenda em cursos de capacitação. A opção por desenvolver pesquisas nas escolas deve vir acompanhada da opção por um trabalho permanente de construção coletiva, ou seja, de métodos que possam tornar mais produtivo este trabalho. Métodos produzidos pelas próprias professoras que os utilizam, construídos em meio e mediados pelos próprios erros e acertos que acompanham as tentativas de quem não se cansa de buscar.

Sabe-se que não é fácil pesquisar nas escolas e é um desafio para o professor, bem como pesquisar em outros espaços e tempos, porque o ato de pesquisar não se aprende da noite para o dia, tampouco em cursos de formação continuada ou capacitação, mas requer um trabalho contínuo de construção coletiva com outros pares para que a produção seja mais rica. A partir da contribuição dos pares será possível os professores construir seus próprios métodos e compreender suas necessidades no ambiente escolar, além disso, o erro e o acerto vão fazer parte desse processo de construção e os professores sujeitos ativos não se cansa de encontrar as respostas de suas indagações.

A pesquisa enquanto eixo norteador na formação inicial de professores de Geografia possibilitará formar bons professores, preocupados com a educação e o ensino de Geografia, refletindo sobre os procedimentos metodológicos e linguagens a serem utilizadas em sala de aula. Segundo os autores Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 28), “Um curso de formação que tenha como princípio orientador a pesquisa e se preocupe com os métodos, técnicas e linguagens a ser utilizadas no ensino de Geografia terá condições de formar um bom professor dessa disciplina”. Nesse sentido, um curso de formação inicial de professores de Geografia que discute os métodos, as linguagens e outras ferramentas por meio da pesquisa

terá condições de formar um bom professor para a disciplina de Geografia. Um bom professor de Geografia capaz de intervir, questionar, problematizar a realidade no qual está inserido, e buscar meios para o processo de ensino e aprendizagem acontecer de forma construtiva e dinâmica.

Desse modo, a formação inicial de professores de Geografia como espaço de construção de atitudes, visando a provocar o ato de pesquisar pressupõe uma preparação:

[...] inicial e sistemática como elemento da formação e do desenvolvimento profissional dos professores. Essa formação consiste em fomentar atitudes positivas para a pesquisa, pois pesquisar implica plasticidade nas ideias sobre a realidade educativa, além da disposição de participar da busca de formas democráticas de educação. Dessa maneira, a pesquisa se integra à própria concepção de professor profissional (NUÑEZ; RAMALHO, 2005, p. 104).

Nessa perspectiva, a pesquisa como elemento essencial na formação inicial do professor de Geografia deve proporcionar conhecer as necessidades sobre a realidade educativa, uma vez que o ato de pesquisar pressupõe uma preparação inicial e sistemática, e consiste para o professor em atitudes benéficas para a pesquisa, assim como capacidade para construir outras ideias a respeito dessa realidade e participação ativa frente ao processo democrático de educação. Ademais, por meio da pesquisa, o professor se sente parte da concepção de professor profissional.

Vale ressaltar que a vivência da pesquisa nos cursos de formação inicial de professores além de ser um princípio metodológico-político articulador de competências, de caráter intelectual, técnico, com o devido rigor científico, também proporciona um conjunto de habilidades e competências formativas e humanas. Com isso, é possível posicionar os futuros professores enquanto sujeitos autônomos, críticos, protagonistas de seu tempo e espaço, assim como contribuintes na construção de uma sociedade também emancipatória (ROZA, 2005).

Corroborando com o assunto Sales (2004, p. 41) acrescenta: “Investigar a atividade da pesquisa no processo de formação inicial do docente pode potencializar o professor como alguém que tece o conhecimento em uma atitude investigativa, mobilizando no professor o desejo de saber”. Dessa maneira, a atividade de pesquisa pode favorecer o professor em formação inicial o desejo de saber, de buscar, e de explorar o conhecimento como alguém curioso que tenta descobrir sobre algo que incomoda, levando-o a uma atitude investigativa.

Convém salientar que o papel formador da pesquisa na formação inicial está colocado para além da sua função social, ou seja, de produção de conhecimento. É muito mais que isso, especialmente quando se entende a formação inicial numa perspectiva reflexiva e permanente,

que ocorre a construção do pensamento crítico, atingindo um significado pedagógico. Dessa maneira, a pesquisa pode ajudar para operar as mudanças na visão de mundo dos estudantes iniciantes e dos futuros professores, já que é uma atividade que propõe ao sujeito problematizar a realidade, o que pode levá-los a se dedicarem em projetos de uma sociedade mais justa e menos desigual (PESCE, 2012).

Dessa forma, o papel formador da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia também pode ser compreendido e colocado para além da função social de produção de conhecimento. É principalmente despertar o pensamento crítico do futuro professor, levá-lo a entender as mudanças ocorridas no mundo, é problematizar a realidade em que convive, é provocá-lo a se engajarem em projetos de uma sociedade mais justa, com direitos contemplados e menos desigualdade. A pesquisa provoca mudanças de comportamento sobre o pensar e o agir e propõe que o futuro professor de Geografia entre em ação e questione a realidade.

Através da pesquisa, o professor de Geografia em formação inicial pode iniciar a busca por novas possibilidades de olhares, produzida por um pensamento crítico que proporciona o conhecimento específico sobre as mais inúmeras áreas do conhecimento, assim como sobre as mais diferentes maneiras de enxergar o ser humano e a si próprio. Andrade e Duarte (2014, p. 1) dizem que:

[...] por meio da pesquisa o sujeito pode iniciar a busca por novas possibilidades de olhares, produzida por um raciocínio crítico que viabiliza o conhecimento específico sobre as mais diversas áreas de conhecimento, bem como sobre as mais diferentes formas de ver o ser humano e a si próprio. Nesse sentido, a universidade não existe apenas para estreitar o foco do olhar, mas também para aumentar as experiências de quem vive esse universo. A partir do alargamento dessas experiências, nasce nos discentes inseridos nesse ambiente o desejo em buscarem respostas para preencher aquilo que lhes falta. Nessa perspectiva, o desejo é o responsável pelo início e condução de uma pesquisa, pois a paixão pelo objeto de estudo, é que o leva a seguir em frente.

Ainda mais, a universidade exerce papel importante na formação inicial de professores de Geografia, pois não existe apenas para estreitar o foco do olhar, mas também para ampliar as experiências de quem vive esse meio. É a partir do aumento dessas vivências que nascem novos sujeitos nesse ambiente, preocupados com a realidade e o desejo de buscar respostas de suas indagações para completar aquilo que não está claro. Nesse pressuposto, através desse desejo de buscar respostas sobre as inquietações é que começa a condução de uma pesquisa, em que a paixão pelo objeto e estudo é que leva o futuro professor de Geografia a seguir em frente com todas as forças, dedicação e vontade de mudar a si mesmo e a realidade.

A pesquisa implica mudanças significativas no campo da educação e na formação inicial do professor de Geografia, pois possibilita que o sujeito consiga retroalimentar seu trabalho e buscar outras ferramentas para modificar e enriquecer sua prática. Sales (2004, p. 71) enfatiza: “No campo da Educação, pesquisar supõe buscar estratégias de mudança e transformação da realidade concreta em que atua o professor”. Nesse sentido, pesquisar presume buscar mecanismos de mudança no ambiente escolar em que atua o professor. Por fim, a pesquisa muda, transforma e traz respostas para aqueles que se sente inconformado com o meio em que convive.

Assim, fica claro que a pesquisa deve orientar a formação inicial de professores de Geografia e, sobretudo, orientar e informar a prática em sala de aula do professor. Logo que isso acontece, o professor assume autonomia profissional e consegue fazer uma relação entre investigação e prática. Ventorim (2005, p. 96) diz que:

Não há dúvida de que a pesquisa deve orientar e informar a prática do professor e a atenção para a direção assumida pela relação entre investigação e prática (perspectiva instrumental ou construção da autonomia profissional) não deve ser pouca. Não menos importante para considerar uma compreensão da pesquisa a ser desenvolvida na formação e no trabalho docente é admitir que ela é a estratégia em potencial para, ao mesmo tempo, inserir o professor no processo de produção de conhecimento educacional e de avaliação do seu trabalho.

Outrossim, a pesquisa a ser desenvolvida tanto na formação inicial do professor de Geografia como fazer parte do cotidiano desse professor é reconhecer que ela é a estratégia em potencial para, simultaneamente, colocar o professor no centro de produção de conhecimento do processo educativo e de torná-lo também um avaliador de sua prática, sinalizando que é possível mudar o que não está dando certo perante o contexto em que está inserido. A mudança faz parte desse processo.

É interessante destacar que não é apenas aprender sobre os conhecimentos específicos e científicos de uma área, como exemplo a Geografia, mas a construção do conhecimento de si e do outro. A pesquisa pensada na formação inicial do professor de Geografia, que é o foco do presente trabalho, é considerada também como propositura de uma expressão própria, que identifica a consciência de si mesmo e de sua forma de agir sobre o mundo (ANDRADE; DUARTE, 2014).

Dessa forma, o potencial da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia está na ressignificação do papel e da identidade do professor. Nessa perspectiva, ocorre também a superação da visão fragmentada dessas práticas, pois o professor de Geografia

passa a ser visto como produtor do conhecimento sobre seu trabalho, assim como se torna o responsável pela realização da pesquisa e constrói esta como fio condutor para a sua prática pedagógica. De acordo com Ventorim (2005), o potencial da pesquisa tanto na formação inicial como na prática do professor está,

[...] na resignificação do papel e da identidade do professor e na superação da visão fragmentada dessas práticas, na medida em que o professor passa a ser visto como produtor de conhecimento sobre a sua prática, ou seja, o professor responsável pelo desenvolvimento de pesquisa faz a pesquisa para a sua prática pedagógica. Essa atividade investigativa significa uma disposição para avaliar crítica e sistematicamente a própria atividade docente, haja vista o entendimento de que ela está em processo permanente de construção e transformação. Tanto na indagação como na ação, a atividade docente se reconstrói (VENTORIM, 2005, p. 94).

Nessa perspectiva, a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia gera uma disposição para estes possam avaliar de maneira crítica a área de formação em que vão atuar, uma vez que a atividade docente não pode ser vista como o fim de uma problematização da realidade, mas o início para os questionamentos, pois ela está em processo permanente de construção e mudanças. Seja na indagação como na ação, a atividade docente se reconstrói a cada minuto e essa reconstrução se dar por meio da pesquisa.

Neste patamar, no âmbito da universidade, onde há comunhão de esforços por meio da inserção da pesquisa, dá-se o genuíno contato pedagógico, pois, neste ambiente marcado por interação, algumas dimensões educativas da pesquisa no ensino se fazem presentes como processo de formação da competência humana. No entanto, seja por (re)construir o conhecimento mediante o questionamento reconstrutivo; como atitude cotidiana evidenciada na habilidade de (re)construir o conhecimento próprio, bem como para inovar e intervir como componente crucial do processo de formação e recuperação permanente da competência, como compromisso com a ética da inovação, unindo teoria e prática, conhecimento e política (ROZA, 2005).

A pesquisa, antes de tudo, também tem o caráter de humanizar o professor de Geografia em formação inicial, a humanização é uma necessidade do sujeito para com o outro e o mundo, diante disso, a pesquisa é farol e eixo principal para a formação humana. Sendo assim, “[...] para formar humanos torna-se necessário, antes de mais nada, se humanizar. Assim, os professores universitários, ao conduzirem suas aulas na graduação devem articular saberes que instiguem a condição humana do professor em formação” (ANDRADE; DUARTE, 2014, p. 4).

Em primeiro lugar, humanizar é necessário e cabe como ponto principal na formação inicial de professores de Geografia, pessoas humanas que tornam a realidade ainda melhor. Ademais, formar o professor de Geografia por meio da pesquisa é também atribuir condição humana, de entender a si próprio e o outro ser humano, de respeitar as diferenças, de manter sempre a tranquilidade perante a realidade e de tratar as pessoas bem sem ofensas, porque o mundo está cheio de pessoas sem essência humana. E essa formação humana pode/deve começar nos cursos de formação de professores.

Nesse sentido, o exercício do professor em sala de aula, repleto de intencionalidade, visa à formação humana através de conteúdos e habilidades, pensamento e ação; logo, requer escolhas, valores, compromissos éticos. Além disso, significa dizer que o compromisso do professor, além de ensinar, é também formar o sujeito para o mundo, para a condição humana (SILVA; SPINELLI, 2007).

A pesquisa é um ato, sobretudo, humano, pois é “[...] fundamental para sua evolução tanto no ângulo da filogênese quanto da ontogênese. Faz parte, portanto, do processo de compreender, atribuir significados, se apropriar da realidade circundante e descobrir formas de lidar com os desafios que lhe cercam” (SOARES, 2012, p. 4). Dessa maneira, a pesquisa também como condição humana é importante na formação inicial de professores de Geografia, porque compreende a sua evolução humana ao longo do tempo e os múltiplos processos de crescimento pessoal do sujeito na sociedade e, posteriormente começar se apropriar da realidade em que insere e buscar melhoria diante dos desafios a encontrar no cotidiano.

Segundo Severino (2008), pode-se destacar duas razões para o professor em formação inicial estar envolvido com a pesquisa. No primeiro momento propõe acompanhar o acontecimento histórico do conhecimento, pois o conhecimento se reconstrói constantemente. No segundo momento, o conhecimento só se realiza como construção de objetos.

Nesse pressuposto, a pesquisa enquanto uma proposta metodológica para a formação inicial de professores e, especificamente, de Geografia, exercida como compromisso de construção das competências profissionais, precisa ser estimulada na formação, sobretudo “[...] visando o exercício docente pautado na mediação de investigações criativas tendo a afetividade e sensibilidade como propulsores da promoção, da mobilização, da motivação para a construção do conhecimento dos alunos” (SILVA; SPINELLI, 2007, p. 170).

No entanto, as contribuições da pesquisa enquanto princípio educativo e eixo norteador na formação inicial de professores de Geografia são essenciais, pois visam a compreender outros elementos dentro da área de formação, possibilitando buscar outras

maneiras de mobilizar o ensino/aprendizagem dos alunos, garantindo que o ensino seja um ato de brincar e de construir o conhecimento de maneira emancipatória do sujeito no diálogo com a realidade e na formação da cidadania. Finalmente, é importante destacar que a pesquisa não é a solução para todos os problemas no âmbito educacional, mas é o ponto de partida para muitos professores de Geografia começar a trilhar e obter as respostas de suas incertezas e necessidades.

5 O PAPEL DA PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA: Diálogo com os discentes

Neste capítulo apresento os resultados de caráter exploratório-descritivo desta pesquisa, trazendo o lugar do ensino e da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia da UFPE, assim como os caminhos que foram percorridos para obtenção e análise dos dados, além disso o que revelam os dados da pesquisa sobre os impactos pedagógicos que foram construídos a partir da vivência da pesquisa na formação inicial do professor de Geografia.

5.1 O lugar da pesquisa na formação inicial do professor de Geografia da UFPE

Ao compreender a pesquisa enquanto base educativa na formação inicial de professores de Geografia, em que estes consigam, por meio da pesquisa, enriquecer a área de formação e instrumentalizar os diversos saberes específicos e pedagógicos, visando a uma melhoria no ensino em consonância com a realidade educacional atual e problematizando as mudanças geográficas na sociedade, Pesce (2012, p. 32) afirma que a formação inicial do professor pesquisador “[...] pode ser vista como uma forma de ajudar a melhorar o ensino, possibilitando que o docente exerça, com os alunos, um trabalho que vise à formulação de novos conhecimentos, ou o questionamento tanto sobre a validade quanto sobre a pertinência dos já existentes”. Já para Rausch (2008, p. 11498), “A pesquisa na formação inicial de professores pode contribuir para que eles possam formar imagens e conceitos sobre sua profissão, além de aprenderem a problematizar e investigar sua própria prática”.

Diante disso, a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia tanto contribui para a melhoria do ensino-aprendizagem desses professores, como para desenvolver um olhar e leitura crítica da área de formação, no caso a Licenciatura e todo o contexto educacional. Além disso, de aprender a problematizar, questionar e investigar sua própria realidade.

Dessa forma, ao buscar entender o lugar que a pesquisa ocupa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é possível enxergar uma formação inicial que aproxima professores de Geografia da vivência da pesquisa, independente da forma com que é abordada. Quando a universidade contempla a pesquisa na formação inicial de professores, deve contribuir para a emancipação e professores sujeitos autônomos de sua profissão. Diante disso, André (2006, p. 221) destaca:

A pesquisa pode tornar o sujeito-professor capaz de refletir sobre sua prática profissional e de buscar formas (conhecimentos, habilidades, atitudes, relações) que o ajudem a aperfeiçoar cada vez mais seu trabalho docente, de modo que possa participar efetivamente do processo de emancipação das pessoas. Ao utilizar ferramentas que lhe possibilitem uma leitura crítica da prática docente e a identificação de caminhos para superação de suas dificuldades, o professor se sentirá menos dependente do poder sócio-político e econômico e mais livre para tomar decisões próprias.

A pesquisa pode tornar o sujeito professor de Geografia em formação inicial, sendo capaz de refletir o meio em que está inserido (o ambiente educacional) e de buscar maneiras que o ajudem a enriquecer seu trabalho docente, visando ao processo de emancipação das pessoas. Desse modo, a formação inicial de professores de Geografia, ao possibilitar a vivência da pesquisa e problematizar as diversas ferramentas que lhe proporcionem uma leitura crítica da realidade e o entendimento dos desafios a enfrentar, permitirá que futuro professor se sinta menos dependente das ações do poder sócio-político e econômico e mais protagonista na tomada de decisões.

Nesse sentido, o lugar da pesquisa na formação inicial do professor de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) se constrói através da perspectiva curricular adotada pela universidade, seja presente no Projeto Pedagógico do Curso, nas Diretrizes do Curso de Geografia, nos Pareceres, nas Resoluções, nas ementas das disciplinas, dentre outros documentos observados no tocante a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial. Através destas relações cotidianas é que ocorrem a construção do conhecimento, possibilitando os professores de Geografia em formação inicial vivenciar a pesquisa articulada com área de formação.

Dessa forma, nas Licenciaturas, quando têm como princípio o ensino articulado à pesquisa, os professores em processo de formação inicial começam a desenvolver atitudes de questionar, investigar, além de analisar o contexto escolar e também social, bem como os procedimentos pedagógicos que realizam, apresentando sugestões e soluções de melhoria a prática docente. Segundo Rausch (2008, p. 11498), “A pesquisa passa a ser constitutiva do trabalho do professor e sua prática contribui para uma formação mais crítica e questionadora, tanto frente ao conhecimento que aplica, como em relação à produção de novos conhecimentos”.

O lugar que a pesquisa ocupa na formação inicial do professor de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) apresenta mudanças significativas, em que o ensino articulado à pesquisa tanto está presente nos documentos oficiais da instituição para a formação deste professor, como em algumas vivências cotidianas. São ações como estas em

torno desta relação que envolve o futuro professor de Geografia a problematizar e compreender a pesquisa como princípio educativo, sendo capaz de produzir o conhecimento adequado à compreensão do contexto social de sua realização.

Antes de aprofundar sobre essas questões, é importante apresentar um pouco a proposta que a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) propõe a formação inicial e como deve ser o perfil do aluno egresso de graduação, e também como trata da relação entre ensino e pesquisa durante a formação inicial.

Dessa maneira, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) enquanto instituição pública tem proposta de atender às funções e às necessidades da sociedade global, sobretudo tomando como missão promover a formação de profissionais e a construção de conhecimentos, competências científicas e técnicas da realidade em que o sujeito se insere a nível mundial, de acordo com sólidos princípios éticos na relação da sociedade com o meio ambiente e cultural (UFPE, 2019).

Além disso, a UFPE propõe que o perfil do aluno egresso em quaisquer áreas de formação profissional deverá se pautar em uma postura ética e comprometida com os problemas sociais e ambientais de todas as populações, principalmente aquelas em situação de desvantagem socioeconômica, amparadas em princípios éticos de solidariedade, cooperação, respeito à diferença e justiça social. Trata-se de formar o profissional, visando à produção do conhecimento, e a capacidade de atuar de maneira crítica, propositiva e criativa na área de formação, reconhecendo-se como um ser inacabado, capaz de aprimorar e buscar outros conhecimentos e soluções para as questões sociais demandadas pela atualidade (UFPE, 2019).

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como instituição pública de ensino, pesquisa e extensão, apresenta como compromisso a formação de profissionais preparados para enfrentar os desafios do exercício profissional, assim como atentos às necessidades sociais da população que mais precisa de atenção. Visa à formação de pesquisadores comprometidos com o princípio da dignidade humana, e capaz de compreender a realidade profissional, da pesquisa e da extensão que formam o tripé de sustentação da Universidade (UFPE, 2019).

A referida instituição entende o ensino como processo de mediação da relação entre o sujeito e o conhecimento, ou seja, aquele que aprende (sujeito) o que vai ser aprendido (conhecimento). A partir dessa interação de saberes, é possível construir espaços formativos de aprendizagens, mas para isso acontecer é importante planejamento e organização do professor formador, visando à construção dos sujeitos como ativos e protagonistas do seu próprio conhecimento. Além disso, o professor formador mediador desse processo deve

provocar o estudante, por meio da problematização, a buscar respostas para indagações que emergem da realidade. O conhecimento não é concebido como objeto de transmissão e as respostas deverão ser construídas a partir nos conteúdos acadêmicos em articulação com o cotidiano dos sujeitos (UFPE, 2019).

Nesse sentido, o movimento de articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é concebido da seguinte maneira: em relação ao ensino, é entendido como atividade educativa que permeia a formação inicial e proporciona ao estudante de graduação a relação com os saberes historicamente construídos, pressupondo que o discente é sujeito ativo e capaz de construir seu próprio conhecimento, contribuindo para a constituição da autonomia discente.

Nesse pressuposto, cria-se um espaço de construção de saberes entre o professor formador e o estudante e distancia-se da ideia de transmissão de conhecimentos entendido como algo pronto e acabado, e inquestionável. Por fim, é importante mencionar que a Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos (PROACAD) é a instância responsável pelos assuntos referentes ao ensino de graduação da Universidade Federal de Pernambuco, e visa a garantir a qualidade dos cursos de graduação ofertados pela instituição e reafirmar seu compromisso social, articulando o ensino com as áreas de pesquisa e de extensão (UFPE, 2019).

No que concerne à pesquisa, institui sua efetivação a partir da relação entre teoria e prática, em que esta deve fazer parte da ação docente e discente durante a formação inicial, visando a compor os processos de ensino e aprendizagem. Isso é significativo, porque possibilita que na graduação o futuro profissional problematize e relacione com a área de formação em que vão atuar num movimento sem fim, de trocas entre teoria/prática (UFPE, 2019).

A extensão, por sua vez, institui uma forma de interação e socialização de conhecimentos entre a universidade e a comunidade em que se insere, possibilitando a construção e disseminação de saberes que complementa a pesquisa e o ensino, a indissociabilidade colocada como princípio da universidade. Nesse sentido, trata-se de um processo de troca e de diálogo da universidade com a comunidade com o objetivo de aprender os valores e as culturas da sociedade que emergem as dificuldades sobre as quais as pesquisas se debruçam, com o intuito de encontrar as respostas aos problemas levantados na e pela sociedade. Desse modo, entende-se a pesquisa como prática teórica que aproxima pensamento e ação, e também investiga o mundo e a experiência. Da mesma forma, a pesquisa e a extensão (re)alimentam a atividade de ensino, colocando-a em atualidade frente à realidade cotidiana do mundo (UFPE, 2019).

No caso específico dos cursos de Licenciatura, estes são estruturados com base no Projeto Pedagógico e com um currículo próprio, definido com base nas Diretrizes Nacionais para cada curso, e tem por objetivo a formação do professor para atuação na Educação Básica. Tem como princípios indissociabilidade entre teoria e prática e aproximação entre a área de formação e campo de atuação do professor (UFPE, 2019).

Para estreitar as relações entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e orientado pelo Projeto Pedagógico de Curso (PPC), o qual deve atender os princípios traçados no Projeto Pedagógico Institucional e às Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores. Assim, o curso de Licenciatura em Geografia apresenta como proposta no componente curricular as disciplinas que visam à articulação entre ensino e pesquisa na formação inicial do professor, também a participação de alguns professores em formação inicial em grupos de pesquisa em áreas específicas da Geografia, bem como participação em projetos de pesquisa.

Esse entendimento é importante, porque a partir dessas vivências, ou seja, o histórico de pesquisa que o professor de Geografia em formação inicial adquiriu/adquiriu no decorrer da formação, independente da forma com que a pesquisa foi abordada, que vai ser possível identificar quais os impactos pedagógicos foram construídos nos diversos componentes curriculares no tocante à pesquisa e como a prática do docente da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia impactou nessa vivência, entre outros elementos.

5.2 Relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na formação inicial do professor

Como uma possibilidade de articulação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a partir das vivências com a pesquisa em Educação e Educação Geográfica, com o objetivo de suscitar o debate sobre o objeto, a disciplina potencializada obrigatória do componente curricular Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, ofertada no 7º período, averiguamos uma de suas unidades didáticas, a relação entre ensino e pesquisa, uma vez que vem problematizando e oferecendo contribuições para o professor de Geografia em formação inicial um bom desempenho da prática de ensino da Geografia em sala de aula. Por apresentar a pesquisa como princípio educativo e de dinamicidade para formação é que tal componente curricular foi tomada como objeto de estudo da pesquisa ora apresentada.

Convém salientar também outras disciplinas que vêm problematizando a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial do professor de Geografia. Dessa forma, trazendo a discussão para o recorte da realidade, e as diversas maneiras de aproximar a articulação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores, o curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) traz como proposta no componente curricular as disciplinas: Estágio Curricular Supervisionado de Geografia 1 (5º período); Estágio Curricular Supervisionado de Geografia 2 (6º período); Estágio Curricular Supervisionado de Geografia 3 (7º período); Estágio Curricular Supervisionado de Geografia 4 (8º período); Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (7º período); Metodologia do Ensino da Geografia 2 (8º período), e Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (8º período).

A partir dessas disciplinas ofertadas na grade curricular e cursadas pelos professores de Geografia em formação inicial, é possível acontecer a articulação entre ensino e pesquisa, bem como promover o ato de pesquisar, independente da forma com que foi abordada nessa formação. No caso do presente estudo, a disciplina escolhida é a Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, que também apresenta concretização efetiva da relação entre ensino e pesquisa na formação inicial do professor de Geografia.

É fundamental destacar que o curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é privilegiado com a oferta da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, isso é importante porque algumas Universidades do referido curso não apresentam disciplinas no tocante à Pesquisa com foco no ensino de Geografia durante a formação inicial dos futuros professores, no entanto, é preciso considerar os aspectos que a circunscreve, a exemplo do papel da universidade, dos modelos para realização de pesquisa na universidade, dentre outras questões.

A disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia é uma possibilidade da relação entre ensino e pesquisa. Com isso, no primeiro momento, propõe-se identificar os impactos pedagógicos da prática do professor formador da referida disciplina na formação inicial dos professores de Geografia e como esta contribuiu para uma prática bem-sucedida, visando a novos elementos de ver a pesquisa. Isso é primordial, porque os professores de Geografia em formação inicial têm um histórico de pesquisa em outros componentes curriculares. Então, é a partir da vivência de pesquisa que vai ser possível entender a postura de mudança dos professores de Geografia em formação inicial os impactos construídos no tocante à pesquisa enquanto princípio educativo na mencionada disciplina.

Compreendendo a importância do ensino articulado à pesquisa durante a formação inicial do professor de Geografia, seja por contribuir para o ensino de Geografia como para a

emancipação do sujeito no diálogo com a realidade e na formação da cidadania. Carmo (2013, p. 42) ressalta que o ensino no curso de formação inicial do professor está articulado à pesquisa, possibilitando que os discentes sejam capazes de não apenas aprender os conhecimentos produzidos por outros, “[...] mas possam se reconhecer enquanto sujeitos produtores de conhecimento e, partindo das inquietações que emergem no seu exercício profissional, possam realizar pesquisas que sinalizem possibilidades para pensar a realidade educacional na qual está inserido”.

A disciplina Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia ofertada no 7º período do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na formação inicial do professor de Geografia propõe a articulação entre o ensino e a pesquisa. A referida disciplina apresenta uma proposta pedagógica com foco na pesquisa aplicada ao ensino da Geografia em sala de aula, tendo como objetivo compreender a pesquisa como princípio educativo e eixo norteador de uma prática de ensino comprometida com os conceitos e prática de pesquisa.

Nessa perspectiva, são iniciativas como estas no curso de formação inicial de professores de Geografia preocupados com a articulação entre o ensino e a pesquisa que vem tornando a formação inicial diferenciada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) mesmo com alguns desafios presentes, em que este componente curricular passa a assumir e propor aproximação entre o ensino e pesquisa, entre os espaços de formação acadêmica e a realidade em que vão se inserir com foco no ensino de Geografia.

Neste sentido, “A pesquisa constitui um instrumento de ensino e um conteúdo de aprendizagem na formação docente. Possibilita que o professor em formação aprenda a conhecer a realidade para além das aparências, compreenda a processualidade e a provisoriabilidade das certezas” (SALES, 2004, p. 40) e, assim, garantir os professores de Geografia em formação inicial competências e capacidades para buscar outras metodologias, ferramentas para aperfeiçoar sua profissão.

5.3 Entretecendo diálogos entre ensino e pesquisa com os sujeitos participantes: Vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia do curso de Licenciatura em Geografia da UFPE

Com o objetivo de conhecer melhor os sujeitos participantes da pesquisa, inicialmente é preciso detalhar o perfil dos sujeitos que cursaram a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia durante o ano de 2019 do curso de Licenciatura em Geografia da

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tal perfil está estruturado de acordo com as informações coletadas dos questionários respondidos pelos sujeitos. É importante destacar que, devido à suspensão das atividades acadêmicas presenciais em razão da pandemia mundial causada pelo novo coronavírus, o questionário foi realizado *online* e criado com a utilização da ferramenta Google Forms. As questões de que trata sobre o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa abordam aspectos de caráter pessoal e acadêmico.

Conforme Heidemann et al. (2010), avaliações de aprendizagem e levantamentos de opiniões podem ser facilmente realizados no Google Forms. Além disso, é possível tornar obrigatórios todos os tipos de pergunta, de maneira que o questionário só poderá ser enviado se todas as perguntas estiverem respondidas. O formulário criado também pode ser disponibilizado por meio de um endereço eletrônico (URL) e, quando concluídos pelos sujeitos, as respostas obtidas aparecem em seguida na página do Google Forms do usuário que o criou.

Heidemann et al. (2010) ainda mencionam algumas vantagens atribuídas no uso do Google Forms, como a visualização dos dados coletados. As respostas obtidas aparecem organizadas em uma tabela, na qual cada coluna combina às resoluções de uma questão e cada linha corresponde a um respondente, assim como a plataforma apresenta ferramentas estatísticas que proporcionam a análise dos dados obtidos. Outra maneira de visualização é por meio da opção resumo das respostas, que apresenta uma visualização geral das respostas obtidas. Com isso, foi possível criar o questionário via remoto e obter as contribuições dos sujeitos participantes da pesquisa.

A presente pesquisa realizada inclui a participação de 10 (dez) egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia em formação inicial da Universidade Federal de Pernambuco, do curso de Licenciatura em Geografia, em grupo formado por 5 (cinco) sujeitos do sexo feminino e 5 (cinco) sujeitos do sexo masculino. O contato com os sujeitos da pesquisa e o convite de participação da pesquisa se deu por meio via envio de e-mails, ligações de celular e mensagem por *whatsapp*. Além disso, a Carta Convite e de Apresentação da Pesquisa foi enviada aos e-mails dos sujeitos que aceitaram colaborar com a investigação e, posteriormente, o questionário aberto e fechado criado com a utilização da ferramenta Google Forms.

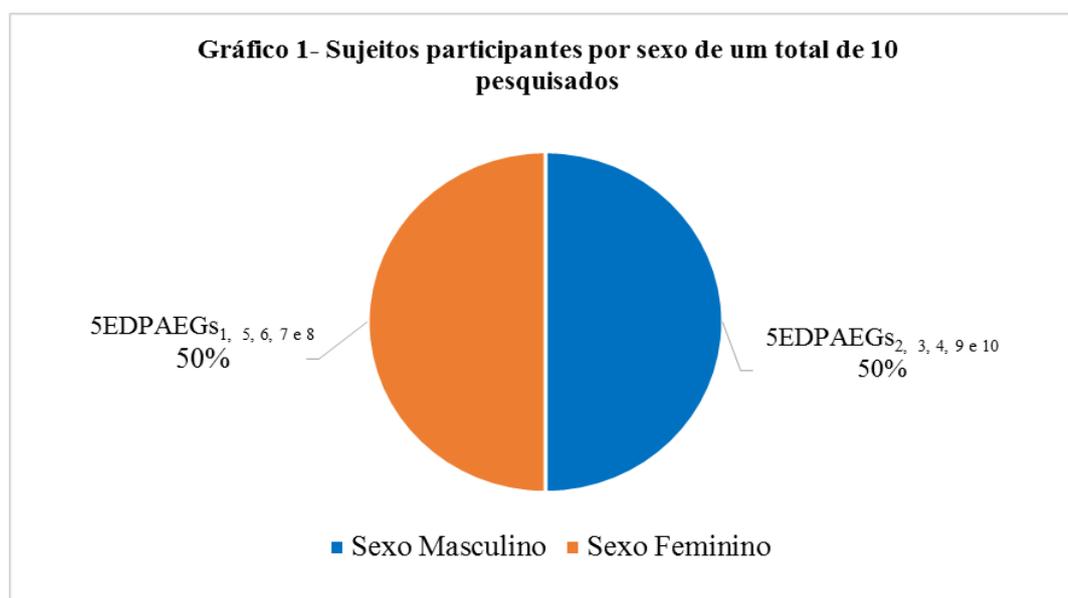
Assim, para ilustrar essas informações e organizar os dados, os resultados alcançados são apresentados em dois momentos. No primeiro momento, há o perfil dos egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia. No segundo momento, há os impactos pedagógicos construídos a partir da vivência da pesquisa na formação inicial do

professor de Geografia: o que revelam os dados da pesquisa, por meio das respostas obtidas mediante questionário aberto e fechado criado com a utilização da ferramenta Google Forms e enviado para os sujeitos que cursaram a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia durante o ano de 2019 da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Tendo em vista que o material gerado neste estudo será tratado com respeito e postura ética, e também pretendendo preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa que cursaram a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia e o anonimato diante das informações concedidas, os mesmos receberam a sigla de identificação EDPAEGs, que significa Egressos da Disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, além da enumeração de 1 a 10. A seguir, saber o que dizem os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs) sobre a vivência da pesquisa na Disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia. Passo, então, a descrevê-los.

5.3.1 Perfil dos egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia

Na primeira pergunta realizada no questionário, buscou-se saber o gênero dos sujeitos que estavam participando da pesquisa, dessa forma foi feita a seguinte questão: Qual é o seu sexo? Obteve-se 10 (dez) respostas, das quais se produziu o gráfico 1:



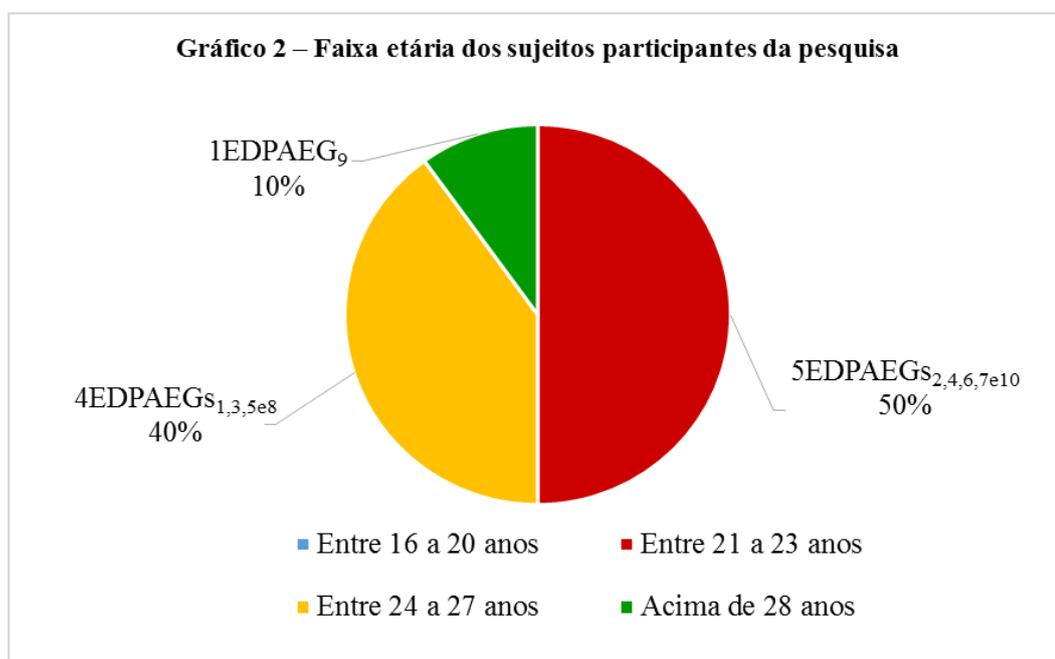
Fonte: A autora (2020).

Pela análise dos dados e para melhor compreensão deste gráfico, é essencial sua decodificação: a cor laranja retrata o sexo feminino e a cor azul, o sexo masculino; o número 5 (cinco) retrata o quantitativo de sujeitos do sexo feminino e masculino. A sigla EDPAEGs é

relacionada a egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia. Logo após, há a numeração definida para cada sujeito que se dispôs a colaborar com a pesquisa e seu correspondente sexo, sendo os números 1, 5, 6, 7 e 8 do sexo feminino e os números: 2, 3, 4, 9 e 10 do sexo masculino. Por fim, surgem as porcentagens de 50% de sujeitos do sexo feminino e de 50% de sujeitos do sexo masculino, totalizando 100% dos sujeitos investigados.

No intuito de saber qual a idade dos sujeitos investigados, foi realizada a seguinte pergunta: Quantos anos você tem?. A questão apresentou as seguintes respostas: Entre 16 a 20 anos, entre 21 a 23 anos, entre 24 a 27 anos, acima de 28 anos.

Obteve-se 10 (dez) respostas e confeccionou-se o gráfico 2 que ilustra a composição etária dos sujeitos ora investigados. No intuito de que os leitores compreendam o mesmo de forma mais clara, faz-se fundamental salientar que os números 1, 4 e 5 que antecedem a sigla EDPAEG retratam o quantitativo de sujeitos com determinada idade, enquanto após a referida surge a enumeração que identifica os sujeitos da pesquisa, conforme apresentado acima. Por fim, as cores do gráfico caracterizam cada faixa etária, como mostra o gráfico 2.



Fonte: A autora (2020).

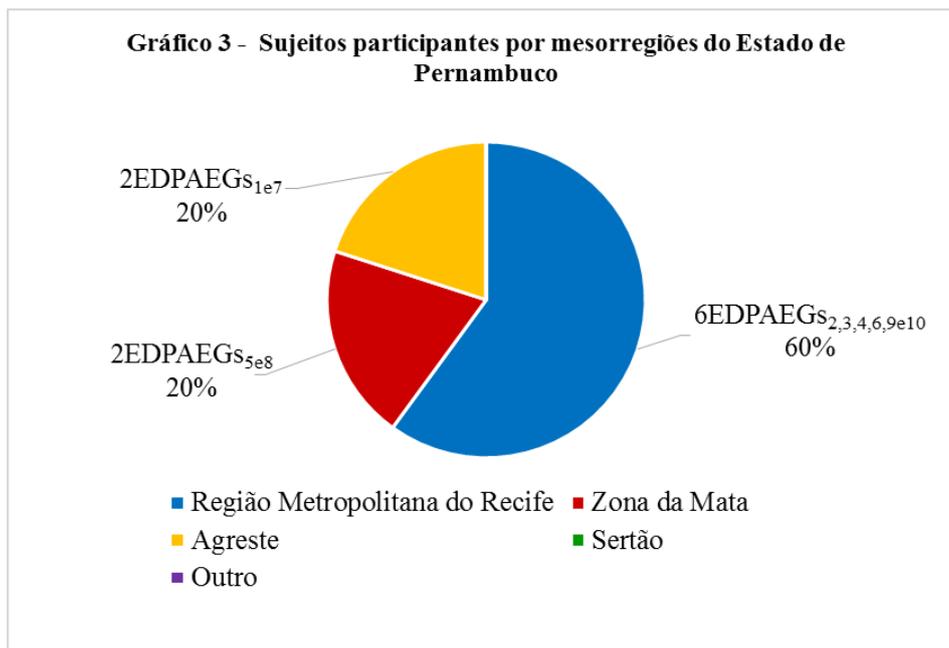
Com base neste gráfico, dos 10 (dez) sujeitos participantes desta pesquisa, a maior concentração encontra-se na faixa etária entre 21 a 23 anos, seguido da faixa etária entre 24 a 27 anos, e apenas 1 (um) sujeito está na faixa etária acima dos 28 anos de idade. A primeira composição é formada pela cor amarela e possui 4 (quatro) sujeitos entre 24 a 27 anos de idade, suas siglas e enumerações para identificação são: EDPAEGs_{1,3,5e8} além disso

representam juntos 40% do nosso universo. A segunda composição é formada pela cor vermelha e contém 5 (cinco) sujeitos entre 21 a 23 anos de idade - este é o maior grupo, suas siglas de identificações e enumerações são: EDPAEG_{S2,4,6,7e10} juntos representam 50% dos sujeitos desta pesquisa; por fim, a terceira composição etária é representada pela cor verde e possui 1 (um) sujeito acima de 28 anos de idade, sua sigla e enumeração de identificação é: EDPAEG₉ formando 10% que somada as demais porcentagens totaliza-se 100% de 10 sujeitos colaboradores desta pesquisa.

Ao analisarem-se os dados da faixa etária dos sujeitos que participaram da pesquisa, percebeu-se que não houve a ocorrência de sujeitos com a faixa etária de 16 a 20 anos. Além disso, a maioria dos sujeitos fazem parte de um mesmo grupo por apresentarem as mesmas idades, com apenas 1 (um) sujeito acima de 28 anos de idade.

Sendo assim, pode-se perceber que os sujeitos que cursaram a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia durante o ano de 2019 e que já estão na reta final do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) configuram futuros professores de Geografia jovens que vão atuar na Educação Básica. Isso é bastante importante, pois mostra que alguns sujeitos na tomada de decisão de sua futura profissão escolhem desde cedo cursar alguma Licenciatura. Porém, é bom esclarecer que nem todos que escolhem a Licenciatura querem seguir realmente a carreira de professor.

Pretendendo saber em que mesorregiões do estado de Pernambuco os 10 (dez) sujeitos pesquisados moram, foi realizada a seguinte pergunta: Você mora em que mesorregiões do estado de Pernambuco? A questão apresentava as respostas: () Região Metropolitana do Recife, () Zona da Mata, () Agreste, () Sertão e () Outro. Obteve-se 10 (dez) respostas e confeccionou-se o (gráfico 3) ilustrativo que apresenta as mesorregiões que atualmente os sujeitos ora pesquisados moram e, para melhor entendimento do mesmo e também para proporcionar uma visualização com clareza aos leitores, faz-se fundamental explicar que os números 2, 2 e 6 que antecedem a sigla EDPAEG representa o quantitativo de sujeitos por mesorregiões do estado de Pernambuco, enquanto que após a mesma sigla há a enumeração que identifica os sujeitos da pesquisa. Além disso, as cores do gráfico correspondem a cada mesorregião do estado de Pernambuco. Segue o gráfico 3 elaborado para melhor visualização:

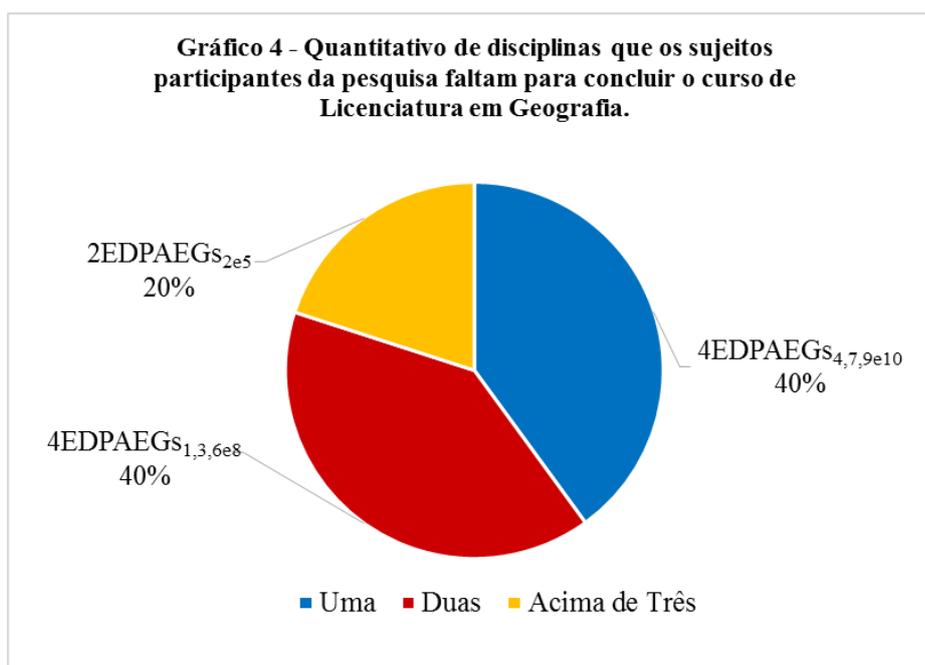


Fonte: A autora (2020).

Neste gráfico, a primeira composição é formada pela cor vermelha, que possui 2 (dois) sujeitos da mesorregião da Zona da Mata. Suas siglas e enumerações para identificação são EDPAEGs_{5e8} e representam juntos 20% do total. A segunda composição é formada pela cor amarela e possui também 2 (dois) sujeitos, sendo estes da mesorregião do Agreste. Suas siglas e enumerações para identificação são EDPAEGs_{1e7} e representam 20% do total pesquisado. A última composição é formada pela cor azul escura e contém 6 (seis) sujeitos da mesorregião da Região Metropolitana do Recife, o maior grupo. Suas siglas de identificações e enumerações são EDPAEGs_{2,3,4,6,9e10} e juntos representam 60% dos sujeitos deste estudo que, somados às demais porcentagens, chega-se ao total de 100% de 10 sujeitos que contribuíram com esta pesquisa.

Embora tal pesquisa represente uma pequena parcela de Egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs) do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que cursaram a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia durante o ano de 2019, é possível perceber um dado importante, na medida em que assinalam algumas mesorregiões do interior de Pernambuco, em que o mencionado curso de graduação atrai estudantes para cursar a Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Além disso, outro destaque importante é que estes egressos e futuros professores de Geografia poderão atuar na Educação Básica no seu próprio município de origem e/ou outras cidades.

Com isso, pretendendo saber quantas disciplinas faltam para integralização do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), uma vez que os sujeitos colaboradores desta pesquisa já estão na reta final do curso, fez-se a seguinte pergunta: Quantas disciplinas faltam para você concluir o curso de Licenciatura em Geografia? Obteve-se 10 (dez) respostas e, para ilustrar essas informações, produziu-se o gráfico 4:



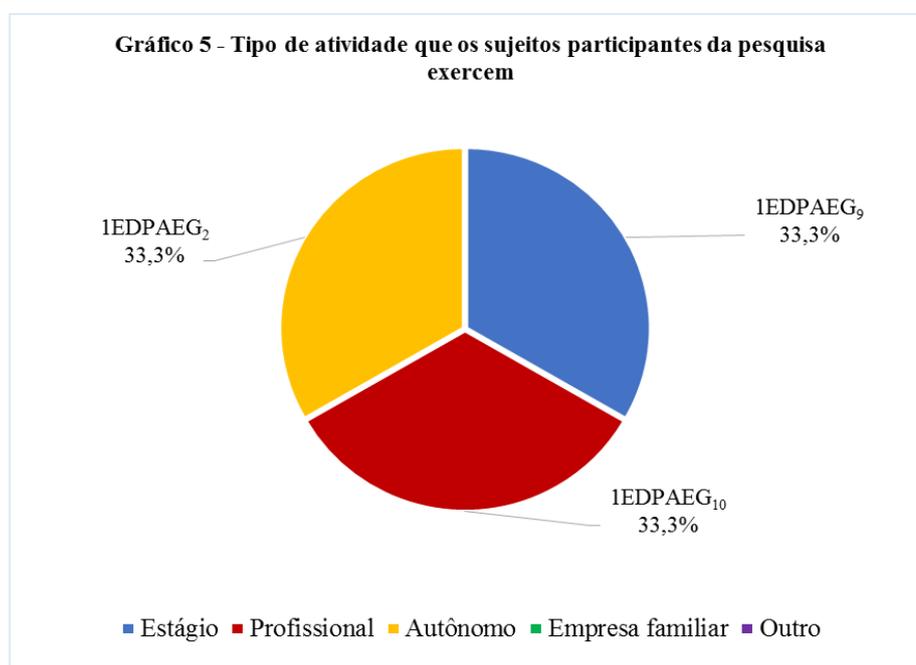
Fonte: A autora (2020).

Por meio da análise dos dados, a primeira composição é formada pela cor amarela, que possui 2 (dois) sujeitos que ainda faltam acima de três disciplinas para concluir o curso de Licenciatura em Geografia. Suas siglas de identificações e enumerações são EDPAEGS_{2e5} perfazendo 20%. A segunda composição é constituída pela cor azul escura e compreende 4 (quatro) sujeitos que falta apenas uma disciplina para integralização do referido curso. Suas siglas de identificações e enumerações são EDPAEGS_{4,7,9e10} e representam juntos 40%. Por fim, a terceira composição é estabelecida pela cor vermelha que também contém 4 (quatro) sujeitos que faltam duas disciplinas para sua conclusão no curso de Licenciatura em Geografia. Suas siglas de identificações e enumerações são EDPAEGS_{1,3,6e8} e formando 40% do total de 100% com as demais porcentagens de 10 sujeitos colaboradores desta pesquisa.

Para melhor conhecer o cotidiano acadêmico dos sujeitos da pesquisa, fez-se a seguinte pergunta: Você trabalha? As respostas eram () Sim () Não. Se a resposta fosse

SIM, era solicitado indicar o tipo de atividade que exerce: () Estágio () Profissional ()Autônomo () Empresa familiar () Outro.

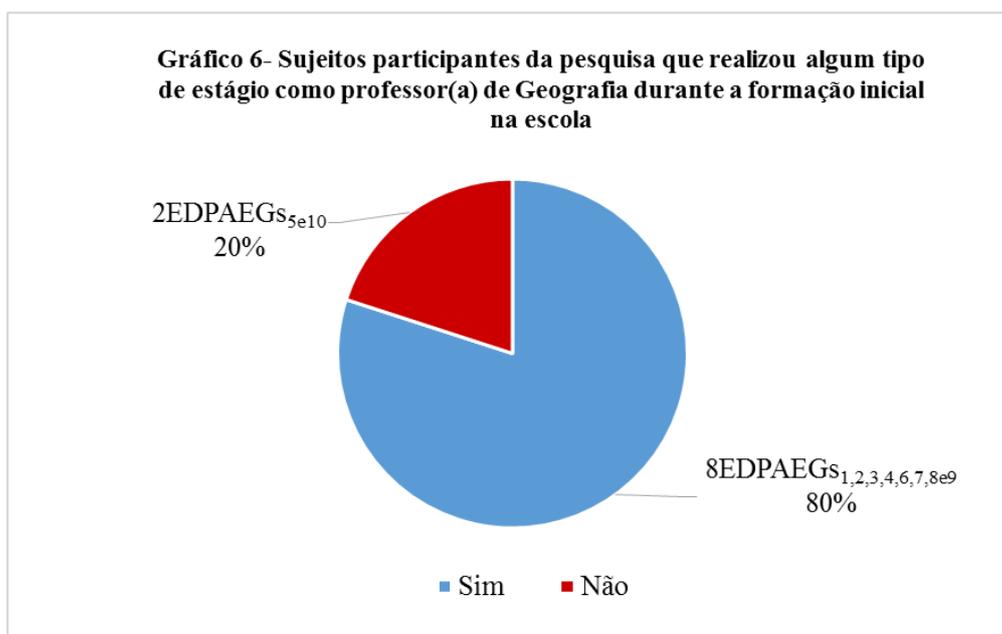
Ao analisar os dados referentes ao cotidiano acadêmico dos sujeitos ora pesquisados, observou que 3 (três) egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia trabalham e/ou exerce alguma atividade e estudam ao mesmo tempo, enquanto 7 (sete) egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia não trabalham durante o curso de Licenciatura, apenas dedicam seu tempo para estudar. Para melhor visualização das respostas obtidas, confeccionou-se o gráfico 5, que apresenta o tipo de atividade que os sujeitos ora pesquisados exercem.



Fonte: A autora (2020).

A primeira composição do gráfico é constituída pela cor amarela e possui 1 (um) sujeito é autônomo. Sua sigla e enumeração de identificação é EDPAEG₂ e representa 33,3% do total pesquisado. A segunda composição é formada pela cor azul e tem 1 (um) sujeito ora pesquisado cujo tipo de atividade exercida durante o curso de Licenciatura é o estágio sua sigla e enumeração de identificação é EDPAEG₉ e representa também 33,3%. No mesmo sentido, a terceira composição é composta pela cor vermelha e possui 1 (um) sujeito que trabalha e estuda ao mesmo tempo, com o seu trabalho sendo profissional. Sua sigla e enumeração se identificação é EDPAEG₁₀ e da mesma forma representa 33,3% do total pesquisado.

Outro dado importante e que deve ser destacado é se os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia realizaram algum tipo de estágio na escola. Desta forma, foi feita a indagação: Você realizou algum tipo de estágio como professor de Geografia durante a sua formação inicial na escola? As respostas aferidas podem ser visíveis no gráfico 6 a seguir:



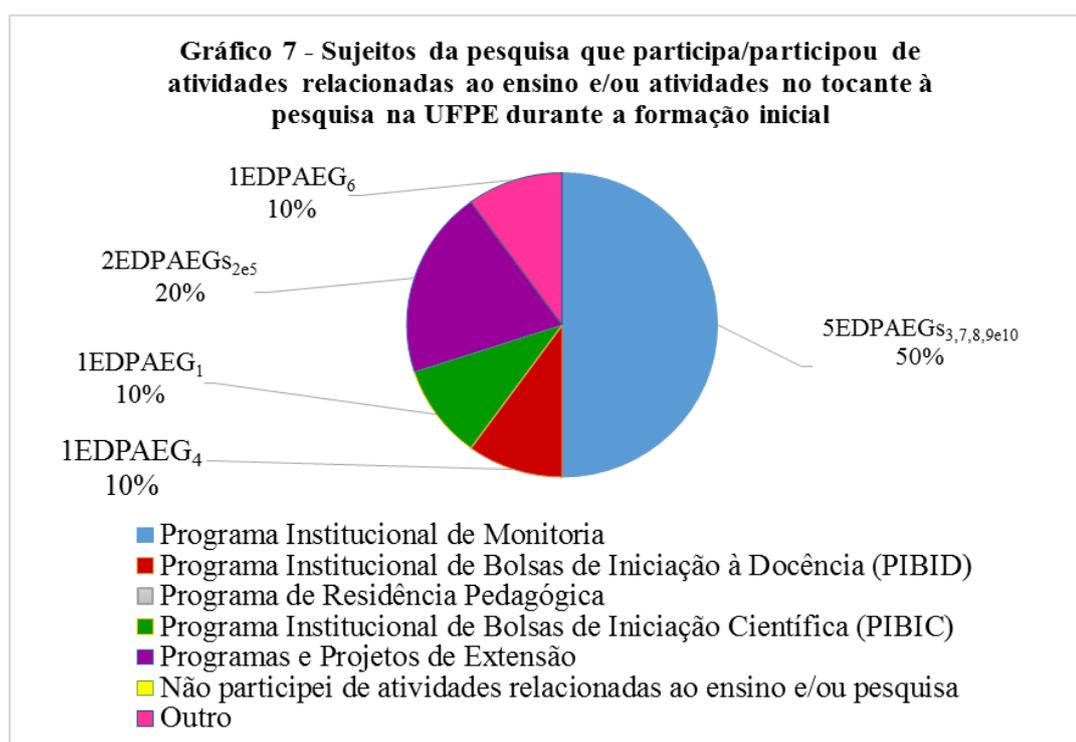
Fonte: A autora (2020).

Ao analisar os dados referentes aos sujeitos que realizou estágio como professor de Geografia durante a formação inicial na escola, é visível que a maioria dos sujeitos tiveram esta experiência enquanto futuro professor de Geografia. A cor azul clara representa 8 (oito) sujeitos EDPAEGs_{1,2,3,4,6,7,8e9} que realizaram algum tipo de estágio como professor de Geografia e tiveram contato com o “chão da escola”, formando uma porcentagem de 80%, contribuindo significativamente por meio de suas respostas para o entendimento da pesquisa. A cor vermelha representa 2 (dois) sujeitos EDPAEGs_{5e10} que não realizaram nenhum tipo de estágio como professor de Geografia durante a formação inicial na escola, o que representa 20% de um total de 100% a partir dos dados e de sua análise.

Com isso, pretendendo entender o primeiro contato inicial dos sujeitos com a pesquisa durante a formação inicial no curso de Licenciatura em Geografia, em que o contato inicial com a pesquisa na graduação é princípio de conhecer, desvendar sobre um determinado objeto de estudo, conhecer o que antes não conhecia. Assim, foi produzida a seguinte questão: Você participa/participou de atividades relacionadas ao ensino e/ou atividades no tocante à pesquisa na UFPE durante a sua formação inicial? A questão possuía as seguintes respostas: ()

Programa Institucional de Monitoria () Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) () Programa de Residência Pedagógica () Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) () Programas e Projetos de Extensão () Não participei de atividades relacionadas ao ensino e/ou pesquisa () Outro.

Entre as atividades relacionadas ao ensino e/ou atividades no tocante à pesquisa na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) durante a formação inicial pelos sujeitos pesquisados, para melhor entendimento e visualização das respostas obtidas segue o gráfico 7:



Fonte: A autora (2020).

A cor roxa representa 2 (dois) sujeitos EDPAEGs_{2e5} que participam/participaram de Programas e Projetos de Extensão, formando uma porcentagem de 20%. A cor rosa clara representa 1 (um) sujeito EDPAEG₆ que participa/participou de outro tipo de atividade relacionada ao ensino e/ou atividade no tocante à pesquisa, o que representa 10%. A cor azul clara constitui 5 (cinco) sujeitos EDPAEGs_{3,7,8,9e10} que participam/participaram do Programa Institucional de Monitoria, constituindo 50% do total de colaboradores. A cor vermelha representa 1 (um) sujeito EDPAEG₄ que participa/participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o que equivale a 10%. Já a cor verde escura é formada também por apenas 1 (um) sujeito EDPAEG₁ que participa/participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o que representa 10% de um total de 100% a partir dos dados e de sua análise.

Observando as informações sobre as atividades relacionadas ao ensino e/ou atividades no tocante à pesquisa na UFPE que os sujeitos participam/participaram durante sua formação inicial no curso de Licenciatura em Geografia, fez-se necessário perguntar aos sujeitos de que forma as referidas atividades acontece/aconteceu, visando a compreender melhor o contato inicial dos sujeitos com a pesquisa.

Dessa forma, foi produzida a seguinte questão: Mediante a resposta anterior, se você respondeu SIM, em que período da graduação? De que forma sua participação acontece/aconteceu?

Obtiveram-se respostas que conduziram a uma melhor compreensão das atividades relacionadas ao ensino e/ou atividades no tocante à pesquisa na UFPE durante a formação inicial dos sujeitos e de que forma acontece/aconteceu a participação: Programas e Projetos de Extensão; Outro tipo de atividade; Programa Institucional de Monitoria; Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Sobre isso, situam-se as seguintes respostas:

Fiz 2 (dois) PIBIC. O primeiro eu realizei quando estava no 3º período e o outro quando estava no 5º período. Minha participação aconteceu da seguinte forma: No meu 1º PIBIC eu trabalhei com gestão de bacias hidrográficas, fiz o levantamento bibliográfico e depois correlacionei com os dados que obtive na plataforma SuPer. No 2º PIBIC eu trabalhei com dados Morfoestratigráficos de uma zona de cisalhamento. Sempre havia reuniões mensais com meus orientadores para discutirmos alguns artigos de levantamento bibliográfico e também para o esclarecimento de dúvidas (EDPAEG₁).

Bem, foi no período do final de 2019 e início de 2020 que me aventurei nessa experiência do projeto de Extensão UFPE no Meu Quintal operação Dormentes. Colocamos nossa proposta de oficina que teve como tema uma Cozinha Sustentável, uma série de ferramentas que auxiliam no preparo dos alimentos aproveitando os recursos naturais e reutilizando/reciclando materiais que iriam para o lixo. A temática da nossa pesquisa foi buscar um referencial teórico a respeito da educação ambiental como complemento e modelo sustentável de vida, não agregar a preocupação pelo meio ambiente como um anexo na vida das pessoas, mas sim integralizar práticas do dia a dia com um pensamento no bem comum tanto para o próximo, quanto para a natureza juntamente as próximas gerações que podem vim a utilizar os poucos recursos naturais que restam ainda no planeta [...], o feedback aconteceu logo após a viagem e procuramos em meio ao misto de emoção causada pela gratidão encontrar os desafios que superamos e tudo que vivenciamos através da pesquisa que toda a contribuição para vida do próximo é fundamental, seja do tamanho que for se for feito com amor e dedicação o retorno é imensuravelmente incrível e as vezes indescritível (EDPAEG₂).

Durante três períodos da graduação tive a oportunidade de ser monitor, foram no sétimo, no oitavo e estou sendo no período atual, fui bolsista em duas dessas ocasiões e minha participação se dava muito em relação a responder as dúvidas dos outros alunos, auxiliar o professor nas aulas de campo, contribuir com materiais entre outros (EDPAEG₃).

Particpei do PIBID por um período de 6 meses, no 5º período da graduação, pude aprender ainda mais como funciona a docência através do planejamento e execução de projetos pedagógicos que desenvolvemos com os estudantes. A observação e prática em um ambiente escolar foi um grande aprendizado (EDPAEG₄).

Foi no 6º período, num projeto novo de extensão da UFPE (UFPE no Meu Quintal), que visa ajudar municípios do sertão pernambucano a levar conhecimento através do curso que estamos cursando na universidade [...], aprendi muito enquanto professora em formação e enquanto ser humano (EDPAEG₅).

Participo do PET Conexões [...], desde o 5º período. Promovemos o curso de línguas para a comunidade- CLIPAC onde nós oferecemos curso de vários idiomas. No nosso PET nós temos como principal objetivo a aproximação da sociedade com a academia. Nós fazemos Cinedebates em escolas da rede pública, e fazemos pesquisas na área educacional. Nós temos como tríade o ensino, pesquisa e extensão. (EDPAEG₆).

Pode-se fazer a seguinte análise das respostas recebidas: que a participação dos sujeitos nas atividades relacionadas ao ensino e/ou atividades no tocante à pesquisa envolveu o Projeto de Extensão “UFPE no meu quintal”, em que os sujeitos têm que desenvolver projetos que apresentem atividades de acordo com eixos temáticos para serem executados em municípios do estado de Pernambuco. Isso possibilitou para os EDPAEG_{S2e5} aprendizagens enriquecedoras tanto para a formação inicial como para a formação humana, além da superação dos desafios no momento da ação. A pesquisa aparece como ponto de partida para os sujeitos desenvolverem seus projetos com propostas de atividades para mudar a realidade, e esta iniciativa de busca para a elaboração dos projetos contribuiu para o processo de construção de pesquisa.

Nesse sentido, o projeto “UFPE no meu quintal” proporciona uma vivência extensionista à dinâmica de formação do graduando da Universidade Federal de Pernambuco e tem o objetivo de oferecer a oportunidade aos sujeitos outras vivências em educação experiencial, levando às populações necessitadas do interior do estado de Pernambuco contribuições em várias áreas de formação, com o propósito de estimulá-los a desenvolver suas competências e habilidades, em atividades relativas à orientação de práticas acadêmicas (UFPE, 2020).

Já quanto à participação do EDPAEG₄ nas atividades relacionadas ao ensino e/ou atividades, no tocante à pesquisa na UFPE, há o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que teve oportunidade de desenvolver atividades com foco no ensino de Geografia. O referido programa foi criado no ano de 2007 pelo Governo Federal, junto à CAPES, cuja proposta é aperfeiçoar e valorizar a formação de professores na Educação Básica, visando a uma aproximação e diálogo entre a Universidade e a Educação Básica, constituindo uma maneira de reafirmar a melhoria da educação pública. Desse modo, os bolsistas desenvolvem projetos na Universidade sob orientação do coordenador, posteriormente executados na escola, contemplando as diversas temáticas trabalhadas em sala de aula pelo professor da disciplina, havendo uma interação entre escola, alunos, bolsistas, professores e coordenadores. Além disso, a vivência dos licenciandos nas escolas públicas contribui na formação dos futuros professores de Geografia.

Já EDPAEG₁ participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e desenvolveu pesquisas com foco na Geografia Física e no levantamento bibliográfico em artigos, com o objetivo de esclarecer as possíveis dúvidas. Enquanto isso, o EDPAEG₃ participa/participou do Programa Institucional de Monitoria e tem/teve como tarefa auxiliar o professor formador nas aulas de campo. É interessante notar a resposta do EDPAEG₆, que participa do PET Conexões e desenvolve atividades que tem como propósito aproximar a universidade e a sociedade, além disso, realiza Cinedebates nas escolas públicas, cujo objetivo é fortalecer a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

As informações aqui apresentadas trazem elementos significativos sobre o perfil dos sujeitos ora pesquisados os Egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia – EDPAEGs e podem contribuir para um primeiro passo para o entendimento sobre os impactos pedagógicos que foram construídos na formação inicial a partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia e em outros componentes curriculares. O histórico que cada sujeito constrói/construiu durante sua formação inicial no curso de Licenciatura em Geografia não pode ser esquecido, pois cada sujeito tem uma trajetória diferente, suas particularidades, seus medos, suas dificuldades e suas conquistas, cada um com seu jeito de ser, de enxergar e mudar a realidade em que se insere.

Logo, compreender quem são esses sujeitos que cursaram a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia durante o ano de 2019 e quais impactos pedagógicos que foram construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa é essencial. Pois, é importante para o fortalecimento da relevância da articulação entre ensino e pesquisa durante

a formação inicial de professores de Geografia, alargando, desse modo, a pesquisa enquanto princípio educativo para que os professores de Geografia em formação inicial consigam, por meio dela, utilizar em sala de aula, seu principal lócus de atuação durante sua carreira profissional.

É em suas respostas que estão as contribuições e pisadas de cada sujeito ora pesquisado, a fim de se compreender os possíveis impactos pedagógicos que foram construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa, seja os impactos positivos como negativos, e para buscar e descobrir essas respostas o universo é a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia. Desse modo, para esclarecer os resultados alusivos ao perfil dos Egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia – EDPAEGs, segue a análise dos dados obtidos da pesquisa.

5.3.2 Os impactos pedagógicos construídos a partir da vivência da pesquisa na formação inicial do professor de Geografia: o que revelam os dados da pesquisa

Pretendendo compreender o que revelam os dados da pesquisa obtidos por meio do instrumento de coleta de dados, o questionário aberto e fechado criado com a utilização da ferramenta Google Forms sobre os impactos pedagógicos construídos a partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, apresenta-se aqui as contribuições dos Egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia – EDPAEGs que cursaram a referida disciplina durante o ano de 2019 do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Tais dados vão fazer toda a diferença para a materialização desta pesquisa através de suas respostas.

Nesse sentido, tendo em vista as ideias que os sujeitos ora pesquisados têm em relação ao termo pesquisa durante sua formação inicial, ou seja, quando escutam a palavra pesquisa que definição eles possuem sobre esta, foi feita a seguinte questão aos sujeitos: O que é pesquisa para você?

A pergunta que abre esta sessão do questionário aberto e fechado criado com a utilização da ferramenta Google Forms é sobre a ideia que os sujeitos têm em relação à definição de pesquisa. Começa, então, com a definição do EDPAEG₄, que compreende pesquisa da seguinte maneira:

Pesquisa para mim é basicamente um processo de "investigação" que tem como foco a busca de novos conhecimentos que irão contribuir para novas descobertas, conhecimentos esses que também podem servir para atualizar ou aprimorar outros processos e fatos já existentes.

Conforme a definição do sujeito EDPAEG₄, a pesquisa é compreendida enquanto processo de investigação que tem como objetivo a busca de novos conhecimentos, possibilitando novas descobertas sobre determinado objeto de estudo ou o aperfeiçoar dos já existentes. Como frisa Sales (2004), o ato de pesquisa busca descobrir o que pode ser comprovado ou não.

Já o EDPAEG₇ definiu a pesquisa da seguinte maneira: “É ir em busca de um determinado assunto que estou interessado em saber e se aprofundar mais sobre ele”. Desse modo, pesquisa significa, de maneira bem simples, buscar conhecimento sobre algo ou alguma coisa e se aprofundar ainda mais sobre este. Essa definição vai ao encontro de Prodanov e Freitas (2013) e Gatti (2002), pesquisar é buscar conhecimento, é procurar obter conhecimento sobre alguma coisa.

O EDPAEG₁₀ definiu pesquisa como uma forma de conhecer o campo de pesquisa de um determinado objeto de estudo e/ou compreender algo: “A pesquisa é um dos meios que podemos utilizar para adquirir mais conhecimento sobre um determinado assunto ou aprender algo novo”. Como destaca Zanella (2013), pesquisa visa basicamente à produção de novo conhecimento. Fica evidente que a definição de pesquisa e o histórico que os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia carregam sobre o conceito é: buscar conhecimento e aprofundar determinado objeto de estudo já existente, compreender algo novo e contribuir para novas descobertas.

A maioria dos egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia definiu a pesquisa enquanto processo de ampliação do conhecimento sobre determinada área de estudo. Este entendimento está atrelado o histórico que os sujeitos têm durante sua formação inicial, como relata o EDPAEG₁: “Pesquisa é a ampliação do conhecimento, é um melhor aprofundamento em uma determinada área de estudo”. Além disso, a pesquisa também é entendida como um meio pelo qual os sujeitos podem buscar respostas para a sociedade, sobre isso o EDPAEG₃: “A pesquisa para mim é nada mais que o meio pelo qual podemos responder os anseios da sociedade e também produzir novos conhecimentos”.

Sobre isso, a pesquisa é definida como necessidade da sociedade, em que, por meio desta, é possível obter as respostas que uma sociedade quer compreender sobre determinada situação, assim como possibilita produzir novos conhecimentos. Querer compreender a realidade e os anseios de uma sociedade é também entender a sua transformação. Então, é através da pesquisa que o sujeito pode buscar respostas sobre algo que preocupa e não está claro no momento.

É fundamental observar que a definição de pesquisa complementa umas às outras, demonstrando uma ideia a partir de um histórico já adquirido definindo a pesquisa da forma como a perceberam na graduação. Nesse sentido, produzir novos conhecimentos, buscar respostas para a sociedade, aprofundar sobre determinada área de estudo, foram as palavras que se fizeram mais presentes na definição dos sujeitos.

É interessante notar que o EDPAEG₅ faz uma definição sobre outra perspectiva enxergando a pesquisa da seguinte forma: “É o meio pelo qual investimos tempo, dinheiro para estudar algo amplo ou específico em prol de expandir esse resultado além da academia. Como dizia meu professor: fazemos pesquisa para os outros, não para nós”.

O EDPAEG₅ definiu pesquisa a partir de alguns norteamentos para sua realização: há necessidade de tempo e de gasto financeiro, bem como os resultados da pesquisa devem ser apresentados ou compartilhados para além do meio acadêmico, e isso é muito bom. Porém, quando a pesquisa é pensada como algo que precisa de gasto financeiro, não se refletiu sobre o professor pesquisador da escola como protagonista do próprio conhecimento, ou a pesquisa como princípio de mudança e enriquecimento da realidade em que vão se inserir, sem gastos financeiros, apenas precisam das condições mínimas necessárias para sua realização.

E não apenas isso, pois conforme Marli André (2005), realizar pesquisa significa produzir conhecimentos. Para isso, o professor pesquisador deve dispor de tempo, de material e de espaço, dentre outros requisitos. Mesmo se considerar a pesquisa voltada para a melhoria da prática docente, que não necessariamente precisa cumprir todas as exigências para sua realização, o que pode se preocupar mais é com a ação do que a produção de conhecimento; é preciso pensar nas condições mínimas necessárias para a sua efetivação.

Percebendo a relevância sobre o papel da pesquisa na formação inicial do professor de Geografia e suas contribuições, e, desse modo, diante da pretensão de compreender como os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia enxergam o papel da pesquisa para a formação inicial de professores, foi realizada a seguinte pergunta no questionário: Como você entende o papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia? Justifique a sua resposta.

A análise permitiu constatar que os EDPAEGs compreendem o papel da pesquisa como um eixo norteador de extrema relevância tanto para a formação inicial do professor de Geografia, porque desperta a postura investigativa, como para ser um pilar fundamental para a atuação profissional.

Outros elementos levantados sobre o papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia e que merece destaque é que por meio da pesquisa os futuros professores conseguem construir um elo entre a área de formação e a escola, discutir outras metodologias e construir novos conhecimentos a partir da realidade, o EDPAEG₃ respondeu assim:

A pesquisa exerce papel fundamental, pois ela permite que o professor em formação possa fazer os links com a realidade escolar e até a criação de novas metodologias no caso de pesquisa voltadas para o ensino de Geografia. Com seu papel de investigar, intrigar e gerar novos conhecimentos a partir das necessidades latentes do ensino.

O EDPAEG₃, através de sua resposta, colabora para a compreensão de que o papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia é ir ao encontro de diversas ferramentas com foco no ensino de Geografia, assim como por meio desta é possível o professor em formação ter uma aproximação entre a área de formação e a escola, da mesma forma consegue ser capaz de buscar respostas para sua necessidade no ambiente escolar e gerar outros conhecimentos. O EDPAEG₄ explicou que:

O papel da pesquisa na formação inicial dos professores é de extrema importância, serve como um impulsionamento e incentivo para o professor se descobrir enquanto profissional, buscando técnicas, práticas pedagógicas, habilidades que irão contribuir na sua função enquanto professor e na sua relação com os estudantes no ambiente escolar, e no modo com que irá tratar e trocar os conteúdos abordados em aula.

O papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, além de ajudar o futuro professor buscar outras metodologias, ferramentas para o ensino de Geografia e contribuir para o ser professor, também visa a contribuir e valorizar os laços entre professor e aluno na sala de aula e, conseqüentemente a maneira que o professor pode conduzir os conteúdos ensinados para a aprendizagem dos alunos. Portanto, isto é importante, porque o propósito de aprendizagem é que tenha um caráter significativo e não meramente mecânicas. O EDPAEG₁₀ também possui esta compreensão, quando diz:

A pesquisa é importante para que nós, professores, tenhamos uma noção de como lidar com os alunos em sala de aula, pesquisar maneiras eficientes de ensinar e também pesquisar temas que sejam relevantes a formação, tanto a nossa como a deles.

O papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia não é pensado isoladamente, mas na relação entre professor e aluno na sala de aula, assim como

possibilidade de buscar outras maneiras de conduzir o ensino e contribuir para a formação de todos os protagonistas por meio das temáticas abordadas.

Através das respostas obtidas no questionário aberto e fechado, nota-se que as mesmas estão indo ao encontro das ideias de alguns pesquisadores da área da educação e da educação geográfica que defendem o papel da pesquisa na formação inicial e veem sua realização no exercício de sua atividade docente enquanto eixo norteador para a construção de práticas, no âmbito do ensino, mais significativas e enriquecedoras, que subsidie o ensino-aprendizagem dos sujeitos em processo, como André (2005), Santos (2005), Soares (2005), Demo (2006), Esteban e Zaccur (2002), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), entre outros que se somam a essas vozes. Além dos documentos legais das DCNs de 2002, 2015.

Roza (2005) sustenta que o professor precisa ser um pesquisador, assim como todo o bom professor tem de ser também um bom pesquisador. É interessante notar a resposta do EDPAEG₅ sobre o papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia que se aproxima das ideias da referida autora quando diz ser:

De grande importância. O professor de base inicial precisa também ser um pesquisador, para assim ser um bom docente no futuro. Acredito que todo bom professor advém de um bom pesquisador. Ele pode exercer esse tipo de pesquisa até na escola onde atua, fazer pesquisas ali entre os seus alunos, porque não há forma melhor de conhecer a realidade de alguém do que convivendo.

O EDPAEG₅ também explicou que o professor pode fazer sua pesquisa na escola, pois através desta é possível o professor conhecer a realidade em que insere. Como frisa Luz et al. (2018), o professor pesquisador é aquele que faz da sala de aula um laboratório de pesquisa e que está disposto a conhecer a realidade em que está inserido. Também Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) entendem que um curso de formação inicial de professores que tenham como pilar a pesquisa terá condições de formar um bom professor. Nessa mesma perspectiva caminha o EDPAEG₂, quando diz sobre o papel da pesquisa ser “Muito importante, visto que o profissional de educação seja de qual for a área do conhecimento ele antes de dar aula deve ser um pesquisador durante sua rotina [...]”.

No mais, o papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia é essencialmente de extrema relevância, pois aponta caminhos para o futuro professor também se reconhecer como pesquisador, de realizar sua própria pesquisa na sala de aula para melhor compreender a realidade. Portanto, o professor, antes de tudo, deve ser um

pesquisador durante sua carreira profissional e fazer da sala de aula um ambiente para realização da pesquisa.

Nessa perspectiva, percebendo a relevância do papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, realizou-se a seguinte pergunta aos sujeitos deste estudo: Na sua opinião, como a pesquisa deve estar presente durante o processo formativo dos futuros professores de Geografia? Justifique a sua resposta.

As respostas dos sujeitos ora pesquisados apresentaram elementos pertinentes e importantes, além de permitirem criar um conjunto significativo de respostas coerentes que expressaram a importância da relação entre ensino e pesquisa na formação inicial dos futuros professores de Geografia, ao exemplo da do EDPAEG₁: “A pesquisa deve ser mais presente em disciplinas tanto obrigatórias quanto eletivas, mais também através de grupos de pesquisa, esses devem se abrir mais e mostrar que a inserção na graduação oferece um leque de possibilidades”. Esta resposta sinaliza como a pesquisa deve estar presente durante a formação inicial dos futuros professores de Geografia e aponta que deve aparecer nos componentes curriculares do curso, assim como em grupos de pesquisa, que podem ser uma porta de entrada para o sujeito interagir mais na graduação e perceber as diversas maneiras de contato com a pesquisa.

Tal resposta também caminha na mesma direção aos achados, em que constata que a maioria dos sujeitos desta pesquisa os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs) compreende que as propostas de articulação entre ensino e pesquisa poderão ser frutíferas que permite o diálogo entre a área de formação na Universidade e o ambiente escolar. E, por conseguinte, ser capaz de reconhecer desde a formação inicial contexto do campo de atuação profissional. E apontam que a pesquisa deve estar presente na formação inicial dos futuros professores de Geografia a partir da relação entre ensino e pesquisa, como, por exemplo, a inserção da pesquisa nos componentes curriculares do curso em processo contínuo. O EDPAEG₄ colabora com a resposta:

A pesquisa deve estar presente na formação de uma forma constante, acredito que com a prática se torna cada vez mais simples o ato de pesquisar, as disciplinas na universidade devem incentivar a pesquisa através das atividades propostas pelos professores, para que haja familiaridade do futuro professor nessa relação de ensino e pesquisa.

A pesquisa deve estar presente durante todo o processo formativo, sejam implementadas nas disciplinas ofertadas pelo curso ou também incentivadas por grupos de pesquisa ou os próprios docentes da universidade, pois é um processo importante e que na maioria das vezes é

deixado de lado, o que pode atrapalhar na elaboração de artigos ou até o TCC, por exemplo (EDPAEG₁₀).

Essas são algumas contribuições que permitem entender como a pesquisa pode se materializar na formação inicial de professores de Geografia, assim como as possíveis articulações entre ensino e pesquisa. No campo da prática no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é possível perceber a materialização da pesquisa a partir da articulação desta com o ensino, dentre as possibilidades a inclusão de algumas disciplinas do componente curricular do curso. Observa-se também nas respostas dos EDPAEG_{3e10} que, além das disciplinas que podem trabalhar a integração entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores, também os docentes do curso de formação devem possibilitar esta oportunidade de discutir a pesquisa a partir de suas próprias propostas, conforme aponta André (2005).

Outra questão que o EDPAEG₁₀ levantou é que quando a pesquisa não faz parte do cotidiano de formação inicial de professores de Geografia, conseqüentemente os futuros professores poderão ter dificuldades de produzir artigos e apontou outro desafio o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Tomando como fundamento as ideias de Ludke (2005), a autora esclarece que o futuro professor que não vivenciar a pesquisa durante a formação inicial terá menos recursos perante a atuação profissional para questionar e problematizar sua prática e a realidade em que se insere.

O EDPAEG₂ também contribuiu com sua resposta e reforçou que, dentre as várias formas de trabalhar a pesquisa durante a formação inicial dos futuros professores de Geografia, é a “Multiplicação de cadeiras que abordam e cobram de forma didática formas de pesquisa que incentivem o licenciando a por em prática uma ação que no futuro será essencial para uma melhor execução de sua profissão”. E colaborou nos escritos que a pesquisa deve estar presente na grade curricular com o objetivo de incentivar o futuro professor materializar a pesquisa no cenário educacional para melhor nortear a profissão.

O EDPAEG₆ levantou a seguinte resposta: “A pesquisa deve estar sempre associada ao ensino, para saírem mais completos da graduação, não separando pesquisa e ensino”. É interessante notar que o sujeito apontou no seu escrito que a pesquisa deve estar sempre em conexão com o ensino, sem separação desta articulação. Conforme indica Lampert (2007), a pesquisa é o elo entre teoria/prática, uma renova e reconstrói a outra, enquanto Donatoni e Coelho (2007) discutem que o ensino não pode ser desvinculado da pesquisa, uma vez que ambos estão articulados numa relação intrínseca.

O EDPAEG₃ fez uma ponderação e apontou que as disciplinas que retratam o contexto do ensino devem surgir nos primeiros anos da graduação. A sua resposta trouxe o seguinte traço:

A pesquisa deve estar presente no processo de formação inicial, pois com ela é possível estimular os(as) alunos(as) se tornarem novos pesquisadores e professores que gerem novos conhecimentos e buscam soluções para os diversos desafios que envolvem o ensino de Geografia. Em minha opinião as disciplinas que envolvem a pesquisa no âmbito do ensino, devem surgir mais cedo no cronograma do curso [...].

O EDPAEG₃ também apontou que a pesquisa durante a formação inicial de professores é uma forma de estimular a postura do professor pesquisador capaz de gerar outros conhecimentos e buscar as soluções perante os desafios no ensino de Geografia. Fica evidente que a pesquisa na formação inicial de professores de Geografia cabe como eixo central e pode ajudar o futuro professor a entender o contexto em que vão atuar, fazendo-o capaz de buscar soluções de acordo com suas necessidades, assim como superar os desafios de ensino-aprendizagem da prática da geografia em sala de aula.

Tentando entender a vivência da pesquisa a partir dos componentes curriculares do curso de Licenciatura, isto é, as disciplinas dos saberes específicos da Geografia, a exemplo de geomorfologia, climatologia, pedologia, cartografia, geografia da população, geografia cultural, geografia política, geografia agrária, entre tantas outras, e como estas contribuíram para a formação de professor de Geografia, foi realizada a seguinte pergunta: Como se deu a vivência da pesquisa durante a sua formação inicial a partir dos Componentes Curriculares do curso de Licenciatura em Geografia? Justifique a sua resposta.

As respostas coletadas dos EDPAEGs com relação à vivência da pesquisa durante sua formação inicial a partir dos componentes curriculares do curso de Licenciatura em Geografia pontuaram que algumas disciplinas partiram mais para uma discussão dos saberes específicos da Geografia com pouca articulação com os saberes pedagógicos por meio da pesquisa. Desse modo, a vivência da pesquisa foi abordada por outra perspectiva, bem como uma crítica de alguns egressos na composição das disciplinas dos primeiros períodos do curso de Licenciatura em Geografia, isso é importante, porque independente da forma com que a pesquisa foi vista os sujeitos construíram um histórico. Vejamos algumas das respostas a seguir:

Em verdade não tivemos essa oportunidade de explorar o campo da pesquisa e do debate das metodologias para o ensino da Geografia. As cadeiras do início do curso eram basicamente uma extensão do ensino

médio, sendo que com conteúdo mais profundos e específicos, [...]. Eram práticas que levavam o estudante do curso a pensar como o professor vê as abordagens do mesmo, e não incentivando-o a transcender além daquela mínima sala de aula e avaliar as formas de críticas reflexivas com bases na realidade do contexto escolar no nosso país (EDPAEG₂).

Nas primeiras disciplinas do currículo, a questão da pesquisa ficou mais como um pano de fundo, algumas disciplinas tratam a pesquisa de maneira muito isolada e não como um conjunto de saberes importantes para a formação do professor. As pesquisas que foram desenvolvidas no geral, serviram para uma construção do que é e para que serve a pesquisa para com isso cominar com a disciplina de Pesquisa Aplicada ao ensino de Geografia a qual se mostrou a mais importante ao relacionar a pesquisa e o ensino de Geografia de maneira integrar esses conhecimentos (EDPAEG₃).

Durante algumas atividades na graduação a pesquisa teve o seu destaque, porém eu senti falta desse incentivo da pesquisa nas disciplinas de Geografia. Nas disciplinas focadas em educação esteve mais presente, a pesquisa deveria ter mais destaque em toda a grade curricular pois assim haveria uma maior facilidade na execução de algumas atividades futuras e durante a própria graduação (EDPAEG₄).

Alguns professores tinham essa sensibilidade, de conectar a pesquisa com o ensino. Porém nem todos eram assim, apenas seguiam de forma tecnicista suas disciplinas. Sempre associando o assunto estudado com a melhor forma de passar isso para os nossos futuros estudantes (EDPAEG₆).

Por meio destas e demais respostas realizadas pelos sujeitos, é possível perceber que, na vivência da pesquisa durante sua formação inicial a partir dos componentes curriculares do curso de Licenciatura em Geografia, houve mais uma preocupação com os conteúdos específicos, contribuindo pouco para a formação de professor. É interessante notar que o EDPAEG₃ apontou algo interessante quando disse que a pesquisa foi trabalhada mais numa discussão sobre o que é pesquisa e para que serve. Conforme Silva et al. (2016), aprender a realizar pesquisa na formação inicial não deve se limitar somente sobre o que sobre o que é pesquisar, como pesquisar, mas enquanto fonte de conhecimento e torne mais sólido ao pesquisador as diversas maneiras para se aprender a pesquisar. O referido egresso também reforçou que foi na Disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia que ficou mais evidente esta articulação conhecimentos geográficos e pedagógicos na medida relacionou a pesquisa com foco no ensino de Geografia.

Também é possível perceber nos escritos do EDPAEG₄ que a vivência da pesquisa foi mais vista nas disciplinas de Educação do curso, neste caso são os saberes didáticos, pedagógicos e psicopedagógicos das áreas da Educação e da Pedagogia, enquanto EDPAEG₆

apontou que alguns professores do curso de formação tinham a preocupação de fortalecer a relação entre ensino e pesquisa durante a formação inicial a partir dos componentes curriculares, aproximando o conhecimento específico com a melhor maneira de conduzir na sala de aula.

Outro aspecto que surgiu na resposta do EDPAEG₅ foi que alguns professores que lecionam as disciplinas dos componentes curriculares do curso de formação falam mais “[...] da pessoa como geógrafo e pesquisador, raramente sobre ensino e pesquisa voltada para sala de aula”. Por esse viés, há um impacto pedagógico negativo para a formação de professores de Geografia, pois a preocupação é formar o geógrafo e não o professor/geógrafo, um caminho mais aceitável e desafiante para a formação do professor por meio da vivência da pesquisa.

É fundamental destacar que os sujeitos em algum momento da graduação vivenciaram a pesquisa, têm um histórico desta, a partir do momento que cursaram as diversas disciplinas, independente da forma com que foi abordada. Então, será através da vivência de pesquisa em outros componentes curriculares e, especificamente na Disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia que vai se identificar quais os impactos pedagógicos que os sujeitos vão ter a partir desta vivência.

Desse modo, no primeiro momento, há o histórico dos sujeitos com a pesquisa em outros componentes curriculares. No segundo momento, como a prática do professor da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia impactou no processo de construção na pesquisa que os sujeitos carregam. Por fim, no terceiro momento, há os impactos pedagógicos que foram construídos, a partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, tendo a pesquisa como princípio educativo.

Antes de concluir as respostas dos sujeitos desta investigação no tocante à vivência da pesquisa durante a sua formação inicial a partir dos Componentes Curriculares do curso de Licenciatura em Geografia, vale destacar a resposta do EDPAEG₁₀ quando colaborou pontuando que:

Minha vivência com a pesquisa foi breve, tive a oportunidade de me aprofundar um pouco mais ao escrever 2 artigos para eventos com colegas de sala e a outra experiência foi justamente a escrita do TCC, onde precisei me aprofundar mais sobre o meu tema (EDPAEG₁₀).

Observa-se que a vivência que o EDPAEG₁₀ teve com a pesquisa foi mais no campo de produções científicas e na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pelo qual precisou buscar outros elementos para se aprofundar na temática escolhida. Nesse sentido,

todos os sujeitos vivenciaram e têm um histórico em relação à pesquisa durante a graduação, independente da forma com que foi discutida, tal como a maioria dos alunos na formação inicial só tem acesso à pesquisa no momento da monografia, conforme Sampaio e Vlach (2008).

Essas colocações corroboram para sinalizar que a vivência da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia a partir de alguns componentes curriculares é relacionada ao fato de alguns docentes de formação do curso das disciplinas específicas não terem atendido às necessidades da formação, permanecendo uma formação que ainda é desarticulada da relação entre ensino e pesquisa, dando lugar apenas ao ensino enquanto reproduções de práticas e a pesquisa como pano de fundo, em sintonia com o que aponta Nova (2015) e conforme Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009). Um dos grandes desafios dos cursos de formação inicial de professores de Geografia é a necessidade de articulação entre os conhecimentos específicos desse componente curricular com os conhecimentos pedagógicos.

Para Abu-El-Haj, Leitinho e Cardoso (2012), o maior desafio na integração entre ensino e pesquisa se encontra justamente na ação docente. Santos (2005) colabora indicando que a articulação entre ensino e pesquisa na universidade é um grande problema que deve ser superado, pois só será possível acontecer esta integração quando o ensino for colocado no mesmo patamar da pesquisa.

Após compreender o histórico de pesquisa que os sujeitos vivenciaram durante sua formação inicial nos diversos componentes curriculares do curso, nos grupos de pesquisas e nas produções científicas, é hora de tentar identificar os impactos pedagógicos que foram construídos, a partir da vivência de pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, tendo a pesquisa como princípio educativo. Assim, fez-se a seguinte pergunta: Quando você cursou a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia teve impacto pedagógico em outras formas de realizar pesquisa? Justifique sua resposta.

As respostas dos EDPAEGs podem ser consideradas positivas no tocante ao impacto pedagógico em outras formas de realizar pesquisa quando cursaram a Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia durante o ano de 2019. A seguir, são mostradas algumas das respostas:

Sim, pois compreendi que não é o conteúdo que discerne se é fácil ou difícil, mas sim a forma de pesquisa e a forma que o professor busca para as metodologias ativas para que seja compreendida de maneira simples, objetiva e didática (EDPAEG₂).

Com certeza, essa disciplina serviu para ampliar a nossa visão de pesquisa, pois foram abordadas as formas de pesquisas, tipos, como elas podem ser feitas, o que é pesquisa, e vários outros aspectos que

contribuíram para um aprimoramento do nosso entendimento de pesquisa e de como usar ela em nossa profissão (EDPAEG₄).

A análise permitiu constatar que os EDPAEGs, quando cursaram a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, tiveram um impacto pedagógico em outras formas de realizar pesquisa. Entre essas formas de fazer pesquisa, apontaram: é necessário escolher qual pesquisa fará parte da prática docente, pois, para EDPAEG₂, não é o conteúdo, mas o tipo de pesquisa que o professor realiza na sala de aula para torna esse conteúdo de fácil compreensão. É interessante notar que este sujeito fala na sua resposta sobre as “metodologias ativas”, sem explicar o que são detalhadamente, mas associando-as ao conteúdo para que seja ensinado com clareza através da pesquisa.

O EDPAEG₄ respondeu com bastante convicção e colaborou da seguinte maneira: quando cursou a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, teve impacto pedagógico e explicou que ampliou a visão de pesquisa, em que aprendeu outros elementos pertinentes sobre esta. O mais importante deste entendimento e que o sujeito apontou foi que aprendeu como utilizar esta na profissão de professor. O EDPAEG₅ pontuou que:

Sim. A disciplina me abriu novos horizontes em sua forma de ensinar a fazer pesquisa, de mostrar formas de como me tornar um melhor professor e nisso incluir a pesquisa sem necessariamente deixar de ser um professor. Muita coisa foi esclarecida durante esse período cursado.

O EDPAEG₅, através de sua resposta, colaborou para o entendimento de que a referida disciplina da questão teve impacto pedagógico em outras formas de fazer pesquisa e apontou que é possível, por meio da pesquisa, torna-se um professor melhor. Outro ponto importante levantado pelo sujeito foi que o professor, quando pesquisa, não perde sua postura de professor.

Percorrendo por meio destas e demais respostas realizadas pelos egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, compreende que a referida disciplina teve impacto pedagógico positivo em outras formas de realizar pesquisa, contribuiu para outro olhar sobre pesquisa, assim como sua inserção no campo de atuação profissional. Além disso, há o entendimento de que o professor também pode assumir a postura de pesquisador, sem necessariamente deixar de ser um professor, conforme ensina André (2005), Nuñez e Ramalho (2005), Santos (2005), Silva et al. (2016), entre tantos outros.

No intuito de entender como a prática do professor da Disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia impactou no processo de construção a partir do histórico

de pesquisa que os sujeitos carregam, fez-se a seguinte pergunta: Para você, a prática do professor da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia contribuiu/impactou no processo de construção da pesquisa para a sua formação inicial enquanto futuro professor de Geografia? Discorra sobre a sua opinião. A seguir, apresentam-se algumas respostas a esta questão:

Sim. A disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia foi um grande divisor de águas, pois além de pontuar os elementos principais da pesquisa, [...] também nos auxiliou na construção de um projeto. O meu projeto falava sobre a construção de uma horta escolar, trazendo sua definição, importância da horta na escola, valores e materiais que seriam utilizados para a construção da mesma (EDPAEG₁).

Sim, a contribuição foi tanta que me inspirou na construção da minha pesquisa de conclusão de curso que está em andamento. A atuação do professor foi de certa maneira instigante, com desafios quase que semanal acabou por estimular a realização da pesquisa. Após o término da disciplina e com questionamentos que fiquei em relação a minha pesquisa, me fez refletir a importância das pesquisas de ensino de Geografia [...]. Hoje meu TCC vai propor um tipo de mapeamento como metodologia para o ensino médio, vai ser mais focado na questão do Ensino de Geografia e de como novas metodologias podem ajudar a mudar o cenário atual de Geografia escolar [...] (EDPAEG₃).

Sim. De forma impreterível. Ter um professor que nos mostre caminhos e formas de como fazer pesquisa, é tudo que nós enquanto professores em formação precisamos. Foi me ensinado um novo jeito de fazer pesquisa, e posso dizer que o resultado vem sendo muito satisfatório (EDPAEG₅).

De maneira geral, os 10 (dez) egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs) investigados discorreram que esta contribuiu/impactou no processo de construção da pesquisa, em que passaram a compreender melhor as diversas maneiras de fazer uma pesquisa. Bem como, utilizá-la para as soluções de problemas a enfrentar no cotidiano como para a própria construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como discorre o EDPAEG₇: “Não só ela, como todas as disciplinas. A disciplina vai nos ajudar a como investigar, solucionar determinado problema, seja no cotidiano ou até mesmo para o TCC”.

Já os EDPAEGs_{1,3e5} discorreram que a prática do professor da referida disciplina contribuiu/impactou quando aprenderam outros/novos elementos no tocante à pesquisa e desenvolveram pesquisas (pré-projetos) voltados para o ensino de Geografia. Interessante notar que EDPAEG₃ discorreu que a prática do professor contribuiu/impactou de uma maneira diferenciada e particular, pois o pré-projeto de pesquisa que desenvolveu na

disciplina contribuiu/impactou para continuação na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com foco na pesquisa aplicada ao ensino de Geografia. Isso é riquíssimo, pois nota-se a instrumentalização, o diálogo entre a temática proposta, seja a Geografia Física como a Geografia Humana com a área de formação da Licenciatura, visando a aproximar com o cenário atual da Geografia escolar. Estas colocações corroboram para o entendimento de que a prática do professor contribuiu/impactou de alguma maneira bem animadora na formação inicial de professor/geógrafo e para a vida desses sujeitos.

Isso fez toda a diferença na formação inicial de professores de Geografia, pois mostrou um impacto pedagógico positivo na construção de pesquisa, contribuindo para ultrapassar os limites desta, pois se antes o sujeito tinha uma visão de pesquisa apenas para ficar restrito em uma área específica da Geografia e apresentar dificuldade para instrumentalizar com a pesquisa aplicada ao ensino de Geografia, agora a visão é outra, de uma pesquisa voltada para a realidade do ensino da Geografia em sala de aula, de problematizar, de dialogar com a realidade com criticidade, abordando uma problemática perante o contexto educacional atual. Todo esse novo cenário pode mudar a vida de cada sujeito, como apontam Almeida (2007), Faoro (2000), Prodanov e Freitas (2013), Roza (2005), Silva et al. (2016), entre outros.

É navegando por meio destas e demais respostas obtidas pelos egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs) que a prática do professor do curso de formação faz toda a diferença na formação inicial de professores de Geografia, pois revela elementos significativos e importantes que impactam diretamente na formação do professor/geógrafo. Essa ação compete ao professor formador a partir de suas atividades. Como afirma André (2005), os docentes do curso de formação podem inserir seus próprios projetos de pesquisa nas ementas das disciplinas, objetivando gerar novos temas e problemas, bem como o próprio Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPE – PDI (2019) que coloca o professor não como transmissor de conhecimento, mas como uma construção dos sujeitos.

No mesmo caminho de buscar uma compreensão dos impactos pedagógicos construídos na formação inicial do professor de Geografia, fez-se a seguinte pergunta: A partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, quais foram os impactos pedagógicos construídos na sua formação inicial enquanto futuro professor de Geografia? Discorra sua resposta.

As respostas obtidas e que podem ser consideradas animadoras no tocante à formação inicial do professor de Geografia elucidam que os impactos pedagógicos construídos a partir

da vivência de pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia foram as mudanças de postura e de visão dos sujeitos quando passam a enxergar a pesquisa para além do levantamento bibliográfico, de amontanhar conteúdos. A seguir, são discutidas algumas respostas que convergem para esse entendimento:

No decorrer da disciplina a discussão se o professor deve também ser pesquisador foi levantada e em minha opinião essa discussão foi um dos impactos mais relevantes para mim pois a partir dela foi possível compreender que tanto a pesquisar quanto ensinar faz parte do processo como um todo, pois por meio da pesquisa as relações nas escolas podem ser modificadas e aprimoradas e o professor pesquisador exerce forte influência para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem escolar (EDPAEG₃).

Esta colocação do EDPAEG₃ é fantástica, pois mostra que houve um impacto pedagógico positivo na sua formação inicial e como futuro professor de Geografia ao reconhecer e compreender que o professor também pode ser um pesquisador na escola, que é capaz de modificar, retroalimentar o processo de ensino-aprendizagem, pontuou também que pesquisa e ensino caminham juntos, num processo intrínseco. Através da pesquisa, é possível mudar e fortalecer as relações sobre a realidade em que se insere, ou seja, a escola. Além disso, o professor pesquisador exerce um papel fundamental, conforme André (2005), Donatoni e Coelho (2007), Lampert (2007), Luz et al. (2018), Roza (2005), entre outros autores. Neste mesmo sentido, o EDPAEG₅ pontuou que:

Pude desenvolver um pensamento mais ampliado e não apenas ser um professor que se resume à uma sala de aula. Posso ser professora e desenvolver minhas pesquisas ali mesmo onde estiver ensinando. Desenvolver minhas pesquisas para um público específico (a própria comunidade, bairro onde se localiza a escola) ou para a academia.

O EDPAEG₅ pontuou que o impacto pedagógico construído foi que o professor também pode realizar pesquisa no ambiente escolar, assim como o professor da mesma forma pode fazer/desenvolver pesquisa direcionada para a comunidade, o bairro, onde a escola é localizada. Além disso, o sujeito construiu um pensamento na sua formação inicial reconhecendo-se como um professor para além da sala de aula, segundo André (2005), Pesce (2012), Ventorim (2005), entre muitos outros.

O EDPAEG₇ também pontuou que teve impacto pedagógico após cursar a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia passou a ter uma nova visão sobre pesquisa, entendendo também que, por meio desta, será possível responder aos problemas de maneira

ainda melhor, e destacou: “Depois da disciplina a gente passa a ter um novo olhar para a pesquisa, a gente passa a investigar melhor para solucionar aquele problema”.

O EDPAEG₄ discorreu que, através da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, os impactos pedagógicos construídos na sua formação inicial enquanto futuro professor de Geografia abarcaram que, a partir da construção de um pré-projeto considerado fundamental para sua respectiva aprendizagem em relação à pesquisa, foi possível dialogar com a teoria/prática e enfrentando os desafios presentes, conforme Almeida et al. (2010), Luz et al. (2018), Roza (2005) e o próprio Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPE – PDI (2019).

Foi bastante proveitoso, durante a disciplina foi proposto que fizéssemos um pré-projeto de pesquisa, e sem dúvidas a construção desse projeto contribuiu diretamente em nosso aprendizado sobre pesquisa, pois saímos da teoria e fomos para a prática, lidando com todos os desafios. [...] (EDPAEG₄).

É interessante perceber a colocação do EDPAEG₆ quando discorreu que os impactos pedagógicos construídos na sua formação inicial por meio da vivência da pesquisa na mencionada disciplina trouxeram uma perspectiva mais crítica e a capacidade de perceber diversos assuntos, conforme Prodanov e Freitas (2013). Do mesmo modo que a elaboração de um pré-projeto contribuiu tanto para a formação do sujeito como para a produção de artigos científicos para apresentar nos congressos da área e possibilitar essa vivência também com a pesquisa para os futuros alunos da escola. Veja a resposta a seguir:

Impactou na formação de uma criticidade e sensibilidade a vários assuntos. Tendo isso como base eu consigo transmitir para meus futuros alunos os conteúdos de forma mais coesa. Aprender a fazer um projeto contribui na minha formação integral mesmo, até para futuros congressos na área, quanto no ensino desses modelos para meus alunos. (EDPAEG₆)

Percorrendo os caminhos da pesquisa e tendo em vista as contribuições que esta possibilita a formação inicial de professores, é necessário lembrar também de algumas dificuldades em alguns casos específicos que os sujeitos em formação têm em realizar pesquisa e principalmente quando a pesquisa é voltada para os campos da Educação e, em particular para a Educação Geográfica.

Foi importante também realizar uma questão relacionada às dificuldades, porque alguns sujeitos também em alguns casos específicos têm dificuldades de se desenvolver pesquisas voltadas para o ensino de Geografia. Assim, realizou-se a seguinte pergunta aos

sujeitos desta pesquisa: Você teve dificuldades de se desenvolver pesquisas voltadas para o ensino de Geografia durante a sua formação inicial? Se sua resposta for sim ou não, explique.

Os EDPAEGs apontaram como dificuldades de se desenvolver pesquisas voltadas para o ensino de Geografia durante a formação inicial, aspectos relacionados o pouco histórico que têm na área de ensino de Geografia, como relata o EDPAEG₁₀: “Sim, tive um pouco de dificuldade para desenvolver as pesquisas devido a falta de conhecimento sobre a área”; ou seja, está cursando a Licenciatura não significa que o professor em formação inicial tem o domínio total da área de formação. Alguns egressos apresentam essas dificuldades, existindo alguns casos particulares, como explicou o EDPAEG₁₀, cuja dificuldade é relacionada ao pouco aprofundamento no ensino de Geografia.

Nesse mesmo sentido, o EDPAEG₁ pontuou que também teve dificuldades de desenvolver pesquisas no ensino de Geografia e explicou que “Sim. Até hoje sinto esta dificuldade, no nosso departamento são poucos os professores que trabalham com esta temática. Outro fator é que desde o início do curso eu sempre me interessei por Geografia Física”. Observa-se, na resposta desse sujeito, que sua dificuldade foi justamente porque desde o início da Licenciatura as pesquisas desenvolvidas foram mais centradas para área de Geografia Física. Além disso, o sujeito pontuou que são poucos professores pesquisadores do curso de formação de Licenciatura em Geografia do Departamento de Ciências Geográficas que desenvolvem/trabalham na linha do Ensino de Geografia.

É importante esclarecer que, independente da área específica em seu campo do saber da Geografia, os professores de Geografia devem possuir uma sólida formação, a exemplo de geomorfologia, climatologia, pedologia, cartografia, geografia da população, geografia cultural, geografia política, geografia agrária, geografia urbana, geografia econômica, dentre outras subdivisões da Geografia que são didaticamente estruturadas nos componentes curriculares destas Licenciaturas, consideradas dois blocos na Geografia: a Geografia Física e a Geografia Humana - que juntas constituem um saber interligado/único para o professor/geógrafo realizar suas funções legais (CARVALHO, 2019).

Nesse sentido, quando o professor de Geografia em formação inicial escolhe um campo da Geografia para desenvolver pesquisa e aprofundar sobre o objeto de estudo, não deve vender os olhos para os outros campos da Geografia ou querer se qualificar em uma área específica da Geografia, mas a partir dessa pesquisa conseguir aproximar a Geografia Física e a Geografia Humana em um único saber para sua a formação mais completa de professor/geógrafo.

O professor em formação inicial que vivencia a pesquisa não precisa estar limitado a uma temática específica da Geografia, tornando-se um especialista conforme Garcia e Alves (2002), Lampert (2007), Sales (2004), Soares (2005) entre tantos outros. Ele deve tentar aproximar e problematizar as pesquisas que desenvolvem durante a formação inicial para interrogar a realidade, dialogar com a área de formação, isto é, a Licenciatura, com foco também no ensino de Geografia. É interessante notar a resposta do EDPAEG₆ que converge com o nosso entendimento diante da análise: “Não. Tenho artigos tanto na área do ensino de Geografia quanto em outras áreas”.

Os EDPAEGs abordaram também que tiveram dificuldade de desenvolver pesquisas voltadas para o ensino de Geografia durante a formação inicial, porque a vivência da pesquisa foi tardia e com poucas oportunidades, gerando pouco incentivo em relação a esta. Também pontuaram caminhos que talvez melhorem essas dificuldades de aproximar as pesquisas sobre o ensino de Geografia, como a pesquisa ser discutida/apresentada já no início da graduação, conforme explicou o EDPAEG₄:

Sim, tive um pouco de dificuldade, pois a relação direta de nós estudantes com a pesquisa se deu muito tarde e em poucas oportunidades na graduação, acredito que isso não gerou em nós o incentivo para a pesquisa, talvez se essa importância e necessidade de pesquisar fossem abordadas logo no início do curso de uma forma mais presente, o aprendizado seria bem maior e de uma forma mais eficaz.

O EDPAEG₃ também explicou que teve dificuldade de desenvolver pesquisas voltadas para o ensino de Geografia, porém apresentou algo interessante na sua resposta quando pontuou que a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia contribuiu para realizar esse elo com a Geografia. Veja a resposta a seguir:

Sim, encontrei dificuldades principalmente na forma de estruturação da pesquisa e de suas ligações com a Geografia, fazer essa conexão foi difícil no início, mas com as metodologias apresentadas na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia o desenvolver da pesquisa foi de maior compreensão (EDPAEG₃).

Por fim, fez-se a seguinte pergunta: Quais as contribuições da pesquisa para a formação inicial dos professores de Geografia, assim como para o campo de atuação profissional? Discorra sua opinião.

As respostas coletadas discorreram que as contribuições da pesquisa para a formação inicial dos professores de Geografia poderão ajudar estes professores a formular questões que os ajudem a obter respostas perante os desafios encontrados no ambiente escolar, bem

como os que já atuam na Educação Básica serem capazes de buscar outras metodologias, ferramentas para aperfeiçoar e enriquecer sua prática docente, assim como, por meio da pesquisa, melhorem os processos de ensino-aprendizagem dos alunos, conforme André (2005), Demo (2006), Ludke (2005), Garcia e Alves (2002), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), entre muitos outros autores vistos nesta pesquisa que discutem sobre as contribuições da pesquisa na formação inicial e na prática dos professores.

A resposta obtida pelo EDPAEG₈ pontuou como contribuições da pesquisa para a formação inicial e campo de atuação profissional o professor “sair da zona de conforto” e ser capaz de buscar outras metodologias para enriquecer as aulas, e que, através da pesquisa, o professor consiga tomar decisões nas suas situações de ensino, marcadas pela incerteza: “A pesquisa ajuda ao professor sair da sua zona de conforto e ir atrás de novas coisas para a realização de suas aulas. [...]. Um professor que pesquisa consegue ir além do que está previsto”. Esta resposta sobre contribuições da pesquisa nos cursos de formação de professores e na prática se aproxima da discussão de André (2005).

Parafraseando André (2005), os cursos de formação de professores têm um importante papel: o de desenvolver uma atitude indagativa que os levem a observar e a formular questões que os ajudem a identificar os problemas e os desafios da sala de aula, seu principal lócus de atuação durante sua carreira profissional, assim como os levem a tomar decisões nas suas situações de ensino marcadas pela incerteza. Portanto, por meio da vivência da pesquisa, é possível caminhar o futuro professor/geógrafo a assumir uma postura indagativa perante a formação e a problematizar o contexto social de sua realização.

Outros destacaram que, dentre as contribuições da pesquisa para a formação inicial dos professores de Geografia, assim como para o campo de atuação profissional: superar os desafios no ambiente escolar, além disso, esta contribui para que os professores que já atuam realizem um elo entre as pesquisas que aprenderam durante a graduação e que agora passam a desenvolver na sala de aula na Educação Básica. Além disso, a pesquisa que antes era desenvolvida apenas no meio acadêmico, pode ultrapassar as barreiras e passar a ser realizada também na prática do professor em sala de aula, conforme a resposta do EDPAEG₃, que converge para este entendimento:

Primeiramente, a pesquisa envolvendo o ensino pode mostrar para o professor em formação os desafios que ele pode vir a enfrentar no ambiente escolar, ir para à escola e pesquisar o seu funcionamento e suas dinâmicas contribuem grandemente para a formação. Segundo, a atuação profissional fica mais ampla com a capacidade de realizar as pesquisas antes desenvolvidas na academia que passam a ser realizadas na prática e

no cotidiano juntamente com a perspectiva do ensino. Além de tudo uma organização herdada do rigor que exige uma boa pesquisa que acabam por transpor a barreira da pesquisa e vai para a prática de ensinar.

Nesse sentido, o professor de Geografia em sua formação inicial, ao ter a vivência da pesquisa enquanto eixo norteador, terá condições para lidar e compreender os desafios a enfrentar no cenário educacional, proporcionado assim a possibilidade de exercício do magistério de forma muito mais crítica, podendo refletir e questionar todo o contexto no qual está inserido, conforme André (2005), Ludke (2005), Luz et al. (2018), Nóbrega-Therrien e Therrien (2006), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), entre outros.

O professor que tiver familiaridade com a pesquisa, com certeza irá ter mais facilidade para lidar com os desafios e as mais diversas possibilidades presentes em sala de aula. Buscando variadas técnicas e alternativas para chegar ao resultado que espera, para que o conhecimento seja passado de uma forma eficaz e com qualidade para os alunos, pois não estará limitado e irá buscar novas formas de atualizar, aprimorar e criar novos caminhos para o aprendizado (EDPAEG₄).

O EDPAEG₅ discorreu que, dentre as contribuições da pesquisa para a formação inicial dos professores de Geografia, assim como para os que já atuam na escola, os professores deveriam investir mais em suas pesquisas, no intuito de trazer novos temas para área de Geografia. O professor ainda pode contribuir e é capaz de mudar o cenário educacional atual. Ele acrescentou sobre a importância de os professores utilizarem mais a tecnologia e ampliarem mais esse campo, e finalizou com a frase: “Somos professores de Geografia e isso diz muito”.

É de grande importância. Acho que todo professor de formação inicial ou já aqueles que atuam há muito tempo, deveria investir mais em suas pesquisas para ampliar o leque de conhecimento e trazer novos temas para as pesquisas em Geografia. O professor pode contribuir de forma ativa nessa transformação de ensino que ainda vivemos, é importante aderir toda a tecnologia que vem a nosso favor e crescer nesse campo que ainda deixa a querer mais. (EDPAEG₅).

O professor é aquele que pode transformar o contexto no qual ele se insere, mudar a educação, o ensino de Geografia, além de ser produtor do seu próprio conhecimento, ser protagonista na cena pedagógica. A partir da pesquisa, o professor pode recomeçar e mostrar que tudo não é definitivo e que pode agir de maneira consciente e crítica e de forma ativa no ensino de Geografia na atualidade, como apontam Donatoni e Coelho (2007), Demo (2006), Pesce (2012). Ademais, as pesquisas desenvolvidas no campo da

Geografia e o ensino de Geografia têm tido sua relevância nas duas últimas décadas, tendo sua consolidação como campo investigativo, conforme Cavalcanti (2016), que realizou um estudo exploratório sobre o estado da arte da pesquisa no campo do Ensino de Geografia, mostrando que esses resultados expressaram avanços significativos na área.

Diante das respostas sinalizadas, é oportuno frisar que a pesquisa exerce papel fundamental na formação inicial de professores, pois permite articular a área de formação e a realidade onde vai atuar e desenvolver outras metodologias com foco na pesquisa aplicada ao ensino de Geografia problematizando-as com o contexto do mundo atual. Isso vai ao encontro das respostas dos EDPAEGs, que partem do entendimento que a pesquisa exerce papel essencial, pois possibilita problematizar com a formação e a realidade escolar e contribui para o reconhecimento do professor de Geografia em formação inicial enquanto um pesquisador no próprio ambiente escolar.

No que constitui a possibilidade de articulação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores, alguns EDPAEGs dialogaram com a discussão de André (2005), que traduz a inserção da pesquisa nas próprias disciplinas e atividades do curso, além de ser incentivada pelos docentes do curso de formação.

Em relação à vivência da pesquisa em outros componentes curriculares do curso de Licenciatura em Geografia alguns EDPAEGs relataram que a pesquisa em alguns momentos na formação inicial foi tratada mais superficialmente. A formação foi voltada em torno dos conteúdos específicos sem instrumentalizar com os aspectos pedagógicos, deixando de lado uma formação que contemple o professor/geógrafo através da relação entre ensino e pesquisa.

Portanto, nem sempre essa preocupação com a articulação entre ensino e pesquisa em alguns cursos de formação inicial de professores de Geografia acontece. Desse modo, o ensino não é colocado como prioridade ao lado da pesquisa. O importante nessa formação é aprender os conteúdos relacionados às disciplinas específicas do curso. Segundo Pinheiro (2006), um dos desafios é o desconhecimento do papel do professor e da sua função na universidade, da atuação na docência e na pesquisa, levando em consideração lecionar apenas os conteúdos específicos desconectados da realidade e da escola básica.

No entanto, a partir do histórico inicial (vivência de pesquisa) em outros componentes curriculares, independente da forma com que foram abordados os sujeitos têm um histórico, e agora especificamente a vivência de pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia e os impactos pedagógicos construídos, alguns EDPAEGs relataram impactos pedagógicos positivos em relação a outras formas de realizar pesquisa,

aprendendo outros elementos sobre a mesma. Sobre se a ação do professor da disciplina contribuiu/impactou no processo de construção da pesquisa para a formação inicial e enquanto futuro professor de Geografia, há o reconhecimento de ser um professor pesquisador no próprio ambiente escolar, gerando um impacto da disciplina por si só.

O propósito deste estudo foi problematizar e refletir a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, a partir da vivência da pesquisa nos componentes curriculares do curso e, especificamente, dos impactos pedagógicos construídos na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia no tocante à pesquisa, uma vez que estas questões se constituem premissa necessária para a formação de professores, visando a pensar com autonomia e a construir novas e mais ricas compreensões do mundo. Daí a necessidade de articular o ensino com a pesquisa para uma atitude de indagação sistemática e planejada, uma autocrítica, um questionamento crítico constante e problematização do conhecimento perante a realidade, estando em conformidade com Cavalcanti (2003).

Encerra-se aqui este capítulo, em que procurou-se apresentar a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e os impactos pedagógicos construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia e em outros componentes curriculares a partir das contribuições dos sujeitos participantes da pesquisa. A seguir, as considerações finais a respeito deste objeto pesquisado, retomando os objetivos, respondendo os questionamentos iniciais e apresentando algumas proposições na área de formação de professores de Geografia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os que esperam no Senhor renovam as suas forças, criam asas, como águias, correm e não ficam exaustos, podem andar que não se cansam.
(ISAÍAS: 40.31)

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação se propôs a construir uma reflexão sobre a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), bem como os impactos pedagógicos construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa. Desse modo, destaco que a articulação entre ensino e pesquisa cabe como proposta essencial na formação inicial de professores de Geografia: a ideia principal não é a de formar pesquisadores e estar restrito a uma temática específica da Geografia, mas se constitui enquanto processo de autonomia e problematização da realidade.

A pesquisa, antes de tudo, constitui-se na autonomia do sujeito, na emancipação do diálogo, proporciona construir novas e mais ricas compreensões da realidade na qual o sujeito está inserido (CAVALCANTI, 2003). Pesquisar também é vontade de viver, é atribuir condição humana, acreditar nas mais belas transformações que podem acontecer, bem como recomeçar (porque nem tudo tem um fim em si mesmo), mudar a si próprio e o outro sujeito, trocar o roteiro e a direção, compreender as injustiças, as desigualdades existentes no mundo atual, e tentar, enquanto sujeito inconcluso, inverter a situação, tendo a esperança para superar todos os desafios e se reconhecer como protagonista do próprio conhecimento, de seu trabalho e papel social, essencial ao desenvolvimento de uma ação crítica.

Dessa maneira, os caminhos trilhados tiveram como base inicial a discussão de diversos autores que contribuíram para melhor compreender o processo dinâmico que existe por traz da relação entre ensino e pesquisa na formação de professores, especialmente a formação inicial de professores de Geografia. Assim, as considerações retratam uma marca entre o objeto de estudo e o pesquisador, pois correspondem à abrangência do estudo, determinando o tempo/espço, a restrição/delimitação do universo da pesquisa. Desse modo, os fenômenos estudados têm seus significados, seus valores, são dinâmicos, porque a todo o momento estão sujeitos a mudanças. Além disso, essa dinamicidade da pesquisa caminha ao lado do contexto social, pois, no momento da busca, pode apresentar novas explicações, interpretações, problematizações e novos achados, conforme Almeida (2019).

Sendo assim, uma das questões que influenciou a realização dessa pesquisa está atrelada na essência de compreender os desafios e proposituras da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, assim como as formas de relações entre ensino e pesquisa e os impactos pedagógicos positivos e negativos construídos nessa formação a partir da vivência da pesquisa nos componentes curriculares do curso e, especialmente, na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A caminhada foi longa, pois contribui para compreender o papel e o lugar da pesquisa no âmbito da formação inicial de professores de Geografia.

Partindo desse pressuposto, perante a identificação, a análise e a interpretação dos dados obtidos pelos egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs), comprovou-se que a pesquisa exerce papel fundamental na formação inicial de professores de Geografia. A pesquisa permite o se descobrir enquanto professor, o despertar para a pesquisa, a busca de metodologias de ensino e a aprendizagem, bem como ser professor pesquisador no próprio ambiente escolar, conhecer a realidade em que está inserido.

Sobre a proposta de trabalhar a pesquisa na formação inicial de professores, ela deve estar presente nas disciplinas do curso e nas próprias atividades do docente do curso de formação, possibilitando a sua articulação com o ensino. Com relação aos impactos pedagógicos construídos a partir da vivência da pesquisa nos componentes curriculares, esta foi vista primeiramente mais de maneira objetiva. Em seguida, a vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia a partir do histórico de pesquisa em outros componentes curriculares contribuiu em outras formas de realizar pesquisa, de reconhecer-se enquanto futuro professor pesquisador da área de formação.

Desse modo, antes de qualquer coisa, num primeiro momento, foi construído o capítulo do Estado da Questão sobre o que já foi publicado em relação ao objeto de estudo, percorrendo sobre quem já escreveu sobre o objeto de estudo, as questões que já foram abordadas e as lacunas existentes na literatura. Esse mapeamento foi de suma importância e contribuiu para a busca inicial de pesquisas realizadas. É fundamental destacar que o capítulo surgiu no “1º Café em Debate do GPECI” com o tema *O Estado da Questão para construção teórica do objeto de estudo*, o que possibilitou novos entendimentos para o encaminhamento da dissertação. Como ponto de partida e fonte para análise das teses e dissertações, teve-se a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

A partir da construção do Estado da Questão, tendo como recorte temporal o período entre 2000 e 2012, e através dos descritores no momento da busca - *Ensino, Pesquisa, Graduação e Professor* – encontrou-se 4 (quatro) dissertações e 3 (três) teses que demonstraram a relação entre ensino e pesquisa na formação de professores traduzindo em algumas disciplinas no tocante à vivência da pesquisa, assim como mencionando alguns desafios de trabalhar esta articulação, entre outras questões. É essencial destacar que a escolha por este recorte temporal não exclui as pesquisas mais recentes, pois há outras pesquisas que tratam sobre o Ensino de Geografia, a formação inicial de professores de Geografia no PIBID e as novas tecnologias para o ensino da Geografia.

Com base no levantamento bibliográfico e documental no tocante à formação inicial de professores de Geografia, observou-se inicialmente que estava pautada numa formação com características aligeiradas e fragmentadas sem preocupação com a formação humana, a autonomia do professor e a criticidade da realidade e de todo o processo educacional. Ainda em relação à formação inicial de professores, ao caminhar pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, o curso de Licenciatura, de graduação plena de 2002 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada de 2015 trazem e constituem um conjunto de princípios: de fundamentos da formação, a titulação dos profissionais egressos, assim como os formatos, a duração, a valorização dos professores e os estabelecimentos dessa formação, além da organização institucional e curricular.

Ademais, estabelece atividades complementares que os professores em formação inicial irão participar, como Seminários, Projetos de Iniciação Científica, Iniciação à Docência, Residência Docente, Monitoria e Projetos de Extensão, conforme o projeto de curso da instituição, no intuito de aproximar os futuros professores com o ambiente escolar, havendo, dessa maneira, uma aproximação entre as instituições e as redes de educação pública. Ainda destacando a pesquisa como eixo fundamental da interdisciplinaridade na formação de professores, observou-se que essas sucessivas mudanças contribuíram para (re)pensar a formação inicial de professores de Geografia para o momento atual.

Percebeu-se também, por essa perspectiva, que a formação inicial de professores de Geografia poderá contribuir para uma formação de um profissional capaz de procurar outras metodologias e ferramentas no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, de mudar/transformar, interpretar e problematizar a realidade na qual está inserido, de

recomeçar o que não está dando certo, entre outras premissas necessárias. Para isso, tal formação deve estar pautada no processo de construção do conhecimento enquanto elemento básico, na criticidade, na educação emancipadora, como cidadãos e sujeitos criativos e propositivos, na autonomia, rompendo com uma formação voltada apenas no sentido estrito da sala de aula.

Ainda nesse processo de formação inicial de professores de Geografia, entra a pesquisa enquanto pilar fundamental que visa a contribuir de maneira significativa para os professores em formação inicial desenvolverem a atitude indagativa, compreenderem os desafios a enfrentar no ambiente escolar, a duvidar, a tomar decisões diante das incertezas, pois é necessário questionar e problematizar as respostas prontas colocadas na nossa direção.

Com isso, também se observou que o contato inicial com a pesquisa é um momento rico para o futuro professor de Geografia trilhar durante a graduação, pois é nesse momento que tal profissional em formação inicial consegue construir um entendimento sobre a pesquisa e, se não conhece, passa a desvendar e explorar para melhor conhecer e problematizar. Desse modo, pesquisar na graduação é uma ação de descobrir, de buscar, de duvidar, da capacidade e da atitude de aprender, de intervir de forma alternativa.

Nesse sentido, o contato inicial com a pesquisa pode aparecer de diversas maneiras no cotidiano acadêmico do professor de Geografia em formação inicial, como a inserção da pesquisa nos componentes curriculares, nos grupos de pesquisa, no Programa Institucional de Monitoria, no Programa Institucional de Bolsas, de Iniciação à Docência (PIBID), no Programa de Residência Pedagógica, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e em Programas e Projetos de Extensão que inserem o sujeito no mundo da pesquisa. Esse contato inicial é muito importante porque significa a primeira marca do sujeito com a pesquisa na graduação; é o momento de conhecer, de explorar, independente da forma como foi vivenciada a pesquisa.

Sobre a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, verificou-se que deve objetivar a formação do professor questionador, inquiridor, crítico, além de despertar o senso investigativo, tendo em vista a intervenção na realidade e dos desafios a enfrentar. Ademais, o ensino vinculado à pesquisa permite uma conexão entre os saberes específicos do curso e os saberes pedagógicos da realidade e da escola básica. Com isso, há várias maneiras de articulação para materializar a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, como: incentivar pesquisa nos componentes curriculares que expressem a realidade escolar, levando-os a

(re)fazer o processo de pesquisa; os docentes do curso de formação inserirem temas e projetos de pesquisa nas ementas das disciplinas entre outras possibilidades de integração. Entretanto, também se notou que esta articulação ainda é um grande desafio, pois em alguns cursos de formação inicial de professores o que prevalece é o ensino distanciado da pesquisa.

Dessa maneira, a ideia básica de formação inicial de professores de Geografia pautada na pesquisa, não se trata de formar o pesquisador apenas, ou estar restrito a uma temática específica da Geografia. O que é fundamental é que ele instrumentalize os saberes específicos de sua área de formação com os saberes pedagógicos, educacionais e tanto outros, sendo capaz de interrogar a realidade que vive, de tomar decisões diante das incertezas, de construir um conhecimento crítico, que possibilite uma formação de cidadãos emancipados intelectualmente sobre a área de formação, o ensino, o ensino de Geografia, entre outros elementos importantes e necessários para a formação do professor.

Sendo assim, partindo do pressuposto sobre o papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, a partir do entendimento dos egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs), comprovou-se que a pesquisa permite articulação entre a formação e a realidade escolar, podendo (re)criar ferramentas e metodologias de ensino-aprendizagem com foco no ensino de Geografia, contribuindo para a troca na relação entre professor e aluno, também despertando no professor a postura de um pesquisador impulsionado a conhecer melhor a realidade em que está inserido.

Já com relação à inserção da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia, segundo os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs), ela deve estar presente durante todo o processo de formação, de maneira constante em articulação com o ensino, entre as possibilidades de vivência da pesquisa, nos componentes curriculares, nas propostas do docente do curso de formação, visando à articulação entre ensino e pesquisa. Essas afirmativas respondem às questões levantadas nesta pesquisa.

Viu-se que a vivência da pesquisa na formação inicial a partir dos componentes curriculares do curso de Licenciatura em Geografia para alguns egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs) teve pouca articulação entre o ensino e a pesquisa. A preocupação era ensinar os conteúdos específicos e não como um conjunto de saberes necessários para a formação do professor/geógrafo. A pesquisa foi vista mais numa perspectiva sobre o que é, para que serve, gerando de certa forma um impacto negativo para a formação de professor, o que reflete sobre alguns desafios de articulação entre ensino e pesquisa que ainda são presentes nos cursos de formação inicial de professores de Geografia.

Com isso, são justamente alguns componentes curriculares dos últimos semestres do curso que tratam da relação entre ensino e pesquisa que aparecem de forma mais clara é que vão contribuir para articular esses saberes.

Ainda com relação à vivência da pesquisa, independente da forma como a pesquisa foi abordada, ela contribuiu para os sujeitos construírem um histórico de pesquisa durante a formação inicial de professores de Geografia a partir dos componentes curriculares. Foi a partir desse histórico e, posteriormente, da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia que a cena mudou.

No tocante à questão de que a vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia teve impacto pedagógico em outras formas de realizar pesquisa, os egressos indicaram que sim, apontando que aprenderam outros elementos sobre a pesquisa, ampliaram sua visão em relação a esta, aprenderam novas maneiras de realizar pesquisa, compreenderam a inserção da pesquisa na profissão de professor, além de aprenderem a ser um professor pesquisador sem perder sua postura de professor. Desse modo, foram vários esclarecimentos significativos, como afirmou um dos egressos, que impactaram diretamente em outras maneiras de realizar pesquisa, passando a enxergá-la com outro olhar.

Sobre a questão de a prática do professor da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia ter contribuído/impactado no processo de construção da pesquisa para a formação inicial enquanto futuro professor de Geografia, os egressos também indicaram que sim, pois contribuiu/impactou para uma nova maneira de realizar pesquisa, na construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com foco no ensino de Geografia, uma vez que este inicialmente não estava atrelado à área de formação, a Licenciatura.

Em relação à vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia sobre os impactos pedagógicos construídos para a formação inicial do futuro professor de Geografia, foram mencionados os seguintes impactos positivos pelos egressos: se reconhecer e se descobrir como professor pesquisador; ensinar e pesquisar estão ligados de maneira intrínseca; o professor, por meio da pesquisa, é capaz de mudar a realidade em que está inserido; a pesquisa pode ser desenvolvida na escola; além de proporcionar um novo olhar sobre a pesquisa para soluções de problemas, elaboração de projetos de pesquisa com foco no ensino de Geografia e uma formação crítica com relação a vários assuntos.

Desse modo, esses impactos pedagógicos são vivenciados de forma mais intensa ou menos intensa por todos os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs), seja para a formação de geógrafo, professor/geógrafo ou para a formação pessoal, pois a pesquisa, quando é bem abordada para os professores de Geografia

em formação inicial, poderá ser frutífera, gerando provocações ricas, questionamentos significativos e amadurecimento crítico, colocando o ensino enquanto processo de construção do conhecimento.

Quando se perguntou aos egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia (EDPAEGs) se houve dificuldades de se desenvolver pesquisas voltadas para o ensino de Geografia durante a formação inicial, um número expressivo respondeu que sim, porque não têm aprofundamento na área de ensino de Geografia. Outro motivo apontado é que há poucos docentes do curso de formação que dominam e trabalham com esse campo no departamento de Ciências Geográficas, o que dificulta a formação inicial e, conseqüentemente, a realização de pesquisas de ensino de Geografia. Além disso, ao se voltarem às pesquisas para a Geografia Física, também afirmaram que uma das questões para essa dificuldade é a vivência de pesquisa na formação inicial acontecer de maneira tardia, bem como a dificuldade de instrumentalizar os saberes da Geografia Física ou Geografia Humana com pesquisas com foco no ensino de Geografia. Foi justamente a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia que contribui para essa articulação e tal entendimento.

Sobre as contribuições da pesquisa para a formação inicial de professores de Geografia, assim como para o campo de atuação profissional, os egressos relataram que a pesquisa contribuiu para buscar outras metodologias de ensino-aprendizagem, para tomar decisões sobre nas situações de ensino, marcadas pelas incertezas, para compreender os desafios a enfrentar no cenário educacional, além de articular a pesquisa que aprendeu na formação inicial e materializar no campo de atuação profissional com foco no ensino, bem como criar novos caminhos para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Além disso, a partir das pesquisas realizadas na escola, poder ampliar esse campo de conhecimento.

Em síntese, a pesquisa de caráter teórico-prática apresentou-se como uma base, tendo em vista as possibilidades de articulação entre ensino e pesquisa na formação inicial. No entanto, essa articulação não acontece de maneira simples, tendo alguns desafios existentes na formação inicial de professores de Geografia. Já nos últimos anos do curso, quando são ofertadas as disciplinas dos saberes de Ensino de Geografia, a exemplo de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, há uma maior contribuição para os impactos pedagógicos positivos em outras maneiras de realizar pesquisa, apresentando a relação entre ensino e pesquisa na qual a dissertação buscou compreender.

Assim, a formação inicial de professores, inclusive de Geografia, deve ser pautada sim na relação entre ensino e pesquisa, porém é uma proposta que deve ser trabalhada em conjunto (professores e instituições). Para essa articulação acontecer, é necessário considerar

os aspectos que a circunscreve, a exemplo do papel da universidade, dos modelos para realização de pesquisa na universidade, e do ensino colocado como prioridade ao da pesquisa. Tal perspectiva ainda é um desafio para alguns cursos de formação de professores.

A pesquisa auxiliará a comunidade acadêmica no desenvolvimento de futuros estudos acerca do assunto, uma vez que não está fechada em si mesma nem encerra os debates que abarcam o objeto de estudo, mas fomenta ainda mais a problematização sobre tal objeto. Também é importante ressaltar que não existe uma formação inicial de professores totalmente perfeita (CARVALHO, 2019), mas quando (re)pensada numa perspectiva de formação social, cultural e política dos cidadãos. Ademais, no tocante à vivência da pesquisa como princípio e eixo norteador na formação inicial de professores, possibilitando uma formação crítica, autônoma e emancipadora perante a realidade, o cenário muda e o protagonista de cena passa ser o próprio professor de Geografia em formação inicial. Com isso, visa também a democratizar o conhecimento para que seja e esteja acessível não somente para os profissionais da área, mas também para todos aqueles que se interessam pelo objeto de estudo.

É fundamental aprofundar esse debate, porque o professor de Geografia em formação inicial e os que já atuam na Educação Básica não devem perder seu papel de professor protagonista na sociedade brasileira atual e na vida dos alunos, sobretudo nesse momento atual que o Brasil e o mundo vivência. Trata-se de um grande desafio em especial na saúde e na educação, no qual o professor é e sempre será capaz de mudar/transformar o meio no qual está inserido, de problematizar e analisar criticamente o cenário educacional, encarando com inconformidade o processo de ensino-aprendizagem dos alunos para buscar alternativas que visem à melhoria e emancipação dos sujeitos, autonomia e postura crítica perante a realidade.

Portanto, a ideia básica de formar o professor na relação entre ensino e pesquisa não é objetivando conceber um especialista no campo da Geografia, mas sim compreender todas as relações educacionais, sociais e os interesses políticos que ficam por traz e contra o verdadeiro sentido da educação, que é tão defendida por vários pesquisadores da Educação, da Ciência Geográfica e por todos os interessados que se preocupam com a melhoria da formação de professores para uma ação emancipada, que não é buscada pelo Estado em alguns momentos.

Assim, finalizo este estudo apresentando a pesquisa sobre a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e os impactos pedagógicos construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa, assim como compreendendo as diversas pesquisas em várias áreas do conhecimento

que contribuem para os diferentes cursos de graduação, entre os quais o de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Concluo a presente investigação não com um fim em si, mas com um gosto de quero mais. Trata-se de um ciclo aberto repleto de novas indagações, pois o sujeito deve ser inacabado e inconcluso e cada vez mais seguir com uma conclusão infinita. Desse modo, que esse estudo ganhe novos rumos e contribua para a Geografia, com foco especial na formação inicial de professores de Geografia, para que ela seja pensada perante a relação entre ensino e pesquisa como processo de construção do conhecimento, para que vejam a Geografia e a área de formação para além de uma disciplina de mera reprodução, passando a enxergá-la com autonomia e com novas proposituras sobre a realidade atual.

Finalizo afirmando que ainda é preciso dar continuidade a essa problemática e não generalizar essas questões, pois os desafios sempre persistirão na formação inicial de professores de Geografia. Enquanto a vivência da pesquisa e os impactos pedagógicos aconteceram de maneira boa para alguns sujeitos, para outros isso não aconteceu, algo que não depende apenas do docente do curso de formação, mas da própria instituição e de todas as questões que a circunscreve.

Por fim, ressalto que se trata de um caminho em construção de sucessivas mudanças para entender de forma mais minuciosa essa problemática (ALMEIDA, 2019), entender não como o fim, nem como palavras definitivas sobre a formação inicial de professores de Geografia, uma que vez o conhecimento é inacabado, então avante. Nesse sentido, que este estudo contribua para o diálogo entre a Geografia e demais área afins do conhecimento, como a Educação. Com isso, espero que a pesquisa possa fazer parte de todo o processo de formação inicial de professores de Geografia e promover uma formação de sujeitos críticos, autônomos, propositivos e emancipados.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. Estudo Geográfico da cidade no Brasil: Evolução e Avaliação Contribuição à História do Pensamento Geográfico Brasileiro. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.56, n. 1/4, p. 21-122, jan./dez. 1994.

ABREU, R. M. A.; ALMEIDA, D. M. Refletindo sobre a pesquisa e sua importância na formação e na prática do professor do ensino fundamental. In; **Revista da FAGED**, Salvador, n. 14, p. 73-85, jul./dez. 2008.

ABU-EL-HAL, M.; LEITINHO, M. C.; CARDOSO, N. S. O ensino com pesquisa: contextualização e reflexões metodológicas. In: FARIAS, I. M. S.; THERRIEN, S. M. N.; CARVALHO, A. D. F. **Diálogos sobre a formação de professores: olhares plurais**. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 21-31.

ALMEIDA, L. B. A relação ensino e pesquisa na universidade. In: **Anais do II EDIPE - Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**. Anápolis - GO: UEG, 2007. Disponível em: <http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/IIedipe/pdfs/a_relacao_ensino_e_pesquisa.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

ALMEIDA, M. S. C. et al. Docência Universitária, Inovando através do Ensino com Pesquisa. In: **Revista Plurais**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 175-187, maio/ago. 2010.

ALMEIDA, Juliana Nóbrega de. **ACESSO E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES EGRESSOS DA ESCOLA PÚBLICA NO ENSINO SUPERIOR: um olhar crítico para as especialidades na Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sede**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

ANDRÉ, M. E. D. A. **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 4. ed. Campinas - SP: Papirus, 2005.

_____. Ensinar a pesquisar... como e para quê? In: **Anais XIII ENDIPE - Educação formal e não formal, processos formativos e saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social**. Recife: UFPE, 2006.

ANDRADE, R. A. Q.; DUARTE, S. L. Um olhar dado à pesquisa na formação docente. In: **Anais do I CONEDU - Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande/PB: Centro de Convenções, 2014. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_15_08_2014_15_05_23_idinscrito_33117_499ffe9aeba58808043b93822884b9c2.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

ASSIS, R. M.; BONIFÁCIO, N. A. A formação docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão. In: **Revista Educação e Fronteiras On Line**, Dourados - MS, v. 1, n. 3, p. 36-50, set./dez. 2011.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BATISTA NETO, J. Formação de professor no contexto das reformas educacionais e do estado. In: SANTIAGO, E. M.; BATISTA NETO, J. (Orgs.). **Formação de professores e prática pedagógica**. Recife: Massangana, 2006. p. 53-71.

BELLO, J. L. P. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro, 2004.

BIANCHETTI, L. et al. Iniciação científica: construindo o pensamento crítico. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 39, n. 25, p. 248-253, set./dez. 2010.

BISSOTO, M. L. et al. A articulação entre a formação de professores e o ensino-pesquisa socialmente comprometidos. In: **Revista Série-Estudos**, Campo Grande, v. 22, n. 46, p. 17-36, set./dez. 2017.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

BORTOLINI, M. R. **A pesquisa na formação de professores: experiências e representações**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 13 set. 2020.

_____. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. Resolução nº 1 de 18 de fevereiro de 2002. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura, de graduação plena**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

_____. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de Licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda Licenciatura) e para a formação continuada**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=70431-res-cne-cp-002-03072015&Itemid=30192>. Acesso em: 13 set. 2020.

CARMO, P. M. S. **Pesquisa e prática pedagógica: discursos sobre a profissionalidade das estudantes/professoras em formação**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru - PE, 2013.

CASTELLAR, S. M. V. A formação de professores e o ensino de Geografia. In: **Revista Terra Livre**, São Paulo, n. 14, p. 51-59, jan./jul. 1999.

_____. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, E. M. B.; MORAES, L. B. (Orgs.). **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia - GO: Vieira, 2010. p. 39-57.

CARVALHO, J. I. F. **Formação inicial de professores de geografia por meio do PIBID: trajetórias formativas.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

CAVALCANTI, L. S. A formação profissional em Geografia. In: **Anais do I EDIPE - Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino.** Goiânia - GO: 2003. Disponível em: <<http://cepedgoias.com.br/edipe/Iedipe/sessao-lana.htm>>. Acesso em: 13 set. 2020.

_____. Formação inicial e continuada em Geografia: Trabalho pedagógico, metodologias e (re)construção do conhecimento. In: ZANATTA, B. A.; SOUZA, V. C. (Orgs.). **Formação de professores: Reflexões do atual cenário sobre o ensino da Geografia.** Goiânia: NEPEG, 2008. p. 85-102.

_____. Para onde estão indo as investigações sobre Ensino de Geografia no Brasil? Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. Bol. In: **Goia. Geogr.** (Online), Goiânia, v. 36, n. 3, p. 399-419, set./dez. 2016.

CHARLOT, B. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2005.

COLTRINARI, L. A pesquisa acadêmica, a pesquisa didática e a formação do professor de geografia. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, O. U. (Orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-118.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DESLANDES, S. F. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, S. C. M. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002. p. 31-50.

DONATONI, A. R.; COELHO, M. C. P. Reflexões sobre o ensino, pesquisa e formação de professores na sociedade contemporânea. In: **Cadernos de Educação,** Pelotas, n. 29, p. 73-88, jul./dez. 2007.

ECLESIASTES. **Bíblia Sagrada.** Brasília: Paulus, 1991. p. 818.

ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E. A pesquisa como eixo de formação docente. In: ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E. (Orgs.). **Professora Pesquisadora- uma práxis em construção.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 11-23.

FAORO, J. C. **Um olhar sobre o mito do indissociável: A pesquisa no ensino e o ensino da pesquisa na graduação.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica.** Fortaleza: UECE, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2. ed. Chapecó - SC: Argos, 2012.

GARCIA, R. L.; ALVES, N. Conversa sobre pesquisa. In: ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E. (Orgs.). **Professora Pesquisadora - uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 97-117.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro, 2002.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A, 1989.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

HEIDEMANN, L. A. et al. Ferramentas online no ensino de ciências: uma proposta com o Google Docs. In: **Revista Física na Escola**, v. 11, n. 2, p. 30-33, out. 2010.

LACERDA, M. P. Por uma formação repleta de sentido. In: ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E. (Orgs.). **Professora Pesquisadora - uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 67-80.

LAMPERT, E. O ensino com pesquisa: Realidade, desafios e perspectivas na universidade brasileira. In: **Revista Comunicações**, Piracicaba - SP, v. 14, n. 1, p. 71-87, jun. 2007.

_____. O ensino com pesquisa: Realidade, desafios e perspectivas na universidade brasileira. In: **Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación**, Coruña - Espanha, v. 16, n. 1-2, p. 31- 44, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LUDKE, M. A complexa relação entre o professor e a pesquisa. In: ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas - SP: Papirus, 2005. p. 27-54.

LUZ, L. F. et al. Professor pesquisador: construção dos saberes docentes no contexto de sua prática. In: **Anais V CONEDU - Congresso Nacional de Educação**. Olinda - PE: Centro de Convenções, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_SA1_ID8879_16092018205735.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

MARTINS, R. E. M. W. **Os desafios do processo formativo do professor de Geografia**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

_____. A formação do professor de geografia: aprendendo a ser professor. In: **Revista Geosul**, Florianópolis, v. 30, n. 60, p. 249-265, jul./dez. 2015.

MENEZES, V. S.; KAERCHER, N. A. A formação docente em Geografia: por uma mudança de paradigma científico. In: **Revista Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 47-59, jul./dez. 2015.

MINAYO, S. C. M. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.

NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, S. C. M. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002. p. 51-66.

NÓBREGA-TERRIEN, S. M.; TERRIEN, J. Os trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas. In: **Revista Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 5-16, jul./dez. 2004.

_____. Ensino e pesquisa nos cursos de graduação em educação e saúde: apontamentos sobre a prática e análise dessa relação. In: **Revista da FAGED**, Salvador, n. 10, p. 279-293, ago. 2006.

NOVA, C. C. C.; SOARES, S. R. A relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores, na visão de docentes universitários. In: **Revista Educação e Emancipação**, São Luís - MA, v. 5, n. 2, p. 83-105, jul./dez. 2012.

NOVA, C. C. O currículo e a relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores: tensões para a docência universitária. In: **Revista Espaço do Currículo**, Paraíba, v. 8, n. 3, p. 345-355, set./dez. 2015.

NUÑEZ, I. B.; RAMALHO, B. L. A pesquisa como recurso da formação e da construção de uma nova identidade docente: notas para uma discussão inicial. In: **Revista EccoS**, São Paulo, v.7, n. 1, p. 87-111, jun. 2005.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 1. ed. Recife: Bagaço, 2007.

PADILHA, M. I. C. S.; CARVALHO, M. T. C. O aluno de graduação e a pesquisa científica. In: **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 281-295, ago. 1993.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação, perspectivas sociológicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

PESCE, M. K. **A formação do professor pesquisador nos cursos de Licenciatura: a perspectiva do professor formador e dos licenciandos**. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

PESSOA, R. B. **Professores de Geografia em início de carreira: Olhares sobre a formação acadêmica e o exercício profissional.** Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no Ensino Superior.** São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 21-55.

PINHEIRO, A. C. Dilemas da formação do professor de Geografia no ensino superior. In: CAVALCANTI, L. S. (Org.) **Formação de Professores: Concepções e práticas em Geografia.** Goiânia: Vieira, 2006. p. 91-108.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. Y.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em Ciências Sociais.** 4. ed. São Paulo: Gradiva, 2005.

RAUSCH, R. B. Formação do professor reflexivo-pesquisador por meio do estágio na pedagogia. In: **Anais VIII EDUCERE - Congresso Nacional de Educação.** Curitiba - PR: PUCPR, 2008. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/442_682.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

ROCHA, G. O. R. Um breve histórico da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil. In: **Revista Terra Livre,** São Paulo, n. 15, p. 129-144, 2000.

ROCKENBACH, I. A. **A formação inicial de professores de Geografia: diálogos com a produção científica atual, os saberes docentes e o Conhecimento Pedagógico do Conteúdo.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

ROZA, J. P. **A pesquisa no processo de formação de professores: Intenções e experiências docentes e discentes e as limitações deste exercício – Um olhar sob duas realidades educacionais.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SALES, M. A. **O ensino pela pesquisa: Uma atitude necessária à formação do professor no ensino da Geografia.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SAMPAIO, A. A. M.; VLACH, V. R. F. Concepções teóricas e pesquisa no ensino de geografia. In: ZANATTA, B. A.; SOUZA, V. C. (Org.). **Formação de professores: Reflexões do atual cenário sobre o ensino da Geografia.** Goiânia: Vieira. 2008, p. 53-68.

SANTOS, L. L. C. P. Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa. In: ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 4. ed. Campinas - SP: Papirus, 2005. p. 11-25.

SANTOS, R. A. **O professor de Geografia e o conhecimento docente: Diálogos na construção do conhecimento profissional**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SEVERINO, A. J. Ensino e pesquisa na docência universitária: Caminhos para a integração. In: **Cadernos Pedagogia Universitária**, São Paulo, n. 3, p. 1-40, abr. 2008.

SILVA, A. M. R.; SPINELLI, J. Ensino e pesquisa: refletindo sobre a formação profissional em Geografia pautada no desenvolvimento da competência investigativa. In: **Revista Terra Livre**, Presidente Prudente, v. 1, n. 28, p. 163-176, jan./jun. 2007.

SILVA, F. C. R. Formação inicial de professores de Geografia no Brasil: Projetos em disputa. In: **Anais do XI RED ESTRADO - Seminario Internacional de la Red ESTRADO: Movimientos Pedagógicos y Trabajo Docente en tiempos de estandarización**. Ciudad de México: UPN, 2016. Disponível em: <http://redeestrado.org/xi_seminario/pdfs/eixo3/357.pdf> Acesso em: 13 set. 2020.

SILVA, M. F. et al. A pesquisa na formação acadêmica: Aprender a pesquisar fazendo pesquisa. In: **Anais do III CONEDU - Congresso Nacional de Educação**. Natal - RN: Centro de Convenções, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_S_A4_ID2958_15082016134604.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, A. M. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SOARES, M. As pesquisas nas áreas específicas influenciando o curso de formação de professores. In: ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 4. ed. Campinas - SP: Papirus, 2005. p. 91-105.

SOARES JÚNIOR, N. E. **O lugar da pesquisa no currículo da formação inicial dos professores da educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SOARES, S. R. A pesquisa como eixo da prática educativa na formação de professores na universidade: desafios e possibilidades. In: **Anais XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**. Campinas - SP: FE/UNICAMP, 2012. Disponível em: <<http://endipe.pro.br/ebooks-2012/1536b.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2020.

SUERTEGARAY, D. M. A. O atual e as tendências do ensino e da pesquisa em Geografia no Brasil. In: **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 16, p. 38-45, 2005.

_____. Pesquisa e educação de professores. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, O. U. (Orgs.). **Geografia em perspectiva: Ensino e pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 109-114.

STEINHILBER, J. Licenciatura e/ou Bacharelado - Opções de graduação para intervenção profissional. In: **Conselho Federal de Educação Física (CONFEF)**, 2006, ano VI, n. 19, mar. 2006.

TOBIAS, J. A. **História da educação brasileira**. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1986.

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco. **Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPE – PDI, 2019-2023**.

_____. **Curso de Geografia - Licenciatura (CFCH)**. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/geografia-Licenciatura-cfch>>. Acesso em: 13 set. 2020.

_____. **Processo histórico da UFPE**. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/institucional/historia>>. Acesso em: 13 set. 2020.

VENTORIM, S. A. **formação do professor pesquisador na produção científica dos encontros nacionais de didática e prática de ensino: 1994-2000**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

VIANNA, I. O. A. A formação de docentes no Brasil: história, desafios atuais e futuros. In: RIVERO, C. M. L.; GALLO, S. (Orgs.). **A formação de professores na sociedade do conhecimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2004. p. 21-54.

VIEIRA, L. A. et al. A pesquisa como princípio educativo: uma proposta metodológica para formação de professores. In: **Anais V CONEDU - Congresso Nacional de Educação**. Olinda - PE: Centro de Convenções, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_S_A1_ID10129_08092018123635.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

WEBER, S. Políticas do Ensino Superior: Perspectivas para a próxima década. In: **Revista da Avaliação da Educação Superior**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 15-18, mar. 2000.

WOITOWICZ, E. **A formação inicial de professores de Geografia no PIBID/UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon-PR (2011-2015)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão - PR, 2016.

WOLFF, R. **A formação inicial de professores de Matemática: A pesquisa como possibilidade de articulação entre teoria e prática**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS, 2007.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa e autor, 1993.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta-convite e apresentação da pesquisa elaborada para os egressos da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia do ano 2019

CARTA CONVITE E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Prezado (a),

Na condição de discente do curso de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), dirijo-me a você para solicitar a sua participação em minha pesquisa de Mestrado sobre a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, em nível de Mestrado, em Recife - PE.

Dessa maneira, gostaria de contar com a sua participação através das respostas ao questionário aberto e fechado que constituirão instrumento de coleta de dados. O objetivo do estudo é compreender a relação entre ensino e pesquisa no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e quais impactos pedagógicos são construídos para a formação inicial a partir da vivência da pesquisa.

Ressalto que o material gerado neste estudo será tratado com respeito e postura ética, preservando a sua identidade enquanto sujeito da pesquisa científica, bem como o seu anonimato diante das informações concedidas.

Desse modo, sua participação envolverá falar sobre quais impactos pedagógicos foram construídos na formação inicial a partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia e em outros componentes curriculares, tendo a pesquisa como princípio educativo durante o ano de 2019. Os dados coletados através de sua participação serão muito importantes e vão fazer toda a diferença para a materialização desta pesquisa. Além disso, contribuirão para fortalecer o campo de estudo que trata da relação entre ensino e pesquisa na formação inicial de professores de Geografia.

Por fim, agradeço a sua atenção e a sua disponibilidade em colaborar com a investigação, e me coloco à disposição, caso necessário, para esclarecer possíveis dúvidas pelo telefone e endereço da pesquisadora. Aguardo suas respostas no questionário.

Atenciosamente,

Valdemira Pereira Canêjo de Andrade
Mestranda em Geografia pelo PPGeo/UFPE

Recife, ____ de _____ de 2020.

Apêndice B – Questionário confeccionado para os egressos da Disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia do ano de 2019

QUESTIONÁRIO ABERTO E FECHADO

1. Qual é o seu sexo?

() Masculino

() Feminino

2. Quantos anos você tem?

() Entre 16 a 20 anos

() Entre 21 a 23 anos

() Entre 24 a 27 anos

() Acima de 28 anos

3. Você mora em que mesorregiões do estado de Pernambuco?

() Região Metropolitana do Recife

() Zona da Mata

() Agreste

() Sertão

() Outro

4. Quantas disciplinas faltam para você concluir o curso de Licenciatura em Geografia?

() Uma

() Duas

() Acima de Três

5. Você trabalha? () Sim () Não. Se você respondeu SIM, indique o tipo de atividade que exerce.

() Estágio

() Profissional

() Autônomo

Empresa familiar

Outro

7. Você realizou algum tipo de estágio como professor de Geografia durante a sua formação inicial na escola?

Sim

Não

8. Você participa/participou de atividades relacionadas ao ensino e/ou a atividades no tocante à pesquisa na UFPE durante a sua formação inicial?

Programa Institucional de Monitoria

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)

Programa de Residência Pedagógica

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

Programas e Projetos de Extensão

Não participei de atividades relacionadas ao ensino e/ou à pesquisa

Outro

9. Mediante a resposta anterior, se você respondeu SIM na questão 8, em que período da graduação? De que forma sua participação acontece/aconteceu?

10. O que é pesquisa para você?

11. Como você entende o papel da pesquisa na formação inicial de professores de Geografia. Justifique a sua resposta.

12. Na sua opinião, como a pesquisa deve estar presente durante o processo formativo dos futuros professores de Geografia? Justifique a sua resposta.

13. Como se deu a vivência da pesquisa durante a sua formação inicial a partir dos Componentes Curriculares do curso de Licenciatura em Geografia? Justifique a sua resposta.

14. Quando você cursou a disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, esta teve impacto pedagógico em outras formas de realizar pesquisa? Justifique sua resposta.

15. Para você, a prática do professor da disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia contribuiu/impactou no processo de construção da pesquisa para a sua formação inicial enquanto futuro professor de Geografia? Discorra sobre a sua opinião.

16. A partir da vivência da pesquisa na disciplina de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Geografia, quais foram os impactos pedagógicos construídos na sua formação inicial enquanto futuro professor de Geografia? Discorra sobre a sua resposta.

17. Você teve dificuldades de desenvolver pesquisas voltadas para o ensino de Geografia durante a sua formação inicial? Se sua resposta for sim ou não, explique.

18. Quais as contribuições da pesquisa para a formação inicial dos professores de Geografia, assim como para o campo de atuação profissional? Discorra sua opinião.

Gratidão por suas contribuições!

Valdemira Pereira Canêjo de Andrade
Mestranda em Geografia pelo PPGE/UFPE